



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Políticas Públicas e Projectos

Relatório de Estágio

**Inovação em museus: o Serviço Educativo do Museu de Arte
Contemporânea de Elvas**

Maria José Serrote Zagalo

Orientador: Prof. Doutor Adão António Nunes Carvalho

Évora, -2012

Mestrado em Políticas Públicas e Projectos

Relatório de Estágio

Inovação em museus: o Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Elvas

Maria José Serrote Zagalo

Orientador: Prof. Doutor Adão António Nunes Carvalho

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao Prof. Doutor Adão Carvalho pelo seu exemplo, incentivo e orientação, pelo seu interesse e disponibilidade em ajudar-me desde o início desta caminhada. Um muito obrigado, sem a sua colaboração este trabalho não teria sido possível.

Um obrigado também à Dra. Isabel Pinto e Patrícia Machado pela oportunidade de me deixarem desenvolver este estágio em consonância com o estágio profissional de Animação Sociocultural.

Agradeço também aos colegas do Museu de Arte Contemporânea, que ao longo deste estágio se transformaram em amigos e me ajudaram e incentivaram durante este percurso, em especial a Vanessa Amaral, a Isabel Serpa, o Manuel Neves e outros colegas que de alguma forma contribuíram.

Aos participantes no Serviço Educativo que aceitaram colaborar neste estudo, tornando possível esta investigação.

À colega e amiga de mestrado Ana Eduardo, que sempre me incentivou e encorajou a abraçar este desafio.

Ao Eugénio pelo seu amor, por ter acreditado, pela compreensão e paciência.

Um grande obrigado à minha família em especial aos meus pais e amigos que não duvidaram e procuraram incentivar, acompanhar e apoiar com carinho, compreendendo a minha ansiedade neste último ano. Fica o enorme obrigado.

A todos os outros com quem partilhei angústias e momentos importantes durante esta caminhada, obrigado!

Resumo

O conceito de museu tem vindo a sofrer ao longo das últimas décadas algumas transformações, acompanhando a evolução da própria sociedade. Neste sentido, importa compreender um museu atual com novas especificidades e adaptado aos seus intervenientes. A par das alterações ocorridas nestas instituições emerge o Serviço Educativo, ao qual compete aproximar a instituição museológica da comunidade. Ao longo dos anos este serviço tem vindo a alargar os seus âmbitos de atuação, direcionando e adequando a sua oferta para os diferentes públicos (escolar, sénior, famílias, etc.) e utilizando métodos de comunicação que partilhem o seu potencial cultural. Neste contexto, através da realização de um estágio no Museu de Arte Contemporânea de Elvas, surgiu a oportunidade de analisar “*in loco*” o funcionamento do Serviço Educativo desta instituição como um elemento estratégico inovador que consiga captar, educar e aproximar a comunidade ao museu em análise.

Palavras-chave: inovação; serviço educativo; museus; públicos; mediação

Innovation in Museums: The Educational Service at the Museu de Arte Contemporânea de Elvas

Abstract

The museum concept has been suffering transformations over the last few decades, following the evolution of society itself. In this regard, it is important to understand the role of a modern museum, its new features and adaptation to its stakeholders and environment. Along the changes occurred in these institutions arises the museum's Educational Service, which is committed to promote the contact and shorten the distance between the museum institution and the community it serves. Along the years this service has expanded its areas of action by directing and adjusting its offer to different audiences (schools, senior people, families, etc.) through methods of communication that share the institution's cultural potential. In this context, over the training period at the Museum of Contemporary Art in Elvas I had the opportunity to understand "in loco" how its Department of Education works as the strategic and innovative instrument to capture, educate and bring the community to the museum under analysis.

Keywords: innovation, educational service; museums; audiences; mediation

Índice

Lista de Figuras-----	ix
Capítulo 1 - Introdução -----	1
1.1. Âmbito e motivação-----	1
1.2. Objetivos de estudo-----	2
1.3. Importância do estudo-----	3
1.4. Estrutura geral do trabalho-----	4
Parte I – Caminhos da instituição museu -----	7
Capítulo 2 - Função e evolução dos museus-----	8
2.1. A emergência do museu em Portugal-----	9
2.2. O conceito de museus nos dias de hoje-----	11
2.3. Funções dos espaços museológicos -----	13
2.4. Síntese-----	15
Capítulo 3 - Os museus e os seus públicos-----	16
3.1. Diferentes tipos de públicos-----	17
3.2. A importância da comunicação num museu-----	19
3.3. A responsabilidade social do museu-----	20
3.4. Síntese-----	22
Capítulo 4 - A afirmação do serviço educativo em museus-----	23
4.1. A emergência do serviço educativo em Portugal-----	24
4.2. O serviço educativo como elemento inovador-----	25
4.3. Estratégias e práticas do serviço educativo-----	30
4.4. Síntese-----	32
Parte II – Relatório de estágio no Museu de Arte Contemporânea de Elvas-----	34
Capítulo 5 - Metodologia-----	35
5.1. Apresentação de objetivos-----	35

5.2. Questões metodológicas-----	37
5.3. Síntese-----	41
Capítulo 6 - O Museu de Arte Contemporânea de Elvas na atualidade-----	42
6.4. História e desenvolvimento-----	43
6.2. Missão, objetivos e constituição-----	44
6.3. O meio e a realidade envolventes-----	46
6.4. Síntese-----	48
Capítulo 7 - Apresentação do serviço educativo do MACE-----	50
7.1. Missão e objetivos do serviço educativo-----	51
7.2. Oferta de práticas educativas-----	52
7.3. Públicos afetos ao MACE e à sua programação-----	53
7.4. Síntese-----	57
Capítulo 8 - O Estágio no MACE-----	58
8.1. Funções e atividades desenvolvidas-----	59
8.2. Análise do funcionamento do serviço educativo-----	62
8.2.1. Os públicos do museu-----	62
8.2.2. Utilizadores do serviço educativo-----	64
8.2.3. A oferta educativa desenvolvida-----	68
8.2.4. Razões para visitar o MACE-----	71
8.2.5. Aspetos positivos e negativos do serviço educativo-----	73
8.2.6. Estratégias de comunicação-----	76
8.3. Visão de pontos fortes e pontos fracos-----	80
8.4. Síntese-----	82
Capítulo 9 - Repensar práticas e estratégias-----	83
9.1. Comunicação externa-----	83
9.2. Equipa do serviço educativo-----	86
9.3. Programa educativo-----	86
9.4. Públicos do serviço educativo-----	87
9.5. Avaliação das atividades-----	87

Capítulo 10 - Conclusão-----	90
Bibliografia-----	93
Anexos-----	98
Anexo I – Questionário aplicado aos utilizadores do MACE-----	100
Anexo II – Guião de entrevista realizada à direção do MACE-----	103
Anexo III – Cartaz do programa educativo referente à exposição “ <i>Staging the Archive</i> ”-----	105
Anexo IV - Cartaz do programa educativo referente às férias de natal-----	107
Anexo V – Cartaz do programa educativo referente à exposição “ <i>Génesis</i> ”-----	109
Anexo VI - Cartaz do programa educativo referente às férias de páscoa-----	111

Lista de Figuras

Figura 1 - Fachada do Museu de Arte Contemporânea de Elvas-----	44
Figura 2 e 3 - Espaço do Serviço Educativo-----	53
Figura 4 - Número total de participantes no serviço educativo (2007-2012)-----	55
Figura 5 - Média mensal do número de participantes no serviço educativo (2007-2012) -----	56
Figura 6 - Programa serviço educativo – exposição “ <i>Staging the Archive</i> ”-----	60
Figura 7 - Programa serviço educativo – férias de verão-----	60
Figura 8 - Programa serviço educativo – férias de natal -----	60
Figura 9 - Programa serviço educativo – exposição “ <i>Génesis</i> ”-----	61
Figura 10 - Programa serviço educativo – férias de carnaval-----	61
Figura 11 - Programa serviço educativo – férias de páscoa-----	61
Figura 12 - Número total de visitantes do MACE (2007-2012) -----	63
Figura 13 - Média mensal de visitantes do MACE (2007-2012) -----	64
Figura 14 - Número mensal de participantes no Serviço Educativo durante o período de estágio (junho de 2011 e maio de 2012) -----	65
Figura 15 - Nível de escolaridade dos utilizadores do serviço educativo-----	68
Figura 16 - Motivos que levam os inquiridos a participar nas atividades do serviço educativo-----	72
Figura 17 - Influência do serviço educativo na ida ao MACE-----	73
Figura 18 - Aspetos positivos do serviço educativo-----	74
Figura 19 - Aspetos positivos do serviço educativo-----	74
Figura 20 - Motivos que levaram os inquiridos a visitar o MACE-----	78
Figura 21 - Forma como os inquiridos souberam da existência do serviço educativo-----	79
Figura 22 - Análise SWOT do serviço educativo-----	80

Capítulo 1

Introdução

1.1. Âmbito e motivação

O presente trabalho tem como âmbito o Mestrado em Políticas Públicas e Projectos, que integra a oferta de ensino do Departamento de Economia da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, pretende analisar a relevância do Serviço Educativo num contexto museológico, decorrente da realização de um estágio profissional no Museu de Arte Contemporânea de Elvas, especificamente no espaço educativo do mesmo. De facto, esta oportunidade permitiu a realização de uma investigação mais real que contribuiu para um melhor desenvolvimento desta iniciativa, uma vez que, o contacto direto com esta instituição e concretamente com o espaço educativo da mesma no sentido de investigar o seu funcionamento revelou-se uma motivação permanente ao longo deste processo. Além disso, esteve sempre presente a intenção de conseguir adquirir um conhecimento frutífero que nos permitisse verificar a pertinência e exequibilidade da natureza deste estudo.

Neste sentido, considerando a evolução que o conceito de museu tem vindo a sofrer ao longo dos anos a par da própria transformação da sociedade e dos seus ideais, tornou-se pertinente compreender até que ponto a emergência (e inclusive a evolução) do Serviço Educativo contribuiu para aproximar e até “revolucionar” a relação entre museu/visitante, o que por si só pode ser considerado uma inovação. Reportando-nos ao nosso país, importa salientar que foi na década de cinquenta do século passado que o primeiro Serviço Educativo aparece impulsionado pelo diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, o Dr. João Couto. Na década seguinte, foram vários os museus espalhados pelo território nacional que acolheram estes serviços. Consequentemente, este período (anos 60) é encarado como um marco de acontecimentos e desenvolvimentos nesta área, sendo destacada a importância da “dimensão de educação do museu num trabalho com um carácter organizado e sistemático, objetivos definidos e atividades específicas” (Costa 1996:287).

Considerando que uma instituição museu deve apostar num conhecimento profundo sobre os seus públicos (quer sejam utilizadores com hábitos e com mais facilidade em aceder a este tipo de oferta cultural ou utilizadores que não consomem

este tipo de cultura), assim como ajustar as suas ações às características e necessidades que estes apresentam, torna-se fundamental que haja uma aposta na criação de estratégias de mediação, no sentido de intensificar as relações entre a instituição e o visitante. A aposta na vertente educativa e de aprendizagem por parte dos museus tem sido cada vez mais recorrente, no sentido de conseguir atrair públicos e consequentemente inverter a tendência verificada até então, isto é, de um museu dirigido a públicos restritos e mais elitistas. Por conseguinte, esta abertura dos museus à população na sua generalidade acarretou diversas mudanças no âmbito da sua atuação, que implicou a introdução de algumas inovações nestas instituições.

1.2. Objetivos do estudo

Neste sentido, com as mutações ocorridas no seio dos museus, nomeadamente no que significou a sua abertura à população em geral, importa assim analisar e compreender esta relação entre o museu e o visitante. Como já foi dito, o Serviço Educativo como espaço relativamente recente nos museus, manifesta as suas funções de mediador e de instrumento responsável por chegar até aos públicos, proporcionando momentos educativos de aprendizagem. Especificamente, este estudo teve lugar no Museu de Arte Contemporânea de Elvas e visou aferir sobre o seu Serviço Educativo em particular e o qual teve a duração de um ano (dado que o estágio profissional a ser desenvolvido decorreu entre Maio de 2011 e Maio de 2012). Refira-se que o Serviço Educativo não é exclusivo do MACE, ou seja, muitos outros museus de natureza diversa incluem este tipo de serviço. O estágio aconteceu no espaço educativo do MACE, onde se pretendia tornar este espaço mais dinâmico e ativo, revitalizando a sua funcionalidade. É neste sentido que surge como fio condutor para a pertinência e clareza deste processo de investigação, a definição de uma questão de partida manifestou-se um elemento fundamental. Desta forma, a questão que deverá estar presente no desenrolar deste trabalho foi definida da seguinte forma:

O serviço educativo do Museu de Arte Contemporânea de Elvas constitui-se como um elemento estratégico inovador de mediação entre o museu e os públicos?

Esta interrogação pretende evidenciar até que ponto o serviço educativo no Museu de Arte Contemporânea de Elvas se traduz como um serviço inovador, verificando-se

inclusive como um fator “chave” e estratégico para captar, educar e inclusive aproximar eficazmente a comunidade a este museu. De facto, a evolução do conceito de museu trouxe consigo algumas mudanças quer ao nível das suas funções, quer do seu âmbito de atuação, o que originou uma necessidade deste espaço se (re)adaptar e definir novas estratégias de intervenção (mudanças organizacionais, introdução de novos serviços, etc), que por si só revela uma atitude inovadora face às novas exigências.

Desta forma, o presente trabalho pretende ser um contributo que ajude a clarificar questões relacionadas com a introdução do Serviço Educativo neste museu. Por conseguinte, sendo este o objetivo central para esta investigação, a metodologia adotada para o seu desenrolar foi a investigação-ação. Assim, o âmbito da ação constitui-se um forte motor de interação com a realidade em estudo, apoiando-se no estágio profissional a ser desenvolvido, que consequentemente possibilita um contacto mais ativo com o contexto educativo do museu, com as suas funções, estratégias e práticas. Já o campo da investigação, constitui-se um forte motor de recolha de informação, tanto interna como externa ao local. Também importante para enriquecer este documento, são as entrevistas e os inquéritos por questionário a diferentes intervenientes.

Esta vertente metodológica permite também considerar outros objetivos deste estudo como identificar as estratégias utilizadas pelo Serviço Educativo que permitem uma aproximação da comunidade ao museu; compreender os interesses e as motivações que os visitantes manifestam durante as práticas educativas; averiguar a forma como o espaço educativo é encarado pela gestão do museu e ainda avaliar as práticas educativas desenvolvidas e consequentemente sugerir formas de alteração/melhoramento das mesmas.

1.3. Importância do estudo

Com as alterações (políticas, socioeconómicas e culturais) ocorridas no seio da sociedade, também o conceito de museu sofreu alterações tendo que se adaptar às novas realidades emergentes. Assim sendo, o museu passa a ser encarado como um espaço vivo, dinâmico e interativo, onde a participação da comunidade passou a ser fator essencial e determinante para o despoletar de novas funções assumidas por esta instituição. Esta nova abordagem ao conceito de museu originou uma maior abertura à sociedade traduzindo-se numa readaptação do museu a um público-alvo cada vez mais variado, assim como um reajuste das suas funções e da sua oferta. Posto isto, refira-se

ainda que além da tradicional função de expor e conservar, os museus têm também uma função bastante importante relacionada com a vertente educativa, a qual desempenha um papel ativo na aprendizagem dos visitantes.

Desta forma, o presente trabalho pretende ser um contributo que ajude a clarificar questões relacionadas com a vantagem de existir um Serviço Educativo num espaço cultural desta natureza inserido num meio com características próprias (geográficas, populacionais, realidade envolvente, etc.), nomeadamente enquanto elemento inovador que permita um contacto estratégico de mediação com a comunidade, tendo em conta as estratégias e os instrumentos utilizados no sentido de aproximar os públicos a estas instituições. Este trabalho pretende ser também um contributo para um melhor conhecimento sobre o funcionamento deste tipo de instituições, nomeadamente no que respeita aos seus objetivos e missão, ao tipo de aposta em diferentes práticas, o que é pretendido com a sua intervenção, os públicos que pretendem captar, acrescentando assim uma nova abordagem neste contexto onde os conceitos de museu e inovação se cruzam.

1.4. Estrutura geral do trabalho

Para uma melhor organização deste trabalho, houve a necessidade de o dividir em duas partes distintas: uma mais teórica para enquadramento do tema em análise e outra mais empírica que analisa uma realidade concreta. Desta forma, a primeira parte que diz respeito à parte teórica que nos remete para o enquadramento deste trabalho e onde serão desenvolvidos conceitos que estão na base da temática em questão. Assim, o primeiro capítulo destina-se a abordar o conceito de museu focando a sua evolução e as suas funções. Este conceito traduziu o ponto de partida para podermos enquadrar a importância que este espaço tem vindo a ganhar na sociedade, através da sua afirmação enquanto espaço educativo e de aprendizagem, abordando assim este conceito na atualidade.

O segundo capítulo aborda os diferentes públicos (desde o público escolar ao público sénior) que o museu deve conhecer, isto é, com o crescente protagonismo que os intervenientes neste tipo de instituições têm vindo a assumir, importa criar uma oferta adequada às características de cada público e conseqüentemente “chegar” até novos públicos. Para além de um conhecimento sobre as várias “categorias” de públicos, o museu deverá ter também em atenção, por um lado, o público que mantém o

hábito de frequentar este espaço e por consequência tem facilidade de acesso a este tipo de cultura e, por outro lado, um público “marginalizado” que raramente usufrui deste tipo de instituições e que deve ser estimulado para o fazer.

Este conhecimento sobre os públicos revela-se fulcral dado que atualmente existe um leque de ofertas ocupacionais muito aliciantes (como a internet, os jogos de computador, as consolas, entre outros) que o museu deve considerar de modo a garantir uma oferta atrativa, que seja uma opção em detrimento de outras ofertas. Neste sentido, focar a função comunicativa do museu revela também uma importância significativa, tendo em conta a qualidade do contacto que o visitante estabelece com o museu desde a sua chegada. Além disso, ao museu cabe também ter uma responsabilidade social, nomeadamente através de um contributo para a igualdade social, não marginalizando grupos que queiram ser consumidores deste tipo de cultura e atraindo públicos que à partida se possam sentir marginalizados ou sejam propensos a não consumir este tipo de produtos.

Já no que respeita ao terceiro capítulo, é feita uma abordagem ao Serviço Educativo, numa perspetiva de se compreender como este serviço se tem desenvolvido e consolidado ao longo do tempo em museus, através de um trabalho estratégico de mediação, com vista a proporcionar momentos de aprendizagem aos visitantes.

Segue-se a segunda parte deste trabalho com uma vertente mais empírica, onde o Museu de Arte Contemporânea de Elvas (MACE) é explorado. Assim, o quarto capítulo apresenta a metodologia, evidenciando primeiramente a apresentação e a descrição de objetivos propostos, descrevendo mais detalhadamente o que se pretende com este estudo. Ainda neste capítulo haverá lugar para as questões metodológicas no sentido de fundamentar os procedimentos usados no decorrer desta investigação, assim como a sua aplicação de modo a responder aos objetivos propostos.

No quinto capítulo, é feita uma contextualização do espaço em estudo, descrevendo a história e o desenvolvimento do MACE. A sua constituição, missão e objetivos, são também referenciados, de modo a conseguirmos perceber a emergência desta instituição museológica. Também o sexto capítulo pretende fazer uma abordagem ao Serviço Educativo do MACE, onde é focado essencialmente a sua criação, a missão e os objetivos, definidos com o intuito de levar a cabo esta iniciativa mediante uma programação específica e atrativa, a qual será também mencionada neste capítulo.

O penúltimo capítulo visa então descrever o momento de estágio realizado no MACE. Assim, depois de aplicados os instrumentos metodológicos e recolhidos os

dados, é feita uma análise e tratamento de dados empíricos focando essencialmente os públicos, a oferta educativa e as estratégias de comunicação que fazem parte deste espaço educativo.

Por fim, o oitavo e último capítulo inclui uma reflexão sobre todo o trabalho de estudo realizado durante o período de estágio, assim como a apresentação de sugestões de melhoria, que visam um melhor funcionamento deste espaço educativo no futuro. Como não poderia deixar de ser, serão também apresentadas as conclusões inerentes a este processo de investigação, onde se pretenderá aferir sobre esta instituição museológica.

Parte I

Caminhos da instituição museu

Capítulo 2

Função e evolução dos museus

O presente capítulo propõe-nos um melhor entendimento sobre a evolução da instituição museológica, no sentido de podermos seguir uma linha condutora que nos permita compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo em museus, afetando não só as suas funcionalidades mais genéricas, como o seu âmbito de atuação, a sua oferta e a sua própria organização. Assim, este capítulo manifesta-se importante no sentido de conseguirmos entender como os museus se foram afirmando, adaptando-se às alterações que foram ocorrendo na própria sociedade em diversos âmbitos.

Ao falamos de museus importa ter presente que o seu significado tem variado ao longo dos séculos. E por isso mesmo, recuando até à antiguidade clássica “mouseion” ou “Casa das Musas”, tem a sua origem na Grécia e “o termo museu referia-se ao templo das Musas, e, por extensão, à pequena colina de Atenas consagrada também às Musas” (Coelho, 1996:365). No sentido de reforçar esta ideia, ao recuarmos aos primórdios da nossa história, encontraremos já as primeiras coleções de objetos preciosos nos templos ou nos túmulos dos soberanos egípcios e mesopotâmicos ou santuários votivos dos gregos.

Após esta primeira conceção de museu, avizinhou-se um longo período de onde a realidade museológica não despoletou desenvolvimentos, mantendo-se apenas uma variedade de objetos luxuosos agregada em diferentes partes do mundo, sendo a maioria das coleções guardadas pelo seu valor monetário ou pelo seu valor único. Posto isto, segue-se um período de desenvolvimento dos museus, ligado ao período renascentista. O Renascimento parece ter trazido novas preocupações juntamente com o interesse pelo estudo da natureza, da invenção e do talento artístico. *“El renacimiento registro una fuerte intensificación de la actividad coleccionista. Las cámaras artísticas, sobre todo la de algunos príncipes renascentistas, fueran las precursoras de nuestros modernos museos”* (Bolaños, 2002:46). Em 1477 o Papa Sisto IV fundou um *Antiquarium* aberto ao capitólio de Roma, exemplo que foi seguido. Já no século XVI, a influência clássica veiculada pela corrente humanista manifestou o gosto do colecionismo, despoletando o preenchimento de galerias com pinturas, esculturas e de toda uma variedade de peças genuínas ou réplicas da antiguidade.

Por conseguinte, é nos séculos XVIII e XIX que se coloca em causa se os museus deveriam ser espaços restritos a um público seletivo, ou se pelo contrário deveriam estimular a aprendizagem do público em geral. De facto, os museus foram encarados durante um longo período de tempo como um espaço restrito onde se encontravam dispostos valiosos objetos (intocáveis) e inclusive importantes coleções encaradas como importantes heranças culturais e patrimoniais. O espaço museu associava-se ainda a um local antigo, frio, restrito e destinado a determinadas elites.

No entanto, com o passar dos anos assistimos a uma viragem e a uma emergência relacionada com a nova conceção de museu. O século XX, na sequência de um interesse generalizado pelo passado, manifestou-se como o tempo dos museus. E desta forma, a par das alterações que a humanidade sofreu em pouco tempo, numa época de revoluções políticas, socioeconómicas e por inerência culturais, também o conceito de museu passa a ser encarado como um espaço vivo, dinâmico e interativo, onde a participação dos públicos passou a ser um fator essencial e determinante no despoletar de novas funções assumidas por estas instituições. O papel dos museus passa assim pela utilização das suas coleções com fins educacionais, onde se expressa a necessidade de informar para instruir, permitindo inclusive justificar os pontos de partida e as diversas vias de evolução do homem e daquilo que o rodeia.

2.1. A emergência do museu em Portugal

Abordando a história dos museus em Portugal, verifica-se que esta acompanha a própria evolução da sociedade e cultura portuguesas. De facto, já no reinado de D. Maria I, o Marquês de Angeja esboçava o projeto para um Museu de História Natural. No entanto, é com as reformas pombalinas de 1772 que poderemos falar da existência de museus em Portugal, com a criação do “Museu de História Natural, anexo à Universidade de Coimbra” (Felgueiras, 2000:63). Este espaço emerge então interligado com o ensino mais elevado, nomeadamente o ensino universitário (alunos e professores), embora se dirigisse também a uma população mais restrita e letrada.

Torna-se igualmente importante considerar o ato ou a prática de colecionar, como estando na *gênesis* de alguns núcleos museológicos. Na verdade, as primeiras instituições museológicas que remontam ao século XVIII eram constituídas por pequenos espaços privados (galerias e gabinetes), aos quais apenas uma pequena elite (eruditos, investigadores, cientistas, viajantes) tinham acesso.

Já o segundo período da museologia em Portugal é assinalado pelo aparecimento de museus públicos em meados do século XIX, onde o museu se afirma como um espaço público e pedagógico. Concretamente, em 1833 dá-se “a criação do primeiro museu público em Portugal” (Felgueiras, 2000:63), o *Museu Portuense*, proporcionando neste sentido, que outros surgissem de imediato e originando um novo impulso no que respeita à museografia em Portugal, introduzindo inclusive o conceito de museu como centro de cultura e arte, passível de ser utilizado por artistas e pelo povo. Ainda no mesmo século, os museus ligavam-se de várias formas ao sistema de ensino, registando-se exposições para escolas e outros eventos culturais para as camadas populares (Idem, 63,64). Desta forma, foi-se estabelecendo progressivamente um vínculo entre o museu e a escola.

Embora no início do século XX Portugal estivesse longe de acompanhar o dinamismo cultural expresso na maior parte da Europa, a instauração da república em 1910 veio impulsionar uma nova esperança nas pequenas elites culturais, num âmbito de investimento a nível educacional e cultural muito escasso no nosso país.

Os museus iam-se afirmando como espaços educativos, manifestando-se nesta época a necessidade de criar museus locais e regionais com objetivos didáticos e científicos, que considerassem as manifestações culturais da comunidade¹. Em 1932 com a publicação do Decreto-Lei nº 20.985 de 7 de Março, os museus passam a estar dependentes do Ministério da Instrução Pública, que Silva (2002) considerou ser uma medida fortemente centralizadora, acompanhada por uma classificação segundo três categorias:

- “museus nacionais” (todos em Lisboa: Arte Antiga, Arte Contemporânea e Coches);
- “museus regionais” (Machado de Castro em Coimbra; Grão Vasco em Viseu; Aveiro; Évora; Bragança, Lamego);
- “museus municipais, tesouros de arte sacra e outras coleções, oferecendo valor artístico, histórico e arqueológico”.

Mais tarde, após a Segunda Guerra Mundial, emerge um novo olhar sobre o papel educativo de transmissão de conhecimentos do museu, afirmando-se este “como agente da socialização, e chega a ser encarado como um elemento essencial de

¹ De que é exemplo o Museu de Évora em 1915; o Museu do Abade de Baçal em Bragança em 1915; o Museu de Leiria em 1917, entre outros.

desenvolvimento da sociedade pela sua ação no processo de educação permanente dos indivíduos” (Moreira, 1989:127).

Neste sentido, note-se que a década de 60 se traduziu como uma época relevante, na qual é criada a Associação Portuguesa de Museologia e é publicado o Decreto nº 46758 divulgando o Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia, como elemento bastante inovador traduzindo importantes mudanças e pretendendo que os museus passem a ser “organismos vivos, tão aptos para suscitar o interesse do estudioso e do conhecedor, como o do público em geral”². Foi então que a necessidade de adaptação a modernos princípios museológicos, assim como a necessidade da criação de atratividades inovadoras conduzissem mais público ao museu, ou até a necessidade de haver um contacto com as escolas, originaram uma nova conceção de museu, mais próxima da comunidade. Assim, o museu tende a deixar para trás as suas funções exclusivas de conservação e ser acessível apenas a um público restrito (elitista) e passa a privilegiar uma vertente mais ativa de comunicação e de interação com as camadas sociais, democratizando desta forma a cultura.

Também a revolução de 25 de Abril de 1974 veio conduzir a “profundas transformações políticas, sociais e culturais que foram moldando um país libertado (...) com profundo impacto, positivo e transformador, na evolução dos museus portugueses” (Silva, 2002:97). Desde a década de 70 até hoje, as preocupações com a defesa do património têm aumentado, refletindo-se no investimento que tem vindo a ser realizado na área da museologia, assim como através da dedicação de muitos particulares na conservação de patrimónios locais. Este investimento manifestou-se também com a crescente europeização do país, à qual se foi dando, segundo Faria (2001:4), “maior importância à definição de uma identidade nacional”, implicando “um maior investimento do Estado na valorização da imagem patrimonial do país e das instituições museais”.

2.2. O conceito de museu nos dias de hoje

A instituição museológica, assim como muitas outras instituições, tem vindo ao longo do tempo a acompanhar o despoletar das mudanças sociais, e conseqüentemente a alterar o seu campo de atuação. “Efectivamente, el tradicional museo decimonónico, de

² Segundo o Decreto nº 46758 do Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia de 18 de Dezembro de 1965; pp. 1696

carácter cerrado y elitista, no tiene nada que ver con los museos actuales” (Homs, 2007:25). Associa-se assim um novo pensamento de museu “havendo agora consciência de que necessita de se libertar do seu espaço tradicional e limitado, para se tornar acessível ao grande público” (Muchacho, s/d). Ou seja, o museu molda-se em função das necessidades que imperam na sociedade atual, reunindo esforços no sentido de conseguir captar um público cada vez mais diversificado e exigente.

De facto, o conceito de museu como o conhecemos hoje, como uma instituição ao serviço da população, demorou alguns anos a estabelecer-se, e tal como Helena Mantas refere, o museu é encarado atualmente como uma “instituição sócio-cultural que cumpre um serviço público, estando-lhe inerentes, além das suas funções de recolha, conservação e exibição de objetos, uma função educativa como produtor e promotor científico e cultural”³. De facto, esta viragem no campo museológico originou uma maior abertura à sociedade e consequentemente uma (re)adaptação do museu a um público-alvo cada vez mais variado. Assim, houve uma nova preocupação por parte dos museus, quer em adequar as suas funções e a sua oferta ao público que pretendem atingir, quer através de infraestruturas e de uma oferta cultural adequadas.

Reforçando esta evolução, destaque para algumas mudanças que “ocorreram a vários níveis: organizacional, político, sociológico e simbólico. A nível *organizacional*, (...) foi necessário (re)organizar internamente os serviços, especificar e separar algumas funções, como sejam a direção, a gestão, a comunicação, etc. Não se pode, contudo, separar estas questões organizativas internas, das *políticas* culturais nacionais onde se inscrevem, pois muitos museus estão sob tutela administrativa e/ou financeira de instituições públicas, submetendo-se à lógica da sua política cultural. A nível *sociológico e simbólico* as mudanças são mais profundas, pois a noção de património foi alargada dando origem a novos tipos de museu e, consequentemente, novas dificuldades à sua conservação, gestão e valorização” (Davallon, 1997:7,8).

A par das mutações que se fizeram sentir nos níveis referidos anteriormente, também a nível educacional o museu sofreu significativas mudanças, o que se traduziu num processo de democratização cultural, uma vez que os museus se tornaram importantes veículos de comunicação para um público cada vez mais exigente e variado. Neste âmbito, consideremos a educação ligada à comunicação, pois ambas se relacionam como já referido, com uma vocação sociocultural. Note-se ainda, que a

³ Com base no documento “Brincar e Aprender” de Helena Alexandra Soares Mantas emitido pelo Serviço Educativo do Museu de S. Roque.

“riqueza de um museu não reside só no valor das suas coleções mas, igualmente, no potencial de informação, na capacidade técnica, no poder de comunicação, na qualidade do pessoal especializado e no programa museológico que apresenta” (Bourdieu e Darbel, 1985).

Nos últimos anos temos acompanhado a emergência de museus e de centros de arte moderna e/ou de arte contemporânea enquanto instituições de política cultural que estimulam o turismo, a cultura e manifestam como ferramenta de intervenção social. Os museus de arte contemporânea traduzem-se como o resultado de um processo de especialização (temas/conteúdos mais específicos) e fragmentação dos museus a partir do século XIX. O termo ‘contemporâneo’ surge então como forma de definir a especialização e concetualização de um tipo (ou subtipo) de museu, relacionado com a distinção entre as denominações de moderno e contemporâneo que acontecem no decorrer da primeira metade do século XX. Este mesmo século marca o desenvolvimento e o estabelecimento da museologia enquanto disciplina, marcando igualmente o desenvolvimento do museu de arte contemporânea como resultado de um contexto cultural, político e económico sujeito a alterações constantes.

2.3. Funções dos espaços museológicos

A abertura do museu aos diversos públicos (e referimo-nos à palavra “públicos” dada a heterogeneidade e multiculturalidade de indivíduos que frequentam este tipo de instituição cultural que deixa de ser acessível apenas às elites), assim como o despoletar da sua responsabilidade social ao longo das últimas décadas, levou à sua afirmação como espaço de educação e aprendizagem. Assim, os museus para além da tradicional função de conservar e expor, têm também outra função relacionada com a atividade educativa em prol da comunidade. A esta vertente educativa podem estar associadas dimensões como a vontade de transmitir e a de construir conhecimento, permitindo-nos autonomizarmo-nos como sujeitos portadores, reprodutores e produtores de cultura. Esta vertente educacional assume a conjugação entre a dimensão de ação exterior e o desenvolvimento interior, que quando se articulam contribuem para que sejamos culturalmente competentes e consigamos usufruir do conhecimento adquirido através de um pensamento crítico e pessoal.

Autores como Hooper-Greenhill (1998:25) referem que a educação passou a ser a razão para a ida aos museus, remetendo-nos para uma ideia de instituição museu como

espaço educativo, que conjugando um espaço adequado, atividades estruturadas e aliciantes, promovem uma aprendizagem ativa e construtiva. Desta forma, refletir a vertente educativa nos museus conduz-nos para um pensamento mais abrangente, no sentido de encarar estas instituições como espaços onde se reflete a cultura, assim como espaços onde esta emerge.

Ao se encarar o museu como um espaço educativo, torna-se interessante começar por compreender o conceito educação. E considerando as mutações ocorridas ao longo dos tempos a vários níveis, a educação sofreu também ela alguns ajustes, nomeadamente num prisma em que educação deixou de ser sinónimo de escola e ensino formal, passando para uma noção mais ampla, aberta, informal e diversificada. Assim, o museu como espaço educativo, por ser extremamente ativo e construtivo, permite ao visitante adquirir novas experiências educativas. Esta aprendizagem dá-se quando a ida ao museu deixa de ser uma mera visita, e passa a ser uma experiência educativa de aprendizagem e de formação.

Como afirma Hooper-Greenhill (1998: 191), nos museus esta educação espelha-se nas exposições, oficinas, publicações, para públicos muito diversos, com diferentes origens e de diversas faixas etárias. Neste sentido, a educação em museus remete o seu âmbito mais para um processo de aprendizagem do que propriamente um meio para atingir resultados (como acontece no seio escolar). Assim, a exposição é encarada como um meio que o museu utiliza para comunicar, permitindo ao mesmo tempo “realizar de modo específico a (sua) missão cultural e educativa” (Nabais e Carvalho, 1993:138).

Por conseguinte, os avanços sentidos no que respeita ao conceito de museu, estabelecem por um lado um museu interativo, flexível e interveniente, e por outro lado, um museu como instituição como espaço privilegiado e cada vez mais apreciado para uma aprendizagem informal. Ao ser encarado desta forma, o museu contribui para o desenvolvimento de competências ao nível da interpretação e do pensamento crítico do seu público, o que por sua vez se traduz numa missão educativa eficaz, capaz de impulsionar o desenvolvimento pessoal dos indivíduos.

Importa também mencionar que, com o alargamento da missão educativa no museu, houve neste sentido um alargamento no que respeita à diversidade de públicos. Ou seja, surgem novos programas educativos não dirigidos apenas ao público escolar, mas agora também direcionados para a terceira idade, para as famílias, para indivíduos com necessidades especiais ou até para grupos culturalmente minoritários. Desta forma, a existência de um serviço educativo como um instrumento facilitador de mediação e

responsável por “chegar” aos públicos e acompanhar as suas motivações, é uma política educativa seguida por estas instituições, com objetivos e estratégias delineadas, com vista a cumprir o seu papel social e educativo eficazmente.

Em suma, e com base no que foi referido anteriormente sobre o processo educativo dos museus, assim como sobre o processo de aprendizagem inerente a estas instituições, torna-se inevitável considerar que os museus tendem a adaptar e refletir as suas práticas em função do paradigma atual deste espaço, que impulsiona, promove e oferece um leque de conhecimentos e de experiências educativas e ativas aos seus visitantes.

2.4. Síntese

É sobretudo com as alterações ocorridas no seio da sociedade que os museus sofrem uma evolução, acompanhando assim as mudanças sociais e (re)adaptando as suas funções e o seu campo de atuação. Neste sentido, o museu passa a ser encarado como uma instituição ao serviço da população, que deixa de ser apenas acessível a grupos específicos e centrando as suas funções não só na recolha, na conservação e exibição de objetos, mas também na transmissão e produção de conhecimentos.

Na verdade, foi a vários níveis que ocorreram as alterações (organizacional, político, sociológico, simbólico e educacional), no entanto destaques a vertente educacional dada a importância que os museus adquiriram como veículos de comunicação. Esta vertente passou assim a ser o motivo principal da ida aos museus, o qual proporciona aos visitantes momentos de aprendizagem de forma ativa e construtiva, que se apoia numa aprendizagem informal cujo intuito não se centra na obtenção de resultados. Abordar o conceito de museu na antiguidade revela a sua pertinência, dadas as alterações que este conceito sofreu ao longo do tempo. Neste sentido a visão de museu atual é bastante diferente e por isso existe a necessidade de incluir um Serviço Educativo adequado às atuais funções museológicas ao contrário das necessidades e função associadas ao museu na antiguidade.

Capítulo 3

Os museus e os seus públicos

Tal como tem vindo a ser referido até então, o conceito de museu tem sido alvo de transformação, acompanhando os avanços da sociedade nos seus diferentes contextos. Neste sentido, o museu tornou-se um espaço complexo, com necessidade de readaptar as suas funções ao contexto atual. Assim, “as mudanças verificadas e a complexidade adquirida sobretudo ao crescente reconhecimento da importância dos públicos” (Barros, 2008:14) originaram que estes se tornassem progressivamente protagonistas do museu contemporâneo. Para trás ficou o museu direcionado para si próprio, para as suas coleções e para o armazenamento de objetos portadores de história, emergindo “um espaço aberto aos e para os públicos, um espaço de aprendizagem ativa” (Hooper-Greenhill, 1998:9).

Para Ana Barros (2008:14-15), “esta crescente importância dada aos públicos exigiu do museu uma gradual adaptação, com a introdução e desenvolvimento de novas áreas de atuação, para além das suas tradicionais funções centradas nas coleções: a conservação, a investigação e a exposição”. De facto, o espaço museológico tem vindo a adaptar-se e a proporcionar novas experiências aos visitantes, colocando ênfase em momentos de aprendizagem, no confronto de ideias e questões numa perspetiva de autorreflexão, oferecendo à comunidade uma igualdade de oportunidades e de inclusão.

Sendo o espaço museológico um espaço amplo e de aprendizagem, torna-se fulcral considerar não só o conhecimento específico dos diferentes públicos (que compõem o grupo de visitantes do museu, sejam eles utilizadores fidelizados ou potenciais utilizadores), mas também ter em atenção o pessoal que exerce funções no museu (desde conservadores, vigilantes, rececionistas, guias, educadores) e que espelham todo um trabalho de equipa neste espaço. “Ao chegar ao museu, para além do espaço que acolhe o visitante, é o pessoal que tem um papel de grande importância na receção do mesmo” (Hooper-Greenhill, 1998:133).

Neste capítulo, importa compreender o crescente protagonismo que os diferentes intervenientes têm vindo a assumir nos museus do mundo contemporâneo, tornando-se pertinente atentar por um lado o público (utilizador e potencial utilizador) e por outro lado o pessoal afeto profissionalmente ao museu. Por outro lado, torna-se igualmente importante refletir sobre a forma como os intervenientes influenciam as práticas atuais

destas instituições, nomeadamente no que concerne à preocupação em responder às necessidades dos visitantes, refletindo-se esta na comunicação realizada.

3.1. Diferentes tipos de públicos

A abertura generalizada dos museus aos distintos públicos originou uma procura de conhecimento por parte dos próprios museus sobre as características e especificidades da sua audiência assídua e potencial. Este interesse dos museus em conhecer os diversos públicos surge no sentido de conseguir uma oferta adequada às características de cada público e conseqüentemente em atrair novos públicos, tentando “chegar” aqueles que não têm por hábito frequentar este tipo de instituições.

Por conseguinte, os visitantes dos museus não são de todo uma massa homogénea, o que nos remete para uma pluralidade de públicos com características próprias. Este facto leva-nos ainda a considerar que os visitantes destes espaços pertencem a uma comunidade específica, têm um passado singular, fazem parte de um contexto social e político próprio, têm gostos, interesses e necessidades inerentes ao seu processo de aprendizagem. Estas particularidades são essenciais para que se conheça o tipo de visitante frequentador e/ou potencial do espaço museológico. Além destas particularidades, o tipo de público divide-se na sua generalidade pela faixa etária dos visitantes, ou seja, infantil, juvenil (adolescente), adulto e sénior, havendo ainda grupos definidos pelo contexto em que visitam o museu, como é o caso das visitas escolares e das visitas em família.

Abordando a faixa etária infantil, consideremos que as crianças (dentro ou fora do seio escolar) constituem um grupo com fortes potencialidades para frequentar instituições culturais desta índole. O fomento para o contacto com exposições, espetáculos ou qualquer outro tipo de manifestação artística, suscita que as crianças tenham presente outro tipo de preocupações e interesses, tornando-as autónomas inclusive para uma maior análise crítica, de formular questões e propor respostas.

Atendendo a que o tempo de atenção e concentração nestas idades se verifica reduzido, cabe ao museu desenvolver estratégias que articulem momentos lúdicos e didáticos, para uma melhor aprendizagem ativa e eficiente. Neste sentido, Homs (2007:86) salienta que “cada uma das estratégias didáticas utilizadas estimula um tipo diferente de aprendizagem”. É de igual modo importante que estas atividades consigam “dar a oportunidade às crianças para que explicitem de alguma maneira as suas próprias

interpretações acerca dos objetos, com o intuito de que possam reestruturar as suas concepções prévias, e até, como resultado da sua aprendizagem” (Ibidem, 2007:88).

Já quanto ao público adolescente, e sendo esta fase muito particular e especial (entre a infância e a idade adulta), torna-se pertinente considerar estes indivíduos, não só como potenciais questionadores, mas também como indivíduos cheios de ideias e sonhos capazes de mudar o mundo. Este tipo de grupo deve ser trabalhado em função da necessidade de se exprimir, de evidenciar a sua opinião e conseqüentemente de ser ouvido e respeitado.

Relativamente ao público adulto, este tem a particularidade de ter um leque de experiências mais consolidadas e interesses bem estruturados, pelo que, quando frequentam museus, procuram uma relação entre essa experiência com o lado prático das suas vidas.

No que respeita ao público sénior, “convém oferecer programas que tenham em conta as dificuldades e limitações que advêm da idade, permitindo a sua participação a um ritmo mais lento” (Hooper-Greenhill, 1998:153). Um conceito que se deve associar a este público, é o de aprendizagem ao longo da vida, não esquecendo que “os seniores são pessoas sensibilizadas para a importância da educação e que valorizam a aprendizagem e o lazer” (Ibidem).

Esta procura de conhecimento dos públicos remete a instituição museológica para um saber ao nível daqueles que visitam o museu, mas também daqueles que poderão manifestar-se como potenciais frequentadores deste tipo de serviços. Ambos são compostos por uma série de necessidades e interesses distintos, mas que devem ser tidos em conta pelo museu. Concretamente, o público potencial não mantendo hábitos de frequentar estes espaços, deve ser analisado de modo a que a oferta seja de tal forma apelativa, que leve esta grossa fatia de seres sociais aos museus. “Este público pode ser dividido em diversas tipologias sendo que, geralmente, tem origem em classes mais baixas ou em culturas menos representadas nos museus, nomeadamente as minorias étnicas” (Ibidem, 1998:118). Por outro lado, o público assíduo tem por hábito acompanhar este tipo de oferta cultural, sendo constituído por um grupo restrito de indivíduos, que mantêm uma afinidade cultural pelos museus, e que conseqüentemente possuem uma maior familiaridade com instituições desta natureza. Os museus devem assim exercer uma “atención al cliente” (Ibidem, 1998:234) de modo a que a qualidade do serviço prestado acompanhe e satisfaça as necessidades, gostos e preferências dos seus visitantes.

Desta forma, conhecer as características e particularidades de cada público, assim como aproveitar as potencialidades da equipa de trabalho, permite ao museu a redefinição de objetivos e a criação de estratégias, com o intuito de conseguir desenhar uma oferta atrativa e angariar “clientes”.

3.2. A importância da comunicação num museu

Considerando o museu como um espaço amplo e aberto aos diferentes públicos (com características e interesses próprios), este deve manter uma preocupação no sentido de tentar responder às necessidades dos seus visitantes desde que se estabelece o primeiro contacto. Esta preocupação tem-se refletido por um lado na tentativa cada vez mais afinada de conhecer os diferentes públicos, e por outro lado, em questões práticas inerentes ao museu, relacionadas com as funções dos funcionários, a orientação e qualidade dos espaços que proporcionam conforto e bem-estar ao visitante durante a visita. “A experiência no museu é, assim, o resultado de todo um conjunto de fatores: o espaço arquitetónico, a informação disponibilizada, o design expositivo, os espaços de descanso e o acolhimento por parte dos profissionais” (Silva, 2007:58-59).

Cabe ao espaço museológico atual fazer com que “o espectador atue como personagem interveniente e atuante, como protagonista face à mensagem que lhe é transmitida e em função dos estímulos que a exposição lhe proporciona, o museu deve conseguir, como fator primordial das suas preocupações, abandonar a sua postura rígida e distanciada, promovendo-se como um elemento comunicante a todos os níveis e reconhecer que, em definitivo, o seu discurso não deve ser unilateral mas interativo” (Roque, 1990:13). É neste sentido que os avanços nesta área se têm feito notar, numa perspetiva de “chegar” aos públicos através de uma comunicação que deve ser trabalhada e preparada previamente, de modo a que a instituição saiba como e a quem dirige a sua intervenção eficazmente. Eilean Hooper-Greenhill (1998:61) salienta que até há bem pouco tempo, o público era visto como uma massa homogénea, não diferenciada e, por isso, o museu recorria sobretudo ao meio de comunicação de massas, em que o visitante está presente enquanto a equipa do museu está ausente, e onde não existe uma certeza acerca da eficiência da transmissão da mensagem.

O primeiro contacto que o visitante tem com o museu é precisamente a sua chegada a este espaço, o que torna este primeiro contacto de grande importância. Assim, para além do espaço que acolhe o visitante, também a receção pessoal por parte dos

funcionários do museu, manifesta a sua relevância face a uma receção entusiasta, onde prevaleça a simpatia e sejam fornecidas um conjunto de informações prévias que digam respeito à oferta cultural da instituição. Os funcionários das instituições museológicas têm vindo a consolidar-se como fontes de informação, que ajudam e contribuem para o sucesso da visita, afastando a ideia formulada até então de meros agentes passivos (vigilantes).

A função comunicativa do museu revela-se bem mais expansiva e abrangente, numa perspetiva de visibilidade não apenas de interior, mas também de exterior. Ou seja, o sucesso de uma instituição museológica não é expressa, se não houver uma preocupação em divulgar e dar a conhecer os diferentes focos de interesse existentes no seio de um museu, desde o seu espólio de obras de arte, a coleções de grande interesse (histórico-artístico-cultural-patrimonial), passando por exposições permanentes ou pontuais, ou ainda projetos educativos de bastante qualidade. Este trabalho comunicativo advém de um trabalho de equipa, desenvolvido pela massa organizacional que compõe um museu.

Por conseguinte, a par da importância da receção de um visitante, bem como da qualidade e atratividade dos serviços prestados por um espaço museológico, “para que possa subsistir, o museu terá que captar e reagir às vivências da sociedade que o rodeia e responder-lhes positivamente, adaptando-se ao meio envolvente. Enquanto instituição ao serviço da sociedade tem que lhe assumir e interiorizar as mudanças como ponto de partida da sua própria atividade” (Roque, 1990:15), em prol de uma audiência assídua e potencial.

3.3. A responsabilidade social do museu

O museu é manifestamente um espaço público, estando por isso inserido num determinado contexto físico, social e cultural, e por consequência os seus objetivos, ideias e práticas espelham esses mesmos contextos. Ou seja, encontra-se interligado e em constante interação com o meio envolvente. Consequentemente, a nova conceção de museu cada vez mais vinculada com a comunidade, engloba uma responsabilidade social progressivamente mais consolidada. Desta forma, a relação entre o museu e a comunidade implica um conhecimento mútuo, de modo a permitir que a comunidade desempenhe um papel ativo no museu, e consequentemente que este possibilite um conjunto de experiências educativas acessíveis a todos.

Ao longo dos tempos, a sociedade tem-se vindo a alterar, “e no mundo dos museus, só na década de 80 é que questões como a igualdade e o racismo passaram a ser alvo de atenção por parte da comunidade museológica” (Anderson, 2004:11). Estes avanços ocorreram nomeadamente porque a sociedade atual não sendo homogénea, é composta por diversas comunidades com características e ideais distintos. Neste sentido, “ao museu não basta debruçar-se sobre o exterior mas agir como pólo catalisador desta comunidade múltipla em que se integra e assumir-se como meio de comunicação e ponto de encontro, permitindo através da sua coleção, dos objetos reais que apresenta, a aproximação e o conhecimento dos que lhe são estranhos” (Roque, 1990:36). Esta interação permite que o museu faça parte do quotidiano da comunidade, podendo inclusive ser valorizado e adotado por esta, numa perspetiva de proporcionar às minorias (e não só) uma forma de se expressarem.

Como já foi dito, a responsabilidade social tem vindo a ser alvo de desenvolvimento por parte dos museus, nomeadamente através do reforço do sentimento de pertença à comunidade, da valorização da sua existência, da participação dos grupos marginalizados e da interajuda, contribuindo para uma maior igualdade social. “O museu empenhado na comunicação pode servir de veículo a esta intervenção das minorias criando, no contexto da complexidade de experiências e memórias que prevalecem no espaço urbano, uma vida cultural comprometida com a libertação de todas as formas de expressão e que, portanto, seja original e inovadora na sua capacidade de intervenção social” (Roque, 1990:37). Estas minorias devem ser entendidas como pequenas “franjas” da sociedade colocadas de parte, devido à sua etnia ou raça, ou à sua condição de pobreza, de velhice, de deficiência ou até de desemprego. Cabe então às instituições museológicas promoverem uma educação multicultural, defendendo a inclusão e o respeito pela diferença.

Para melhor cumprir a sua responsabilidade social, o museu deve conhecer a comunidade (e os públicos alvos) o melhor possível, de forma a conseguir responder a um conjunto de interesses e aspirações patentes no seio desta. Estabelecendo contacto com a comunidade, o museu consegue aperceber-se das expectativas e motivações da mesma, mais numa perspetiva de interligação/colaboração dos indivíduos com o museu, isto é, a própria comunidade deve manifestar a sua opinião e aspirações, colaborando no próprio processo de desenvolvimento das atividades do museu.

3.4. Síntese

A evolução do conceito de museu tornou este espaço mais amplo e acessível a toda a comunidade, facto que se traduziu na procura de conhecimento por parte dos museus relativamente às especificidades dos diversos públicos. Este conhecimento permite ao museu adaptar-se às novas “exigências” e necessidades dos públicos, procurando adequar a sua oferta e proporcionar novas experiências aos visitantes, com vista à aquisição de novos conhecimentos. De facto, ao conhecer os diferentes públicos que compõem o grupo de visitantes, o museu poderá adequar a sua oferta consoante as suas características, gostos e interesses, tornando-o protagonista face ao que lhe é transmitido.

No sentido de conseguir fazer chegar a sua mensagem aos públicos, é essencial que o museu consiga transmitir eficazmente os seus focos de interesse (como a sua coleção, exposições ou atividades educativas). O museu deve ainda apoiar-se numa boa comunicação trabalhada previamente, de modo a que a instituição saiba como e a quem dirige a sua ação, assim como o seu contexto social.

Capítulo 4

A afirmação do serviço educativo em museus

Todos os serviços inerentes ao funcionamento de um museu encontram-se canalizados para servir os diferentes públicos. Neste sentido, a apresentação de exposições suportam um fio condutor e um significado coerente. No entanto, com a abertura do espaço museológico a toda a comunidade, nem todo o público descodifica e interpreta corretamente a leitura deste tipo de oferta cultural. É então neste âmbito que surge o Serviço Educativo, como um serviço que permite uma aproximação ou até um elo de ligação entre o espaço museu e os públicos que o visitam.

Por conseguinte, o Serviço Educativo neste tipo de instituições veio influenciar e diversificar o âmbito de atuação, isto é, inicialmente este tipo de serviço estava muito direcionado para a comunidade escolar, mas a par da evolução do próprio museu, registou-se também um alargamento dos públicos, mais heterogéneo e diversificado (adultos, 3ª idade, deficientes, grupos organizados, ...). Consequentemente, este serviço tem desenvolvido e consolidado ao longo do tempo um trabalho de mediação, com o intuito de dinamizar a vertente educacional, proporcionando momentos de aprendizagem aos visitantes. Posto isto, o Serviço Educativo muitas vezes aposta em atividades inovadoras e dinâmicas, como por exemplo “visitas/jogo” mais atrativas, no sentido de cativar a participação do público.

Este capítulo pretende essencialmente abordar o conceito de Serviço Educativo, que como já foi referido anteriormente, foi introduzido nas instituições museológicas não só de museus de arte contemporânea (como é o caso da instituição em estudo), como de muitas outras entidades museológicas com temáticas distintas (arqueologia, música, etc.), interessando essencialmente desenvolver práticas educativas inovadoras que captem a atenção dos públicos e consequentemente os levem a usufruir deste tipo de oferta cultural. Este serviço pretende atrair e aproximar os públicos a esta instituição, facto que se evidenciou com a abertura do museu à população na sua generalidade, tornando este tipo de cultura acessível a todos e não apenas a uma elite. Ainda neste capítulo podemos perceber como este serviço tem vindo a afirmar-se no nosso país e a assumir uma relação privilegiada entre os museus e os visitantes, através de estratégias e práticas para este fim.

4.1. A emergência do serviço educativo em Portugal

Desde as décadas 50 e 60 do século passado que se tem verificado uma evolução das práticas educativas em museus. De facto, é sobretudo com o marco histórico da Segunda Guerra Mundial que se dá a abertura dos museus ao grande público, isto é, estes espaços deixaram de ser acessíveis apenas às elites. Por conseguinte, a abertura destes espaços ao grande público originou a criação de um serviço especializado em museus que permitisse um elo de ligação entre os objetos expostos e o público visitante – consideremos que nem todo o público mantém hábitos culturais ativos que lhes permitam “descodificar” a mensagem que um artista pretende transparecer através das suas obras de arte.

O museu contemporâneo, de educação informal, traduz-se agora como um espaço promotor de aprendizagem ativa, aberta e dinâmica. O museu como espaço educativo tem assim a necessidade de criar condições que transformem este espaço num local de aprendizagens. Para tal, a existência de um serviço educativo, como um instrumento de mediação que facilita a comunicação, torna-se essencial para conseguir chegar até aos diferentes públicos. É na década de 50 (do século passado) que em Portugal, segundo Pereira (1995), se faziam as primeiras experiências educativas no Museu Nacional de Arte Antiga. Nomes como João Couto e Madalena Cabral estão associados à emergência dos serviços educativos. “Com pequenos grupos de alunos de colégios e ensino oficial, foram desenvolvidos ateliers de artes plásticas e visitas guiadas, tornando-se assim, o embrião daquilo que hoje se chama em muitas instituições museais, serviço educativo, serviço de educação ou serviços de extensão cultural” (Duarte e Vitor 1996:84).

Contudo, foi após o final dos anos 70 e inícios dos anos 80 do século XX, que surge o primeiro surto significativo de criação de serviços educativos em museus, especificamente numa primeira fase museus da administração central e alguns privados e posteriormente associados à criação de museus autárquicos, havendo então a necessidade de se estabelecer uma relação privilegiada entre o público e as instituições museológicas. Nesta altura, emergiram as fichas guias, as visitas com animação, os projetos com história ao vivo, as exposições itinerantes, o que por sua vez intensificou a relação entre escola, museu e comunidade. No entanto, o âmbito de ação não se ficou apenas pela comunidade escolar, mas ampliou os seus projetos junto das populações que não tiveram acesso à cultura e à educação em idade jovem.

Em 1980 a legislação destinada à reestruturação interna e profissional dos museus⁴, reconheceu a “ação cultural” como uma das competências museais, a par da “investigação” e da “museografia”. Neste sentido, esta legislação evidencia a função do “monitor” (para colaborar) “na ação cultural do museu, exercendo junto do público funções de educação, animação e informação”. Um Serviço Educativo constitui-se como um serviço específico e organizado que inclui a estrutura orgânica do museu, com recursos humanos responsáveis pelo desenrolar das suas ações que visam proporcionar experiências educativas ao visitante. “Este fenómeno encontra nos anos mais recentes, de finais dos anos noventa ao início do novo século, uma expressão mais vincada e mais estruturada, quer na criação de museus que preveem na sua estrutura organizacional desde logo a existência de serviço educativo, quer na reorganização de serviços educativos previamente existentes, adaptando-os aos novos desafios dos tempos atuais” (Camacho; 2007: 26).

O Serviço Educativo emerge assim como um espaço que consegue estabelecer uma “ponte” que faz uma ligação estreita entre a instituição e aqueles que a rodeiam. Desta forma, o Decreto-Lei nº55/2001 expressa “as importantes funções do serviço educativo de um museu, dirigidas a públicos diferenciados cada vez mais exigentes, não dispensam um trabalho alargado” de pesquisa e conhecimento prévio que permitam uma melhor e mais eficaz intervenção.

4.2. O serviço educativo como elemento inovador

Antes de mais, interessa abordar o conceito de inovação numa perspetiva mais genérica, de modo a que possamos compreender e enquadrar este conceito no decorrer deste trabalho. Assim, embora numa perspetiva mais empresarial, cujo objetivo se prende com a obtenção de lucro, o Manual de Oslo (2005:55) refere que *uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas*. Através desta definição, torna-se perceptível que uma inovação compreende um amplo conjunto de inovações possíveis, sendo o requisito mínimo para definir uma inovação, que o produto, o processo, o método de *marketing* ou

⁴ Lei nº 45/80 de 20 de Maio 1980

organizacional sejam *novos (ou significativamente melhorados)* para a empresa ou organização.

Falar de inovação implica entendê-la como fazendo parte de um processo, em que interagem diferentes mundos: o científico, o tecnológico e técnico, o económico, o social e institucional (mais ou menos formalizado). Assim, ao falarmos de inovação associamos não só a produção de novas tecnologias, a descoberta de novos materiais ou de um novo produto, mas igualmente a adoção pela empresa ou organização de um novo processo de fabrico e de novas práticas organizacionais (Gama; s/d). Neste sentido, o Manual de Oslo (2005:23), define quatro tipos de inovações que encerram um amplo conjunto de mudanças nas atividades das empresas: inovações de produto, inovações de processo, inovações organizacionais e organizações de *marketing*. Mais concretamente:

- as *inovações de produto* envolvem mudanças significativas nas potencialidades de produtos e serviços. Incluem-se bens e serviços totalmente novos e aperfeiçoamentos importantes para produtos existentes.
- as *inovações de processo* representam mudanças significativas nos métodos de produção e de distribuição.
- as *inovações organizacionais* referem-se à implementação de novos métodos organizacionais, tais como mudanças em práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas da empresa.
- as inovações de *marketing* envolvem a implementação de novos métodos de *marketing*, incluindo mudanças no *design* do produto e na embalagem, na promoção do produto e na sua colaboração, e em métodos de estabelecimento de preços de bens e serviços.

Considerando que neste estudo o objeto não se centra numa empresa lucrativa, mas sim numa instituição cultural cujo fim não é a obtenção de benefícios monetários, podemos ajustar este conceito de inovação a instituições como é o caso de museus, sem que isso signifique um uso abusivo ou desproporcionado do conceito. Um museu presta serviços específicos aos seus públicos e também inova nos serviços que oferece e na forma como os disponibiliza aos seus públicos. Aliás, a mudança do conceito de museu e a necessidade dos museus se aproximarem e cativarem os seus públicos variados obrigou-os a uma atitude inovadora e dinâmica. Vejamos então alguns exemplos que

refletem os quatro tipos de inovação referidos anteriormente aplicados em contexto das instituições museológicas:

- a *inovação de produto* expressa através da emergência de uma nova exposição, abrangendo um novo conceito, novas obras, novos artistas, etc.;
- a *inovação de processo* verificando-se sobretudo na realização de novas formas de produzir a sua oferta;
- a *inovação organizacional* a qual se identifica com a introdução de um novo serviço; o Serviço Educativo no museu com funções específicas, por exemplo;
- a *inovação de marketing* através do processo de comunicação do museu, dando a conhecer as novas ações e procurando chegar a públicos tradicionalmente mais afastados dos museus.

Por conseguinte, partindo do pressuposto que o museu atualmente é encarado como um espaço vivo, dinâmico e interativo, onde a participação dos públicos passou a ser o fator essencial para a “produção” nestas instituições, houve a necessidade destas se adaptarem às alterações da própria sociedade, o que por sua vez originou a criação de novos métodos de atuação, emergindo assim novas estratégias e novos serviços dentro do espaço museológico. Estas inovações de “produto” e organizacionais implicam que a instituição tenha presente os seus objetivos, e consequentemente a sua visão competitiva, pois é com recurso à introdução ou melhoria de novos produtos ou serviços que o museu irá conseguir levar a cabo a sua missão e fazer “face à concorrência”. Ao falarmos de concorrência, referimo-nos ao vasto leque de ofertas ocupacionais que atualmente existem face à oferta disponibilizada por este tipo de instituições. Quer isto dizer que por exemplo com a emergência das novas tecnologias, como o uso abusivo do computador, da internet e de outros recursos as opções disponíveis são bastante aliciantes, levando os indivíduos a preferi-las em detrimento das ofertas que os museus possam proporcionar. Os museus disputam os seus públicos com uma cada vez maior diversidade de ofertas ocupacionais atrativas e acessíveis, e que os obrigam necessariamente a desenvolver estratégias e propostas inovadoras.

Para que os públicos criem hábitos culturais ativos e frequentem este tipo de oferta, cabe aos museus encontrar e desenvolver estratégias inovadoras que captem a atenção dos públicos, a fim de que estes frequentem assiduamente estes espaços em detrimento de outras ofertas concorrentes, criando elementos inovadores que os atraiam e que os façam decidir por este tipo de serviço educativo.

No entanto, para que a inovação vise o sucesso, é necessário que sejam desenvolvidas um conjunto capacidades estratégicas, organizativas, técnicas ou funcionais e haver capacidades de mercado e de aprendizagem. Isto é, deverá ser estabelecida uma política de gestão da inovação enquadrada na estratégia global da instituição. Também as mudanças do meio envolvente fazem com que as organizações precisem também de mudar para se adaptarem às novas condições. As inovações são um meio de introdução de mudanças nos resultados, na estrutura ou nos processos de organização para facilitar o processo de adaptação (Damanpour, 1987). Desta forma, tal como referido anteriormente, as organizações devem considerar diferentes aspetos, sejam eles internos e/ou externos à instituição, com o intuito de se adaptarem e conseguirem levar a cabo com eficácia a introdução da inovação, acompanhando a evolução da sociedade.

Neste sentido, considerando que as instituições culturais e nomeadamente os museus, se constituem elementos fulcrais para a construção das representações e identidades da comunidade onde se inserem, convém evidenciar a diversidade cultural. Assumindo que “nas últimas décadas temos vindo a caminhar da sociedade de informação para a sociedade de conhecimento e de aprendizagem, o que implica uma importante passagem da campanha pelo acesso à informação, ao campo, mais exigente, da responsabilidade individual e coletiva na utilização dessa mesma informação e na criação de ambientes para a verdadeira promoção da aprendizagem e do conhecimento como ferramentas essenciais ao desenvolvimento” (Barriga e Silva 2007:9). Este facto remete-nos para uma mudança do campo do acesso à informação para o da aplicação (individual ou coletiva) dessa mesma informação. Ou seja, estas alterações originam a tomada de consciência de que os indivíduos são ativos na construção de conhecimento, e por conseguinte, as instituições culturais desenvolvem um papel fundamental neste âmbito, através da oferta de novas estratégias de relacionamento com os diferentes públicos. Assim, os serviços e os projetos educativos emergem assumindo um papel privilegiado no que concerne à construção de saberes e comunicação entre as instituições e as audiências.

Reforçando esta ideia, Lemos (1999:122) refere ainda que “o contexto atual se caracteriza por mudanças aceleradas nos mercados, nas tecnologias e nas formas organizacionais e a capacidade de gerar e observar inovações vem sendo considerada, mais do que nunca, crucial para que um agente económico se torne competitivo. Entretanto, para acompanhar as rápidas mudanças em curso, torna-se de extrema

relevância a aquisição de novas capacidades e conhecimentos, o que significa intensificar a capacidade de indivíduos, empresas, países e regiões de aprender e transformar essa aprendizagem em fator de competitividade para os mesmos.” Assim, estas rápidas mudanças sentidas pela sociedade atual, remetem as instituições (nomeadamente as socioculturais) para uma reorganização e (re)adaptação da sua intervenção, traduzindo por sua vez a emergência de novos serviços estratégicos e inovadores.

De facto, o cruzamento entre o lazer e a aprendizagem traduziu a emergência de novos espaços, cujo intuito se prende com o desenvolvimento de novos paradigmas de atuação, colocando conseqüentemente às instituições culturais novos desafios e novas oportunidades de relacionamento com os diferentes públicos. A consciência cada vez mais afincada relativamente à diversidade social e cultural trouxe consigo mudanças, nomeadamente na relação dos museus com os seus públicos. Posto isto, o papel do Serviço Educativo dos museus tem vindo a assumir um papel fundamental, sobretudo como regulador de valores socioculturais e de cidadania, devendo assumir um papel de mediador e de promotor de novas experiências de aprendizagem. De facto, o museu atual traduz a sua ação num espaço onde predomina a aprendizagem ativa e dinâmica, de forma a conseguir estabelecer um elo de ligação com o visitante que explora a oferta deste serviço.

Por conseguinte, na perspetiva de Gonçalves, Fróis e Marques (2002:121), “os serviços educativos tentam acompanhar as correntes educativas do sistema formal e, baseados nas novas conceções em que se enfatiza a intervenção do sujeito no ato de fruir e contemplar e aprender fazendo, criam estratégias de contacto vivencial com as obras”. Neste sentido, apontemos este serviço como promotor do contacto entre o público e as obras que manifestam de alguma forma o desabrochar de sentimentos, gostos, desejos, necessidades de comunicação, de expressão, bem como a diversidade cultural. Reforçando esta perspetiva, podemos salientar a visão dos Serviços Educativos que alguns museus expressam nas suas páginas on-line, como é o caso do Serviço Educativo do Museu Nacional da Imprensa⁵ que “*tem por missão, entre outras, prestar informações e auxiliar os professores que pretendem organizar visitas de estudo ao Museu*”. Já o Museu Coleção Berardo⁶ entende que o trabalho desenvolvido pelo Serviço Educativo “*tem como eixo estruturante proporcionar ao seu público atividades*

⁵ In, www.museudaimprensa.pt

⁶ In, www.museuberardo.pt

que facilitem o contacto com diferentes formas de pensar e refletir sobre a arte moderna e contemporânea". A perspetiva do Museu do Caramulo⁷, manifesta que o Serviço Educativo tem como principal missão tornar o museu "*num espaço aberto à comunidade sem exceção, onde se alia a aprendizagem a diversão, conhecimentos científicos a criatividade, visualização e emoção e objetivos museológicos a história de vida*". Posto isto, é notório que os museus consideram que o Serviço Educativo é sobretudo um espaço que visa uma aproximação à comunidade, proporcionando-lhes motivos de aprendizagem e novos conhecimentos de forma lúdica, estimulando a apreciação crítica e criativa da cultura em exibição.

Com as alterações ocorridas ao conceito de museu através da abertura deste a toda a comunidade e com as mutações que se fizeram sentir no que respeita às funções do museu, houve a necessidade de se criar um espaço educativo que fosse utilizado como mediador entre o museu e os públicos. Assim, este novo serviço foi introduzido como uma estratégia inovadora, no sentido de captar os públicos e proporcionar-lhes novos conhecimentos. Reforçando este facto, a página on-line do Serviço Educativo do Museu de Serralves⁸ permite-nos aferir que "o carácter inovador da programação do museu exige que o Serviço Educativo assegure um acompanhamento especializado e proporcione a quem o visita uma aproximação dinâmica à arte contemporânea". Não obstante, interessa destacar que a introdução deste serviço educativo é apenas uma ação que os museus utilizam no sentido de materializar a inovação. Na verdade existe um conjunto de outras ações desenvolvidas pelos museus que se constituem inovadoras e que pretendem atrair novos públicos, como sendo novas exposições, ações de formação, workshops, um novo programa educativo, comemorações, etc.

4.3. Estratégias e práticas do serviço educativo

A ida a um museu confere ao visitante uma experiência global. No entanto, a experiência multissensorial (visual, tátil e auditiva) e vivencial conferem uma relação com o material exposto, no sentido de se poder trabalhar/explorar as experiências e motivações que os visitantes trazem consigo. Este facto traduz uma ausência formal de aprendizagem e de avaliação de conhecimentos.

⁷ In, www.museu-caramulo.pt

⁸ In, www.serralves.pt

“Uma experiência museal depende tanto das expectativas e agendas pessoais⁹ de cada indivíduo quanto das atividades desenvolvidas no próprio espaço visitado, funcionando como uma importante articulação entre o passado (os conhecimentos prévios, as expectativas trazidas), o presente (o momento em que o contacto se dá) e o futuro (a projeção da experiência na vida futura dos indivíduos)” (Silva 2007: 58). De facto, os indivíduos, aquando da sua chegada ao museu, transportam em si uma série de interesses e motivações baseadas na sua experiência de vida, que conseqüentemente irão condicionar a sua experiência dentro do museu. Quer isto dizer que cada visitante com as suas particularidades, contextos e experiências, encara o objeto de forma diferente, o que conseqüentemente o leva a colocar as suas próprias questões e a retirar as suas próprias conclusões.

Desta forma, “estabelecer uma ligação com interesses dos participantes nas atividades não significa dar-lhes o que lhes agrada, mas sim estabelecer uma relação com os seus sistemas de referências de forma a construir um ponto de partida partilhado e significativo, um ponto de partida capaz de conferir sentido aos novos conhecimentos (que transcendem o campo exclusivo da cognição)” (Ibidem, p.62).

Brincar e interagir com o espaço, e claro, com os objetos, induz os visitantes, nomeadamente os mais novos a tentar aprender o funcionamento dos mesmos, concorrendo para o seu desenvolvimento intelectual. Tânia Ramos Fortuna¹⁰ manifesta-se no sentido da importância da interação e brincadeira, para a aquisição de conhecimentos e para o desenvolvimento da capacidade de raciocínio e construção de significados. A mesma autora refere ainda que “ao jogar com as informações sobre as obras e demais objetos em exposição, os jogadores conhecem-nas, re-significam o que aprenderam pelo olhar e são estimulados a reverem-nas sob novos pontos de vista”, o que por si só manifesta uma interação ativa entre o produto exposto e a aprendizagem que o visitante adquire.

A interatividade promovida pelo museu no decorrer de uma visita não se limita ao contacto com o objeto, isto é, os objetos educativos e a própria aprendizagem ativa, pode decorrer de um estímulo mediante diversos recursos, promovendo em simultâneo a

⁹ Entende-se aqui a noção de agenda como o conjunto de motivações, interesses, expectativas que os visitantes têm para visitar determinado espaço, ou seja, o conjunto de razões que os levam a incluir tal visita no conjunto de atividades que constam das suas “agendas pessoais”.

¹⁰ Professora de Psicologia de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora Geral do Programa de Extensão Universitária “ Quem quer brincar?”, ao qual se integra a ação Museu em Jogo, do Museu da UFRGS (www.ufrgs.br/faced/extensao/brincar).

atração e o entretenimento, através por exemplo de histórias, equipamentos interativos, atividades que promovam o grupo, entre outras. Neste sentido, a utilização de elementos lúdicos traduz-se numa estratégia potencializadora de aprendizagens efetivas. A aprendizagem lúdica proporciona resultados duradouros e memórias significativas da experiência vivida, o que leva a que os visitantes estimulem a sua criatividade e a sua capacidade de responder a desafios.

Assim, ao se utilizar os museus como meio proporcionador de aprendizagens significativas, implica consequentemente que os profissionais responsáveis pela parte educacional dos museus construam estratégias, no sentido de proporcionarem o desenvolvimento de competências exploratórias a quem experimenta. Neste sentido, a educação nos museus tem vindo a destacar a aprendizagem como processo ativo e partilhado, para a construção de significados para o mundo que nos rodeia, uma vez que os museus constituem-se como espaços sociais, que promovem a troca de ideias e por consequência a aprendizagem social. Para Susana Gomes da Silva (2007:64), “trabalhar o espaço educativo do museu como um espaço promotor e desencadeador do processo de construção de conhecimento onde cada sujeito se erige como agente da sua própria aprendizagem, é um caminho importante para a promoção de públicos participantes, exigentes, críticos, informados e criativos”.

Assim, através das suas práticas, o museu proporciona o ambiente e as ferramentas necessárias para que os públicos possam fazer as suas próprias interpretações, experiências educativas e capacidade crítica. Este espaço promove então uma aprendizagem construtiva, remetendo o visitante a ser o autor dos seus próprios conhecimentos. Posto isto, a valorização do visitante por parte do museu, sem atentar às suas características, crenças e desejos, remete-nos para a conceção atual de museu com responsabilidades sociais e defendendo a inclusão, a igualdade e democratização cultural.

4.4. Síntese

Com a abertura dos museus a toda a comunidade, houve a necessidade de se criar um serviço que possibilitasse a aproximação dos públicos a esta instituição, estabelecendo-se assim um elo de ligação com estes. Desta forma, o Serviço Educativo emerge como um espaço de aprendizagem ativa, de educação informal e dinâmica, que permite ao visitante adquirir novos conhecimentos.

Este estudo relaciona ainda este Serviço Educativo com o conceito de inovação, embora este último não centre a sua ação para a obtenção de lucros (à semelhança do que acontece no mundo empresarial), mas sim no sentido de melhorar a sua ação e inovando nos serviços que oferece e coloca ao dispor da comunidade. Dado que o museu passou a ser encarado como um espaço vivo, dinâmico e interativo sentiu a necessidade de se adaptar e apostar em métodos de atuação inovadores, que atraíssem consequentemente os diferentes públicos. Na verdade, a abertura de uma nova exposição, uma nova programação educativa ou uma nova forma de comunicação constituem-se como elementos inovadores que pretendem captar visitantes, proporcionando-lhes aprendizagens ativas e dinâmicas, capacitando-os para fazer as suas próprias interpretações e análise crítica.

Parte II

Relatório de estágio no Museu de Arte Contemporânea de Elvas

Capítulo 5

Metodologia

O presente capítulo remete-nos para um conjunto de etapas que se verificaram essenciais no decorrer do processo de investigação realizado ao longo do período de estágio. Desta forma, com o intuito de responder à problemática definida inicialmente neste trabalho, houve a necessidade de se proceder a um trabalho de investigação, que permitisse responder a questões relacionadas com a utilização do Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Elvas como um espaço inovador de mediação entre o museu e os públicos.

Posto isto, este capítulo pretende evidenciar questões relacionadas com a apresentação e descrição dos objetivos propostos, onde será descrito mais em detalhe o que se pretende com este estudo, evidenciando-se também aspetos relacionados com a natureza do estágio, destacando-se as tarefas e as funções desempenhadas durante todo o processo *in loco*. Ainda neste capítulo, serão abordados os instrumentos metodológicos utilizados durante o período de estágio, onde será referido quais os instrumentos selecionados para a recolha de informação, assim como a sua pertinência, construção e aplicação.

Através da realização deste estágio no Museu de Arte Contemporânea de Elvas, foi possível manter um contacto mais direto com o Serviço Educativo desta instituição, permitindo deste modo averiguar as reais funcionalidade que este serviço presta quer ao museu, quer aos públicos que frequentam este espaço. Através do trabalho desenvolvido no local, foi possível aplicar diferentes instrumentos de recolha de informação, os quais serão essenciais para dar resposta às questões centrais deste trabalho de investigação.

5.1. Apresentação de objetivos

Perante a funcionalidade que o Serviço Educativo apresenta em contexto museológico, interessa investigar a influência que este serviço exerce sobre o número de visitantes do MACE, de qualquer faixa etária. Posto isto, este estágio demonstrou-se bastante proveitoso numa perspetiva de proporcionar um contacto com a instituição e com o próprio Serviço Educativo, de uma forma *“in loco”* e mais real, possibilitando

uma melhor compreensão sobre o benefício deste tipo de serviços em instituições culturais desta natureza.

De facto, este género de infraestruturas sentiu a necessidade de se adaptar e transformar o seu âmbito de atuação, acompanhando assim as alterações da própria sociedade em diferentes âmbitos. É sobretudo a vertente educativa dos museus que evidencia a sua função de mediador de públicos, tentando por suas vez captar a sua atenção para este tipo de cultura. Fundamentalmente este estágio revelou-se oportuno no sentido de apurar o quão inovador este serviço se revelou no seio deste museu, manifestando-se inclusive um fator “chave” para a captação de públicos, aproximando assim a comunidade a esta instituição museológica.

Desta forma, pretendeu-se aferir sobre o funcionamento do Serviço Educativo em diversos níveis (quer organizacional, quer na ótica dos utilizadores), num período temporal significativo para este fim. Assim, após integrar a equipa o MACE foram definidas determinadas funções e responsabilidades a serem desempenhadas durante o período de estágio. Estas passaram por incluir a equipa do Serviço Educativo (que na altura não contava com um profissional qualificado na área) e por sua vez coordenar este serviço, de modo a revitalizar e a potencializar as funcionalidades do Serviço Educativo, sendo para tal necessário elaborar e executar um plano de atividades apelativas e dinâmicas para incluir a programação geral deste serviço, em função da exposição em vigor e também uma programação específica em função de datas comemorativas (assinaladas pontualmente). Para além do que até então foi mencionado, abrangia também toda a divulgação, preparação/execução das atividades, assim como o contacto direto com as instituições escolares e com instituições de outro cariz que manifestassem interesse em participar e/ou que de algum modo demonstrassem ser um potencial frequentador deste tipo de oferta cultural.

Para um melhor e mais eficaz trabalho de intervenção, é fundamental conhecer a realidade aonde se pretende intervir, sendo para tal necessário aplicar um ou mais instrumentos metodológicos (abordados no capítulo seguinte) que permitam recolher informação plausível sobre aquilo que se pretende intervir, neste caso o Serviço Educativo do MACE.

Perante uma realidade onde o número de frequentadores do Serviço Educativo apresentava valores pouco ambiciosos, perante a falta de adesão à oferta educativa adaptada aos diferentes níveis de ensino, perante uma oferta de práticas educativas pouco atrativa e a carência de alguém qualificado que se dedique somente a este serviço

e com uma valorização do público mais jovem em detrimento do público adulto e sénior, havia a necessidade de repensar as estratégias educativas. Neste sentido, analisando o Serviço Educativo existente, não poderíamos esquecer as suas características, os recursos disponíveis (quer materiais, quer humanos, financeiros ou logísticos), a sua funcionalidade e sobretudo o seu objetivo principal, de modo a se criar estratégias que fossem de encontro às necessidades e expetativas tanto do próprio museu, como dos seus utilizadores.

Não esquecendo que a nossa qualidade de vida passa também pelo conhecimento da nossa cultura, de nós próprios e da nossa identidade através das representações culturais em obras de arte, quer sejam de arquitetura, fotografia, pintura, cinema, literatura, entre outras, é fundamental que infraestruturas culturais desta natureza invistam sobretudo na vertente educativa e que através de boas práticas se produza um processo ativo de aprendizagem, proporcionando aos seus utilizadores novos momentos de aquisição/partilha de conhecimento.

Ao longo do período de estágio, pretendeu-se encontrar soluções e novas práticas no sentido de melhor atender às necessidades dos públicos, tornando-se necessário outras formas de atuação, novas práticas mais variadas de modo a valorizar as exposições existentes no museu e ao mesmo tempo atrair novos públicos, conseguindo ir de encontro aos seus desejos e expetativas. Perante este contexto, tornou-se essencial traçar linhas de atuação futuras, que ao serem experienciadas visam melhorar e enriquecer as práticas educativas do MACE, tentando assim colmatar a ausência de contacto com a obra de arte, quer por desmotivação, quer por desconhecimento ou simples falta de oportunidade/prioridade.

5.2. Questões metodológicas

Sendo o presente estudo em consonância com um estágio profissional de Animação Sociocultural no MACE, interessa ter presente que o grosso da recolha de dados sobre o objeto em análise foi realizado durante um processo contínuo, que permitiu uma intervenção ativa e direta com a realidade do Serviço Educativo deste espaço museológico. Neste processo esteve sempre presente a ideia de que para se melhorar e alterar algo é necessário ter um conhecimento prévio, de modo a se conhecer bem o que se pretende alterar, como o fazer e o porquê dessa intervenção, sendo fundamental considerar estas questões no decorrer deste processo.

Assim, a metodologia presente em todo este trabalho empírico foi a investigação-ação, pois em conformidade com Isabel Guerra (2002:56) esta metodologia “movimenta três “pólos”: o da *ação*, que tem como objetivo atingir a mudança social num contexto concreto; o da *investigação*, centrado na procura das dinâmicas atuais e nas intencionalidades dos atores e o da *formação*, que é inerente ao próprio processo de conhecimento da ação, mobilizando as capacidades cognitivas e relacionais dos atores em função dos objetivos específicos”. Reforçando o que se disse anteriormente, o campo da ação leva-nos a uma intervenção direta com a realidade em estudo, permitindo-nos melhorar e alterar situação. Já o campo da investigação remete-nos para a recolha ativa de informação, tanto interna como externa à instituição, dotando-nos de um conhecimento prévio. E por fim o campo da formação mobiliza as capacidades dos intervenientes para um fim específico traçado *a priori*.

Neste sentido, o trabalho desenvolvido ao longo do período em que decorreu o estágio envolveu diferentes etapas em diferentes momentos. Assim, primeiramente a atenção centrou-se no espaço onde se desenvolveu o estágio, o Museu de Arte Contemporânea de Elvas (campo de ação), interessando captar os moldes de funcionamento do mesmo. Este processo de investigação permitiu-nos obter um conhecimento acerca da sua emergência, da sua constituição e conseqüente desenvolvimento, assim como contextualizar a sua missão e objetivos definidos inicialmente. Além disso, considerando que o objeto de estudo deste trabalho se centra no espaço educativo que integra esta instituição, interessa explorar mais aprofundadamente o papel da educação e a oferta educativa que o MACE disponibiliza aos seus visitantes (a qual será abordada mais à frente). Esta primeira fase do trabalho foi realizada com recurso a informações existentes no próprio museu, nomeadamente através do regulamento interno do mesmo, do catálogo informativo sobre o próprio museu e sobre a coleção que este alberga e com recurso também a informações disponibilizadas por elementos que constituem a equipa do MACE. A utilização da análise documental revelou-se fulcral para a recolha e verificação de dados diretamente ligados ao local e situação. Além disso, houve também a necessidade de recolher alguns dados no sistema de bilheteira da receção deste museu, no sentido de se analisar os valores referentes às entradas dos visitantes nesta instituição, quer no museu em geral, quer no Serviço Educativo em concreto.

Seguidamente importa compreender todo o funcionamento do Serviço Educativo, sendo esta etapa essencial para se construir uma “opinião” acerca deste serviço. Para tal,

a observação direta revelou-se uma boa técnica a aplicar quer aos utilizadores, quer aos funcionários afetos ao espaço educativo. Uma vez que esta técnica implica a inserção do investigador num meio social, sem que este exerça influência direta e captando “comportamentos no momento que eles se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (Quivy, 2003:196), foi fundamental a inserção da estagiária na realidade em estudo. Desta forma, com o objetivo de conhecer a realidade educativa do MACE, procedeu-se a uma observação diária deste serviço, focando por um lado uma perspetiva interna que permita aferir sobre a elaboração prévia do plano de atividades e consequente execução das mesmas, e por outro lado uma perspetiva de apurar a visão dos utilizadores relativamente a este serviço inerente ao MACE, de modo a se verificar a pertinência e funcionalidade do que é foco neste serviço. O acompanhamento efetuado no decorrer das visitas guiadas e das atividades educativas possibilitou assim a recolha privilegiada de informação, cuja pertinência revelou importância extrema no sentido de se apurar sobre o objeto de estudo e consequentemente melhor intervir em ocasiões educativas vindouras.

Esta análise diagnóstica facilitou a preparação preliminar do plano de atividades educativas, realizado em conformidade com as exposições patentes durante o período de estágio e com as atividades pontuais coincidentes com momentos de pausas escolares. De facto, após um contacto mais direto com o espaço educativo desta instituição houve realmente uma aquisição de conhecimento necessário para a uma melhor intervenção, aquando da elaboração da programação educativa, a qual fosse de encontro às expectativas e interesses dos públicos. Face à forma como anteriormente se procedia no momento da criação das atividades (embora não desde a abertura deste espaço, mas sobretudo desde a ausência de um técnico qualificado nesta área), sentiu-se a necessidade de fazer algo mais coerente e correto com o âmbito de atuação do museu, ou seja, não sendo apenas atividades isoladas e descontextualizadas, mas atividades que de alguma forma se relacionassem com a temática vigente na exposição a decorrer. Para tal, foi expressa uma certa autonomia à estagiária aquando da criação do plano de atividades, por parte da gestão do museu. Ao contrário do que vinha sendo realizado ultimamente, este serviço quis-se renovado, e por conseguinte mais apelativo nas suas funções, centrando-se sobretudo na inter-relação com o trabalho artístico e com a vertente cultural desta instituição.

Além do que foi abordado até então, interessou “ouvir” também os utilizadores do Serviço Educativo, numa perspetiva de considerar as opiniões de quem usufrui

diretamente da oferta educativa, pronunciando-se acerca deste espaço e conseqüentemente melhorá-lo futuramente. Assim, verificando-se a falta de um elemento de avaliação destinado apenas ao espaço educativo do MACE (uma vez que existe um modelo de avaliação para o museu em geral), houve a necessidade de se proceder à aplicação de inquéritos por questionário¹¹ à população frequentadora deste espaço, estabelecendo-se assim uma maior e melhor ligação entre o museu e a comunidade. Para tal, foram utilizadas algumas questões consideradas relevantes para este estudo, ou seja, emergiram questões com o intuito de apurar a opinião de quem frequenta este espaço, no sentido de melhorar a oferta educativa do MACE. Concretamente, este questionário incluiu um número total de 15 questões fechadas, com diferentes opções de escolha e cuja utilização pretendia averiguar informações relacionadas sobretudo com o tipo de indivíduos que frequentam o espaço educativo (caracterizando-se o género, a idade, a residência e a escolaridade), sobre o seu funcionamento, a sua pertinência, as atividades desenvolvidas e a influência que este exerce na ida ao museu. Este questionário foi aplicado durante os meses de Março e Abril a uma amostra de 65 indivíduos independentemente da sua idade, nível escolar ou condição social, que frequentassem as atividades do Serviço Educativo. A sua aplicação teve lugar no final das atividades executadas no espaço educativo do museu (nomeadamente quando havia tempo), solicitando-se a colaboração dos intervenientes de forma individual, sendo apenas necessário o preenchimento de uma folha A4 utilizando-se cruzinhas. Relativamente ao tratamento dos dados recolhidos através deste instrumento de investigação, este será feito com recurso a uma estatística descritiva e a uma análise pormenorizada, a qual reporte dados que nos permita concluir acerca deste serviço.

Considerando que uma visão interna da instituição seria também ela uma mais-valia para este trabalho de investigação, procedeu-se à elaboração de uma entrevista a aplicar aqueles que coordenam as políticas do museu, ou seja, a direção. Este instrumento de investigação surge no sentido de aferir sobre as estratégias pelas quais o MACE se guia, assim como sobre a visão que a gestão desta instituição manifesta relativamente ao Serviço Educativo. Desta forma, as questões centraram-se sobretudo numa primeira parte em tentar compreender a relação que o entrevistado tem com o museu e numa segunda parte compreender a forma como é encarado o espaço educativo

¹¹ Vide Anexo I

e a importância que este revela no seio da instituição museológica em estudo. Esta entrevista foi aplicada à subdiretora do MACE, a técnica superior Patrícia Machado, a qual mantém um contacto diário com esta instituição, estando-lhe inerente todo o tipo de questões que se relacionem com este espaço museológico. Esta entrevista teve a duração de sensivelmente 30 minutos com recurso à gravação de toda a conversa. Após a recolha destes dados foi-nos possível analisar o quão importante é para o MACE manter o espaço educativo, investindo inclusive no seu bom funcionamento, com o fim de atrair mais frequentadores e este espaço cultural.

Toda a metodologia utilizada durante todo este processo de intervenção revelou ser a mais pertinente para a recolha de informação relacionada com o propósito deste estudo. Sempre presente esteve também a questão de partida, à qual interessa conseguir responder no final deste trabalho de investigação.

5.3. Síntese

Este capítulo reúne elementos que no decorrer deste processo de investigação se verificaram essenciais, no sentido de conseguir responder a um conjunto de questões relacionadas com a problemática deste estudo, a qual se relaciona com utilização do Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Elvas enquanto espaço inovador que permite estabelecer um elo de ligação com a comunidade aproximando-a ao museu. Esta investigação foi realizada com recurso a um estágio, que por sua vez integrou um estágio profissional a decorrer nesta instituição.

Assim, foi necessário estabelecer um conjunto de objetivos associados à natureza do estágio, de modo a facilitar o trabalho a desenvolver no local. Além disso, também a utilização de diferentes recursos metodológicos permitiram a recolha de informação sobre o objeto em análise, entre os quais a aplicação de questionários aos utilizadores do espaço educativo com o fim de “ouvir” aqueles que usufruem da oferta que o MACE proporciona, a observação direta que nos permitiu um conhecimento sobre a realidade educativa desta instituição, a realização de entrevistas à direção deste museu no sentido de melhor apurarmos as políticas utilizadas para a gestão deste espaço e a análise documental para a recolha e verificação de dados inerentes a este trabalho de investigação.

Capítulo 6

O Museu de Arte Contemporânea de Elvas na atualidade

O Museu de Arte Contemporânea de Elvas (MACE), concebido para albergar a coleção António Cachola ¹², mantém as suas funções de dinamizador cultural, assumindo-se como um espaço que alberga um equipamento adequado para o funcionamento das suas áreas públicas, pretendendo assim responder às necessidades de versatilidade das mesmas. É sobretudo a aposta na dimensão e qualidade do núcleo da coleção que permitem ao museu uma projeção no seio da arte contemporânea a um nível nacional, ibérico e internacional.

O MACE tem mantido até então um leque de exposições bastante ativo, garantindo uma média de duas exposições por ano (com uma duração aproximada de 6 meses), não só com obras da coleção, mas também com a colaboração de outras instituições similares, como é exemplo a Culturgest ou até a Fundação de Serralves. Atualmente encontra-se patente no MACE a 11ª exposição, intitulada “Génesis” e a qual é composta apenas com obras da coleção António Cachola.

Para além das exposições (foco central de atração do museu), o MACE possui uma oferta de atividades educativas bastante apelativa, e a qual é sempre delineada em função da temática da exposição em vigor, e também considerando as características da população que habitualmente frequenta este espaço. Além disso, o museu tem ainda ao dispor dos seus visitantes uma cafetaria, a qual proporciona momentos de lazer a quem por lá passa usufruindo inclusive de uma excelente vista sobre a cidade.

Após uma breve contextualização sobre esta instituição museológica, este capítulo pretende explorar e dar-nos a conhecer a constituição deste museu, através da história da sua emergência e o seu conseqüente desenvolvimento, a coleção e as exposições que acolhe, assim como a sua missão e objetivos.

¹² António Cachola é economista e começou a colecionar obras de arte há 20 anos. Este colecionador elvenses estudou em Lisboa, no Instituto Superior Económico, e após a sua licenciatura tirou uma pós-graduação em Finanças Empresariais na Universidade Católica. Desempenha funções de economista desde 1981 na empresa Delta Cafés em Campo Maior.

António Cachola conseguiu reunir o seu espólio no Museu de Arte Contemporânea de Elvas, tornando-se uma espécie de “Joe Berardo do Alentejo”, por analogia à coleção de obras de arte reunida pelo madeirense Joe Berardo e que está patente no Centro Cultural de Belém.

6.1. História e desenvolvimento

Inaugurado a 6 de Julho do ano 2007, o Museu de Arte Contemporânea de Elvas encontra-se instalado num edifício localizado no centro da cidade, onde o antigo Hospital da Misericórdia de Elvas esteve sediado até aos anos 90 do século XX. O núcleo original do edifício foi construído no século XVI e ampliado nos séculos XVIII e XX. Por conseguinte, a construção de um museu moderno num edifício de elevado valor arquitetónico e integrado numa cidade histórica, constituiu um desafio de algum relevo. João Pinharanda (2009:17) reforça que “o MACE está integrado num edifício de grande significado para a cidade e para a arquitetura, escultura e azulejaria portuguesas”. No seu exterior, o edifício mantém a traça do século XVI, no entanto, o seu interior foi submetido a diversas alterações.

O MACE é um projeto multidisciplinar, incluindo não só a transformação do edifício, mas também o projeto de equipamento e de comunicação do museu. Este espaço possibilitou que uma cidade do interior do país passasse “a dispor de um museu de arte contemporânea com condições de instalação e funcionamento nacionais e condições de difusão e imagem de dimensões internacionais” (Pinharanda, 2009:15).

A emergência do MACE advém de um esforço expresso quer pela autarquia de Elvas, quer pelo colecionador António Cachola (detentor de uma expressiva coleção de arte portuguesa contemporânea), no sentido de tornarem público este importante acervo e conseqüentemente ser um novo polo de desenvolvimento cultural. É então que surge um acordo entre a Câmara Municipal de Elvas e o colecionador, assegurando o depósito por 13 anos de uma coleção de arte portuguesa dos anos 80-90, neste novo projeto museológico, o Museu de Arte Contemporânea de Elvas.

O MACE surge num “momento crucial, em que Portugal discutia, como nunca o papel da arte contemporânea junto das populações, a questão das centralidades e periferias e o estatuto das coleções privadas nas suas relações com o Estado” (Pinharanda, 2009:15). Com efeito, no contexto da arte contemporânea tem-se vindo a tornar cada vez mais frequente que se exponha publicamente uma coleção particular, muitas vezes integradas em instituições museológicas. No caso da coleção António Cachola, o colecionador iniciou-se nesta área com um envolvimento pessoal e direto, procurando relacionar artistas e inclusive “dar-nos uma visão muito completa das linguagens reveladas e consolidadas desde a segunda metade dos anos 80 até aos dias de hoje” (Pinharanda, 2007:9). Neste contexto, o MACE pretende afirmar-se como um

marco para esse conhecimento, nomeadamente na apresentação de obras bastante relevantes do período que abrange.

Figura 1 - Fachada do Museu de Arte Contemporânea de Elvas



Foto: autora

6.2. Missão, objetivos e constituição

O MACE constitui-se como um espaço que integra a rede de equipamentos culturais da Câmara Municipal de Elvas, traduzindo assim uma tutela municipal, a qual faz parte organicamente do setor de Museus e Património da Divisão Sociocultural da autarquia. José António Rondão Almeida, presidente deste município refere que este espaço “tem como missão elevar a oferta cultural da cidade, funcionando como pólo cultural dinamizador da região e permitindo um crescente incremento do turismo cultural; incentivar à criação da arte contemporânea e à reflexão sobre os seus contextos de produção e ajudar a diluir as fronteiras entre a arte contemporânea e o público; entre o centro e a periferia e entre Portugal e Espanha e o resto do mundo” (Almeida, 2009:7).

Neste sentido, importa mencionar também o perfil e vocação desta instituição museológica, definidos no artigo 7º do Regulamento Interno:

“O MACE pretende integrar-se no panorama museológico e expor o património artístico contemporâneo, mas também incrementá-lo sistematicamente e interpretá-lo convenientemente. Também servirá de fórum para a fruição, estudo e investigação da arte e do pensamento contemporâneos. Na atualidade o MACE possui no seu acervo permanente mais de quatro centenas de peças da Coleção António Cachola que, em função dos espaços disponíveis irá sendo apresentado. As peças foram recebidas pela Câmara em regime de depósito, com uma duração de 13 anos, renovável por mútuo acordo. A Coleção é exclusivamente nacional, não tem limites disciplinares, temáticos ou estéticos e pretende proporcionar uma visão global das realidades históricas e criticamente produtivas definidas entre trabalhos de artistas revelados ou firmados nos anos 80 do século passado e a atualidade. A Coleção tem um carácter eminentemente abrangente e didático sendo, ao mesmo tempo, um estímulo para a criação de novas realidades”.

Já os seus objetivos estão definidos no artigo 8º, e constituem-se os seguintes:

1. O MACE tem como principal objetivo da sua existência e programação tornar-se um pólo dinamizador de uma nova centralidade do interior alentejano, podendo assumir um papel principal numa rede transfronteiriça de cidades e vilas próximas, articulando diferentes realidades museológicas, galerísticas, universitárias e empresariais. Outro aspeto importante é a obrigatória associação com entidades do mesmo teor e de valia nacional e internacional.
2. Outros objetivos do MACE são:
 - a) Dotar a cidade de Elvas de um importante centro de investigação, conservação, exposição e difusão de arte contemporânea;
 - b) Incentivar à criação da arte contemporânea e à reflexão sobre os seus contextos de produção;
 - c) Estudar e investigar a arte e o pensamento contemporâneos; o ponto cronológico de partida é os anos 80 até à mais recente contemporaneidade, o que não compromete a futura apresentação de exposições ou atividades de outros períodos passados, quando assim se justificar, por haver algum elo com a presente coleção;
 - d) Recuperar o passado imediato e transmiti-lo ao futuro como bem cultural de valor permanente, consolidando o futuro, através das mais variadas manifestações plásticas do nosso tempo e com um óbvio valor permanente;

- e) Colecionar objetos de arte contemporânea formando uma coleção representativa e significativa, permitindo uma autêntica e continuada tarefa educativa, a que o MACE está obrigado;
- f) Incorporar objetos de arte contemporânea relevantes e em concordância com o perfil e a vocação do Museu, apresentados neste Regulamento;
- g) Identificar, documentar, autenticar, datar e investigar, de maneira a garantir, por uma lado, a autenticidade das peças, e por outro, sólidos conhecimentos contextuais extrínsecos e intrínsecos às diferentes obras e aos seus produtores, os artistas;
- h) Proteger e conservar o património a seu cargo;
- i) Expor, promover e divulgar a investigação; difundir e incentivar a arte atual através da produção de exposições e as suas respetivas publicações científicas e informativas;
- j) Apoiar a produção de encomendas a artistas e de atividades didáticas;
- k) Incentivar projetos nascidos da sua própria iniciativa, funcionando como centro produtor de exposições, centro co-produtor, difusor e integrado em circuitos de itinerância em exposições temporárias em regime de co-produção, troca ou itinerância;
- l) Colaborar com os pólos contemporâneos;
- m) Educar e estimular o público nas faixas mais amplas e heterogêneas, promovendo periodicamente diversas atividades educativas, como cursos, visitas guiadas, ateliers, conferências, workshops, entre outros;
- n) Reunir todo o tipo de documentação, literária, gráfica e audiovisual relacionada com a arte e a cultura contemporânea.

6.3. O meio e a realidade envolventes

Sendo o MACE um espaço museológico implantado num edifício com valor histórico-arquitetónico, torna-se pertinente evidenciar o simbolismo que este espaço traduz para a cidade de Elvas, uma vez que outrora este espaço assumiu funções de hospital da Misericórdia desta localidade (sendo um marco de desenvolvimento para a cidade bastante relevante). De igual modo, saliente-se ainda aspetos associados a uma região ainda carenciada de instituições desta índole, revelando por consequência baixos índices de consumo cultural.

Por conseguinte, fazendo uma análise genérica ao “*Diagnóstico Social do Concelho de Elvas*” (2005), torna-se evidente que Elvas apresenta algumas debilidades estruturais, entre as quais a reduzida densidade populacional, o envelhecimento populacional e também os baixos níveis de escolaridade em geral da população residente.

De facto, o envelhecimento populacional constitui uma debilidade do concelho de Elvas, pois apesar de ser o terceiro concelho alentejano (em 2002) com menor índice de envelhecimento (131,16%, ou seja, por cada 131 idosos residentes existem 100 jovens), a este valor acresce o índice de dependência total, uma vez que a relação entre os indivíduos em idade ativa é cada vez menor para suportar economicamente aqueles que não se incluem na idade ativa, ou seja, as faixas etárias dos 0 aos 14 anos e dos 65 ou mais anos. Por outro lado, os baixos níveis de escolaridade em geral da população residente no concelho elvense, constitui outra debilidade concelhia, pois embora a taxa de analfabetismo tenda a decrescer, mais de metade da população não completou o ensino obrigatório e menos de 10% obteve qualificações de nível superior (em 2001). Este manifesto afastamento dos estudos pode estar associado a modelos familiares pouco escolarizados, bem como a um apoio pouco estruturado por parte dos pais menos qualificados aos seus filhos, salvo exceções.

No entanto, o concelho possui determinadas potencialidades que se podem assumir futuramente como agentes de desenvolvimento, quer a nível de construção de infra-estruturas rodoviárias Lisboa-Madrid, quer a nível da valorização patrimonial, com a recente aprovação das fortificações de Elvas a Património Mundial pela UNESCO. Ainda assim, o território concelhio é detentor de recursos naturais, paisagísticos e patrimoniais, que estimulam o desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo e ao lazer. De facto, a valorização do património histórico e arquitetónico tem sido uma preocupação constante nos últimos anos por parte do poder local, traduzida no investimento em projetos estruturantes para o concelho (de que é exemplo o próprio MACE, pela criação de postos de trabalho e pela oferta cultural decorrente).

No que diz respeito aos equipamentos culturais, Elvas apresenta algumas infra-estruturas mais relevantes para a cidade, como é o caso da Casa da Cultura, do Coliseu José Rondão Almeida, do Cine-Teatro, do Museu da Fotografia, do Museu Militar (Regimento de Infantaria 8), onde regularmente se realizam atividades diversas, permitindo desta forma que os diferentes públicos (sejam do concelho ou não) mantenham hábitos culturais.

Tendo em conta as limitações, potencialidades e características específicas do concelho elvense, interessa considerar e desenvolver ofertas quer sociais, culturais, educacionais, hospitalares, recreativas, etc., no sentido de responder às reais necessidades da população. Isto é, ao analisarmos a emergência de uma infraestrutura museológica como é o caso do Museu de Arte Contemporânea de Elvas, podemos questionar-nos sobre a pertinência do mesmo, no sentido de averiguar por um lado se de facto um Museu de Arte Contemporânea se relaciona com as características da população concelhia e, por outro lado, quem potencialmente se constitui consumidor direto deste espaço.

Nesta perspetiva podem emergir questões (embora afastando-se um pouco do objeto em estudo) que ponham em causa a pertinência deste espaço para os próprios elvenses, como por exemplo se a população elvense (que segue a tendência do interior e regista um elevado número de população idosa) consegue compreender e contemplar este tipo de arte? Ou seria melhor apostar num museu de outra natureza? De facto, este tipo de situações pode representar algumas fragilidades para uma instituição cultural desta envergadura, dado que a população residente é sobretudo idosa pode não conseguir assimilar o tipo de arte que este museu contempla. De igual modo, quanto à natureza temática do museu, a população poder-se-á identificar com outro tipo de objetos que marquem o seu percurso e história de vida (como por exemplo museus com peças agrícolas ou etnográficos) e por consequência ficar mais satisfeito com a oferta existente.

Considerando tudo que foi dito até então, apraz-nos refletir sobre esta instituição museológica, no sentido de averiguar até que ponto este espaço já concebido poderá contornar eventuais debilidades existentes, como a cada vez menor adesão de visitantes. Confrontando-se a realidade deste espaço, seria proveitoso avaliar e repensar estratégias, por parte do executivo do museu e claro de toda a equipa.

6.4. Síntese

Dado que este estudo se centra no Museu de Arte Contemporânea de Elvas, interessou averiguar aspetos relevantes para o seu enquadramento associados à sua emergência e ao seu percurso até à atualidade. Neste âmbito, destacaram-se informações relacionadas com a sua história e desenvolvimento, as suas funções e objetivos, assim como com a sua oferta.

Além disso, para um melhor e mais completo enquadramento desta instituição procurou-se analisar também o meio e a realidade envolvente deste museu. Posto isto, apurou-se então algumas debilidades como é o caso do envelhecimento populacional ou o baixo nível de escolaridade que este concelho apresenta e por outro lado algumas potencialidades relacionadas com a localização geográfica, com a valorização das suas fortificações como Património Mundial e ainda com um desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo. Este tipo de informação permite-nos contextualizar esta instituição cultural e ao mesmo tempo compreende-la.

Capítulo 7

Apresentação do serviço educativo do MACE

O Serviço Educativo do MACE iniciou funções mesmo antes do museu abrir portas, no sentido de dar a conhecer à comunidade as suas funções, as suas práticas educativas e consequentemente estimular a curiosidade dos intervenientes. Foi então com o projeto “O Museu vai à Escola”, realizado entre os meses de Março e Maio de 2007 que tudo começou com o objetivo de consciencializar as crianças e os professores do 1º ciclo do concelho de Elvas para as questões relacionadas com o futuro museu e para a coleção António Cachola.

No período referido, criaram-se condições básicas numa perspetiva de que este serviço pudesse funcionar através do conhecimento do espólio e da preparação prévia dos conteúdos a serem explorados com os públicos. No sentido de se criar um Serviço Educativo dinâmico e ativo, houve a necessidade de se aprofundar conhecimentos de modo a preparar a equipa do museu no campo deste espaço educativo e das visitas guiadas, através de um conjunto de ações de formação externa (como workshops e visitas a instituições com um Serviço Educativo bastante sólido, como é o caso da Culturgest ou do CCB).

Quando o MACE abriu portas, ao Serviço Educativo coube um espaço adequado no segundo piso do edifício, dispondo este espaço de um mobiliário próprio, de uma sala de oficinas com instalações sanitárias, um zona de mediateca com computadores, revistas e catálogos de arte e arquitetura passíveis de serem consultados. Este espaço pretende assim estabelecer uma ponte entre o museu e os públicos, objetos artísticos e espaços, a fim de originar olhares críticos e reflexivos.

Neste capítulo, o Serviço Educativo do MACE é colocado em evidência, destacando-se para tal aspetos relacionados com a sua emergência, nomeadamente o âmbito da sua criação, a missão e os objetivos definidos previamente aquando da sua prática, sobretudo através de uma programação específica e com destino a públicos distintos. Em suma, o presente capítulo pretende dar a conhecer o funcionamento deste serviço no seu quotidiano e enquadrar o seu propósito, desde que iniciou as suas funções de mediador entre o museu e a população.

7.1. Missão e objetivos do serviço educativo

Segundo o Regulamento Interno do Museu de Arte Contemporânea de Elvas, o art.º 16º descreve que “o Serviço Educativo do MACE tem como função museológica a Educação. Assim, desenvolve atividades lúdico-pedagógicas dirigidas a públicos diversos, nomeadamente crianças, adultos e famílias.

Pretendendo atingir uma série de objetivos, vai apoiar-se não só em visitas guiadas/orientadas ao museu e sua exposição, como também em ateliers de expressão plástica, dramática, etc., e numa mediateca, onde estão disponíveis postos de internet e bibliografia de Arte Contemporânea.”

Com o intuito de desenvolver um vasto conjunto de atividades didáticas dirigidas a diferentes públicos, o Serviço Educativo do Museu de arte Contemporânea de Elvas (objeto em estudo) tem como principal missão dinamizar o museu, desenvolvendo para tal programas educativos que considerem o meio geográfico, antropológico e sociocultural em que se insere. Nesta perspetiva, deverá também divulgar as suas coleções e artistas, fortalecendo a possibilidade de transformar o MACE num local de formação e entretenimento, onde se concebem atividades de carácter lúdico-pedagógico.

Nesta abordagem ao Serviço Educativo, interessa mencionar de igual modo os objetivos deste espaço, apresentados no Regulamento Interno deste museu. Assim, os objetivos inerentes a este espaço educativo são os seguintes:

- a) Dinamizar o museu, desenvolvendo programas educativos que tenham em conta o meio geográfico, antropológico e sociocultural em que está inserido;
- b) Sensibilizar a comunidade local para as artes plásticas e despertar o interesse e a curiosidade pela arte contemporânea;
- c) Integrar a produção artística nas problemáticas da sociedade contemporânea concebendo o trabalho com as obras de arte como portas abertas para a reflexão e o debate sobre o mundo que nos rodeia;
- d) Facilitar a familiaridade com os objetos artísticos através de ações de natureza lúdico-pedagógica, contribuindo para que os sujeitos sejam protagonistas e não apenas recetores de informações para interpretar ou reconhecer obras de arte;
- e) Criar o gosto pela frequência do museu promovendo a aprendizagem ao longo da vida;

Para que estes objetivos sejam cumpridos, foram várias as estratégias traçadas no sentido de se alcançar uma melhor interação com o público já fidelizado e com o público que potencialmente poderá frequentar este espaço museológico, apurando consequentemente melhores resultados.

7.2. Oferta de práticas educativas

De facto, o Serviço Educativo para atingir os objetivos anteriormente traçados, apoia-se em diferentes estratégias de intervenção, nomeadamente:

- através de visitas guiadas/orientadas ao museu e à exposição que se encontre patente, as quais incluem o acompanhamento de um monitor com o intuito de conduzir os visitantes, auxiliando-os na exploração do espaço e da exposição em vigor;
- através de visitas temáticas/visitas jogo, que se traduzem em visitas mais lúdicas e dinâmicas, com uma componente mais descontraída, proporcionando momentos de diversão aos seus participantes;
- através também de programas de conferências e cursos;
- de ateliês nas mais diversas áreas que proporcionem o contacto com diferentes materiais e técnicas das artes plásticas;
- através de uma mediateca; da organização e desenvolvimento de atividades específicas com carácter regular, no sentido de assinalar datas como o Natal, o Carnaval, a Páscoa, o Dia Mundial do Centros Históricos, etc.

Para além do que foi mencionado em cima e de modo a aprofundar os seus objetivos, o Serviço Educativo propõe-se a continuar ou a iniciar projetos em parceria com diferentes instituições, como a Universidade Sénior, com estabelecimentos de ensino e associações/coletividades do concelho. Organiza também outras atividades, concretamente *workshops* orientados por artistas convidados; mesas redondas; ciclos de cinema; apresentação de livros; jornadas de poesia; concertos e outro tipo de atos culturais que estabeleçam elos com a comunidade e a partir dela sejam promovidos.

De um modo geral, as visitas que são propostas surgem relacionadas com as obras expostas e com a temática da exposição que se encontra patente, obrigando os participantes (crianças e adultos) a interagirem com o espaço museológico e com as obras. Relativamente à programação das atividades que o Serviço Educativo tem sempre permanente, refira-se que esta também é elaborada em função da exposição que se encontra em vigor no museu, assim como a sua temática, os artistas que a incluem, o

tipo de obras, materiais e técnicas utilizadas. Ou seja, em função daquilo que está exposto e do tema que a exposição pretende abordar, assim é a programação das atividades que o Serviço Educativo desenvolve, facilitando e promovendo o contacto do público com a exposição/coleção, materiais e conteúdo e exigindo uma experimentação constante.

Como já foi dito, existe uma série de datas comemorativas que são assinaladas por este serviço no museu (como o Natal, o carnaval, etc.), mediante uma programação complementar (que normalmente coincide com um período de férias escolares), com vista a reforçar a interação com os públicos nestes períodos.

Neste sentido, aquando da programação das atividades os profissionais responsáveis por esta deverão ter sempre presente um conjunto de aspetos e características inerentes aos públicos que seguem este serviço, de modo a satisfazer e “chegar” a quem frequenta este tipo de serviços. Cabe também ao Serviço Educativo do museu fazer chegar a mensagem à comunidade sobre a sua oferta educativa, assim como a importância de frequentar este tipo de espaços culturais e o quão produtivo se pode revelar. É de extrema importância a forma como se leva a cabo a divulgação deste serviço, para que consigam atrair e captar novos “clientes”.

Figura 2 e 3 – Espaço do Serviço Educativo



Fotos: autora

7.3. Públicos afetos ao MACE e à sua programação

Relativamente aos públicos que incluem o Serviço Educativo do MACE, refira-se que estes se manifestam bastante diversificados. Desta forma, aponte-se uma primeira fase – aquando da abertura do museu à comunidade e consequente funcionamento do

Serviço Educativo – em que este serviço consegue fidelizar alunos e professores do pré-escolar e do 1º ciclo do concelho, assim como os alunos da Universidade Sénior de Elvas e mantendo um contacto mais estreito com o secundário.

Por conseguinte, aquando da definição de objetivos e estratégias para o Serviço Educativo, foram definidas duas metas a longo e a curto prazo. Assim, a curto e a médio prazo pretendeu-se fidelizar públicos como as escolas do pré-escolar, o 1º, 2º e 3º ciclos (as melhores idades para sensibilizar e consciencializar, criando até hábitos culturais). Também os alunos do ensino secundário e os professores dos vários níveis de ensino desenvolvendo conjuntamente os conteúdos e objetivos. A população em geral, no sentido de projetar o museu como um espaço de fruição e a Universidade Sénior e os idosos do concelho.

Já a longo prazo, pretende-se através do aumento das capacidades da equipa, um alargamento da ação a grupos sociais ou etários particulares, como sejam associações culturais e recreativas; grupos ou associações de tempos livres; adultos (considerados individualmente ou em grupos específicos); pessoas portadoras de algum tipo de deficiência (física e/ou psíquica), assim como também a investigadores e especialistas que pontualmente procuram esta instituição para desenvolverem trabalhos académicos.

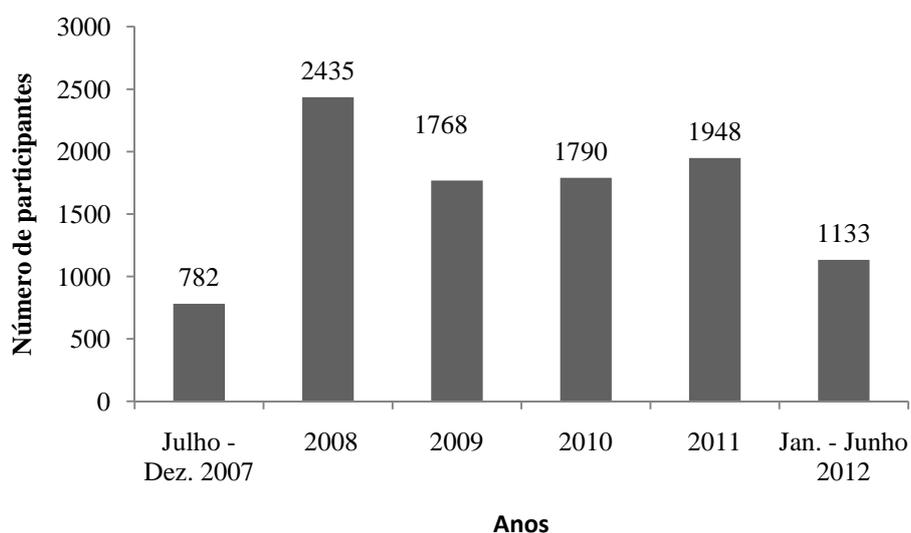
Atualmente, a maioria dos públicos que o Serviço Educativo propôs angariar, já se encontra a frequentar regular ou esporadicamente este espaço educativo, o que por sua vez se traduziu numa mais-valia quer para este serviço, quer para o MACE, quer inclusive para os próprios visitantes. Assim, com intuito de conseguir atrair com êxito os diferentes públicos, o Serviço Educativo desenvolve uma programação diversificada e apelativa, tendo o cuidado de abranger diferentes públicos. Isto é, embora as atividades possam ser passíveis de adaptação, quando são criadas destinam-se a um público específico, com determinadas características e especificidades.

Posto isto, importa ainda referir que os públicos que manifestam o seu interesse pela participação numa determinada atividade, seja por exemplo por uma visita/jogo ou apenas por uma visita guiada, fazem-no através de uma marcação prévia (sobretudo instituições de ensino). Pontualmente existem também ateliês que assinalam momentos festivos, que normalmente coincide com um período de férias/pausa – como o carnaval, o natal ou a páscoa – e onde os visitantes podem frequentar livremente, com um grupo de amigos ou até com a sua família as propostas desenvolvidas.

Neste sentido, por forma a melhor compreendermos como tem sido a evolução dos participantes quanto à adesão da oferta educativa do MACE ao longo dos anos

desde a sua abertura, analisemos a Figura 4 que espelha os resultados relativos ao período de julho 2007 (aquando da abertura do museu) até junho de 2012 (altura em que o estágio terminou) e ainda a Figura 5 que representa a média mensal do número de participantes que frequenta o Serviço Educativo durante o mesmo espaço temporal.

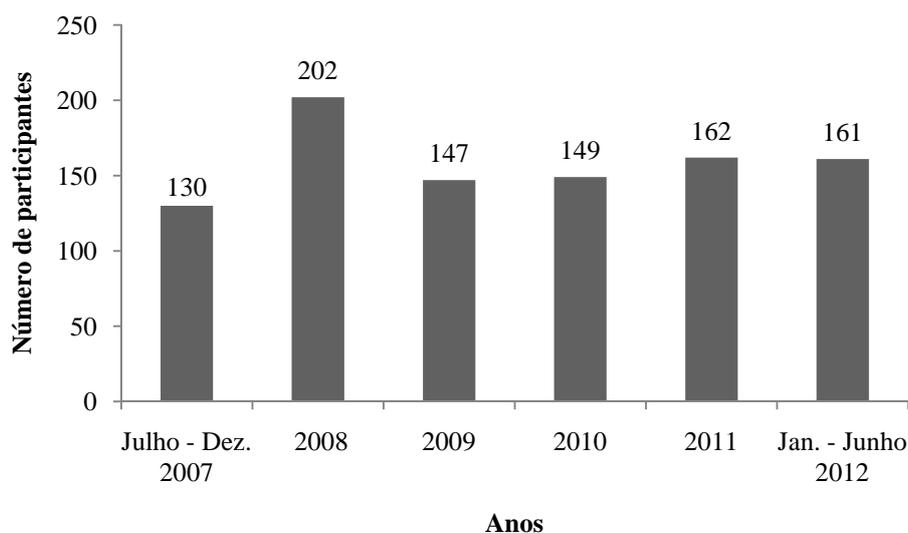
Figura 4 – Número total de participantes no serviço educativo (2007-2012)



Fonte: Autora, com base nos dados recolhidos no sistema de gestão de bilheteira do MACE

A análise das Figuras 4 e 5 possibilita-nos fazer uma leitura mais específica dos valores registados, isto é, sendo que a Figura 4 se reporta a valores absolutos dos visitantes, desde a sua abertura (em 2007) até ao término do estágio (em 2012), tornou-se proveitoso analisar os valores médios mensais (visíveis na Figura 5) no sentido de melhor compreendermos a variação destes valores e consequentemente verificar a sua evolução.

Figura 5 – Média mensal do número de participantes no serviço educativo (2007-2012)



Fonte: Autora, com base nos dados recolhidos no sistema de gestão de bilheteira do MACE

Analisando os gráficos anteriores - o primeiro revelando valores absolutos dos visitantes e o segundo referindo-se à média mensal de visitantes -, é claro o aumento dos participantes entre o primeiro ano (embora este período seja referente a 5 meses) e o ano seguinte (de 2008). Este facto pode estar associado, por um lado, à curiosidade dos públicos em conhecer um novo espaço museológico e cultural e consequentemente a sua oferta educativa e, por outro lado, à comunicação estabelecida com as instituições de ensino (concelhias e não só), elevando assim a afluência de participantes a este espaço. Entre os anos 2008 e 2009 verificamos uma diminuição de participantes (a mais significativa) de quase 30% em termos anuais, a qual se deve talvez à oferta educativa inerente à programação exibida não se manifestar tão apelativa ou até pelo facto de algumas entidades educativas ou grupos de visitantes não voltarem a frequentar este espaço. Por conseguinte, a Figura 5 espelha bem que os valores referentes aos anos de 2009, 2010 e 2011 se revelam mais ou menos idênticos mantendo uma margem pouco significativa entre si, mas revelando uma tendência ligeiramente crescente no número de visitantes do MACE. De igual modo, 2012 embora apresentando valores relativos apenas aos primeiros seis meses do ano, revela seguir a tendência dos anos anteriores em termos de assistência média mensal e poderá eventualmente terminar o ano com valores similares.

Estes valores referentes aos últimos anos podem indicar que o número de visitantes que adere ao Serviço Educativo se mantém sensivelmente constante, próximo

das 160 visitas mensais, traduzindo-se como um valor favorável, dado que decerto existe um elo de ligação constante entre estes e o MACE expresso ano após ano e que pode de facto incluir as escolas do concelho e outras instituições parceiras que anualmente usufruem da oferta cultural/educativa que o MACE coloca ao seu dispor.

Considerando o que em cima foi referido, podemos apurar que o Serviço Educativo mantém as suas práticas ativas, tentando preservar públicos já fidelizados e angariar novos públicos. Para tal, apoia-se em diferentes estratégias com o fim de sustentar a prática educativa desenvolvida pelo MACE.

7.4. Síntese

Como fundamentalmente este estudo se destina a uma investigação direta do serviço educativo do MACE, este espaço foi também alvo de análise focando aspetos relacionados com o seu surgimento mesmo antes do museu abrir portas. Quer isto dizer que este serviço mesmo antes de iniciar funções, sentiu a necessidade de se dar a conhecer à comunidade estudantil, um público-alvo a fidelizar.

Para que os seus objetivos se fizessem cumprir, este espaço educativo em concreto definiu determinadas estratégias de intervenção, traduzidas numa oferta de práticas educativas aliciantes, apoiando-se em visitas jogo, ateliers, workshops, entre outras. Além da elaboração de práticas educativas, este serviço estabeleceu públicos-alvo que pretendeu fidelizar sob formas de metas a curto e médio prazo, assim como a longo prazo. Atualmente este serviço continua a investir na angariação de novos públicos (incluindo aqueles que não têm tanta facilidade em frequentar este tipo de espaços) e conta já com públicos fidelizados.

Capítulo 8

O Estágio no MACE

O desejo de atuação e o compromisso de mudança culminaram no conhecimento sobre o objeto em mudança, neste caso o Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Para tal, o presente capítulo pretende evidenciar todo o processo de investigação realizado durante o período de estágio, sendo para tal necessário considerar várias etapas constituídas como essenciais para a emergência de uma oferta educativa ajustada à visão deste serviço.

Primeiramente haverá um enquadramento das funções e das atividades desenvolvidas, seguindo-se uma abordagem à realidade dos públicos que escolhem visitar o MACE, quer seja o público geral que apenas mantém interesse pela exposição vigente, quer seja o público que frequenta o espaço educativo com recurso à programação educativa exposta. Esta análise será feita com base em dados recolhidos no sistema de gestão da bilheteira do museu, os quais permitirão um estudo mais real sobre quem frequenta o museu. Para além deste indicador, interessa também considerar os inquéritos aplicados aos participantes no serviço educativo, como forma de analisar o perfil dos participantes de modo genérico.

De seguida, o enfoque vai para as práticas educativas desenvolvidas durante o tempo em que o estágio decorreu, havendo para tal uma descrição pormenorizada das mesmas, face às exposições que foram levadas a cabo durante este espaço de tempo. Ainda sobre as práticas educativas desenvolvidas, será proveitoso incluir a perspetiva dos inquiridos sobre a participação nesta, permitindo-nos apurar as opiniões dos públicos.

Ainda neste capítulo a política e os moldes da comunicação efetuadas serão alvo de estudo, no sentido de melhor compreendermos o modo como é encarada a política de divulgação levada a cabo pelo museu e conseqüentemente a forma como este chega à comunidade, aproximando-a de si e estabelecendo elos de ligação que permitam aos públicos adquirir hábitos culturais desta índole.

Os aspetos até então referenciados foram analisados de forma a que posteriormente consigamos apreender algumas conclusões relacionadas com a temática central deste trabalho de investigação, permitindo-nos fazer uma retrospectiva sobre as

práticas desenvolvidas. Desta forma, a recolha de informação *in loco* muito contribuiu para uma visão mais clara e concisa acerca das questões centrais deste trabalho.

8.1. Funções e atividades desenvolvidas

Com o início do estágio no MACE onde o objetivo principal se destinava ao desenrolar de funções no Serviço Educativo, foram definidas determinadas funções e responsabilidades a serem desenvolvidas durante este processo. Estas funções passaram essencialmente por incluir e coordenar este serviço de modo a que este sofresse algumas alterações e uma nova abordagem (dado que na altura não possuía um profissional dedicado apenas a este espaço). Posto isto, de modo a se conseguir um melhor aproveitamento deste serviço potencializando as suas funcionalidades estas funções incluíam:

- conhecer a realidade onde se pretende intervir;
- efetuar uma pesquisa prévia sobre os artistas, as obras e a exposição em vigor, de modo a conhecer o que se pretende explorar;
- elaborar e executar um plano de atividades dinâmicas que incluíssem o programa educativo deste serviço, assim como em datas especiais e comemorativas;
- preparar as atividades antes da sua execução, organizando os diferentes recursos (materiais, humanos, logísticos)
- proceder à divulgação das atividades, com recurso a métodos de comunicação eficazes;
- estabelecer contactos diretos com as instituições (escolares e não só);
- realizar visitas guiadas, visitas jogo e atividades educativas.

Assim, sempre que foi necessária a criação de uma nova oferta, esta exigia uma pesquisa prévia sobre o tema a explorar, pois na verdade é este que guia o processo de desenvolvimento e a criação da oferta educativa normalmente associada à exposição em vigor ou datas comemorativas. Este processo obrigava a uma investigação sobre os conteúdos das obras expostas, dos próprios artistas ou da época comemorativa, no sentido de se conseguir criar atividades que conjugassem a vertente lúdica com o que a exposição, as obras e os artistas pretendiam transmitir. Após a criação das atividades que incluíam o programa educativo, procurou-se apostar na comunicação de diferentes formas (através de cartazes, panfletos, e-mails, telefonemas, deslocação aos locais, página online, entre outros) fazendo chegar até à comunidade a oferta disponível.

Desta forma, foram duas as exposições que emergiram durante o período de estágio e por conseguinte este processo repetiu-se quer para a elaboração do programa geral do Serviço Educativo, quer para os momentos comemorativos como o natal, a páscoa, o carnaval e as férias. Para uma melhor perceção do que foi desenvolvido, visualizemos as tabelas seguintes.

Figura 6 – Programa serviço educativo- exposição “*Staging The Archive*”

Atividade	Público-alvo	Objetivo
A Magia das Palavras	Universidade Sénior	Construção de trocadilhos/rimas/versos
E tu já comunicaste hoje?	2º ciclo	Abordagem ao conceito de comunicação
Sombras e Chocolate	Pré-escolar e 1º ciclo	(re) interpretação da obra de arte Sombras e chocolate
Fotografia na Ponta dos dedos	2º e 3º ciclos	Construção de uma fotografia desenhada
Obras à solta	3º ciclo e Ens. Secundário	Interação com as obras de arte e descoberta do museu
Pegadas Fotográficas	Público em geral	Construção de uma máquina fotográfica artesanal

Fonte: Autora, com base nos programas do Serviço Educativo durante o tempo de estágio

Figura 7 – Programa serviço educativo- férias de verão

Nome da Atividade	Público-Alvo	Objetivo
Cartas de Amor quem as não tem?	Público sénior e/ou avós com netos	Transmissão de conhecimento de avós para netos
Chapéus há muitos!	Dos 4 aos 12 anos	Construção de uma personagem
Casas, casinhas, peças e pecinhas	Dos 4 aos 12 anos	Explorar o conceito de casa e a sua importância

Fonte: Autora, com base nos programas do Serviço Educativo durante o tempo de estágio

Figura 8 – Programa serviço educativo - férias de natal

Nome da Atividade	Público-Alvo	Objetivo
Atenção! O natal está a chegar.	Dos 6 aos 14 anos	Elaboração de uma notícia
Árvore dos desejos	Dos 6 aos 14 anos	Expressar desejos para um novo ano
O postal dos teus sonhos	Pré-escolar	Construção de um postal de natal personalizado
Aleg(o)ria de Natal	Público em geral	Construção de uma obra de arte alusiva ao natal

Fonte: Autora, com base nos programas do Serviço Educativo durante o tempo de estágio

Figura 9 – Programa serviço educativo - exposição “Génesis”

Nome da Atividade	Público-Alvo	Objetivo
Visitas guiadas	Público em geral	Visita à exposição
Uma aventura no MACE (visita jogo)	Ens. Secundário e Superior	Descobrir obras de arte e o próprio museu
Em busca da arte perdida (visita jogo)	3º ciclo	Descobrir obras de arte e o próprio museu
Quanto tempo o tempo tem? (visita temática)	Público em geral	Explorar o conceito de tempo
Ideias Trocadas (visita temática)	Público em geral	Interação com palavras e o simbolismo das mesmas
Retrat' arte	1º, 2º e 3º ciclos, Ens. Secundário e famílias	Realização de um retrato através de uma fotografia
Com as mãos na massa	Pré-escolar e 1º ciclo	Construção de esculturas
Caixinha de paisagens	2º e 3º ciclos	Construção de uma paisagem com diferentes perspetivas
Nem tudo o que parece é!	1º, 2º e 3º ciclos	Elaboração de um caleidoscópio

Fonte: Autora, com base nos programas do Serviço Educativo durante o tempo de estágio

Figura 10 – Programa serviço educativo - férias de carnaval

Nome da Atividade	Público-Alvo	Objetivo
Magia...Aventura... Carnaval... Entra!	Público em geral	Construção de personagem

Fonte: autora com base nos programas do Serviço Educativo durante o tempo de estágio

Figura 11 – Programa serviço educativo - férias de páscoa

Nome da Atividade	Público-Alvo	Objetivo
Uma aventura... na Páscoa!	Público em geral	(re) interpretação de uma obra de arte

Fonte: Autora, com base nos programas do Serviço Educativo durante o tempo de estágio

Os quadros em cima expostos resumem as práticas que foram elaboradas e executadas durante todo este processo de investigação. Neste sentido, podemos observar que existe sempre uma programação geral permanente associada à exposição que se encontra patente (como é o caso das Figuras 6 e 9) e pontualmente são criadas programas educativos ou apenas atividades que coincidem com épocas comemorativas como o Natal (Figura 8) ou o Carnaval (Figura 10). Este tipo de oferta educativa surge tentando conjugar o tema que a exposição ou o momento comemorativo que se pretende assinalar, com práticas inovadoras e criativas que cativem o interesse da comunidade. Assim, emerge um programa onde são definidos o nome da atividade, uma sinopse apelativa que resume a iniciática e o público-alvo a que se destina.

Posto isto, este tipo de ações são desenvolvidas com o intuito de aproximar a comunidade a esta instituição cultural, tentando conjugar aspetos essenciais para a atratividade das mesmas, passando por um lado pela inovação das atividades de programa para programa no sentido de criar novos motivos de ida ao MACE, assim como por outro lado facilitar a interação com as obras numa vertente mais dinâmica.

8.2. Análise do funcionamento do serviço educativo

8.2.1. Os públicos do museu

Fazendo uma análise aos visitantes frequentadores do Museu de Arte Contemporânea de Elvas, torna-se possível dividi-los em dois grandes grupos, isto é, por um lado, o público que visita regular ou esporadicamente por iniciativa própria e individualmente o museu (não necessitando para tal de acompanhamento de um técnico ao longo da visita) e, por outro lado, o público que frequenta o espaço educativo do museu, sendo a sua maioria composto pelas camadas mais jovens, nomeadamente em regime escolar.

Relativamente aos mais jovens embora frequentem o museu apenas com intenção de participar nas atividades lúdicas, poderão eventualmente criar um hábito futuro de frequentar este espaço se sensibilizados para tal. Isto é, indivíduos que se deslocam ao MACE através de uma visita escolar podem pedir aos pais que os levem numa ocasião futura, quer para visitar a exposição ou para usufruir das práticas educativas existentes (ou se já tiverem idade frequentar de forma autónoma). Numa outra perspetiva, alunos que frequentem cursos como história e artes podem manifestar interesse em visitar o museu e fazê-lo regularmente. Por outro lado, falemos também de indivíduos cuja curiosidade e interesse por este tipo de oferta cultural originem a procura de uma visita guiada com o intuito de melhor explorar e conhecer a exposição, as obras, os artistas e o próprio museu (incluindo a sua história, o seu edifício e características adjacentes). Deste tipo de visitas faz parte um público que não procura atividades complementares, mas apenas uma visita organizada que contemple as obras de arte exibidas, por forma a satisfazer o seu interesse cultural e intelectual.

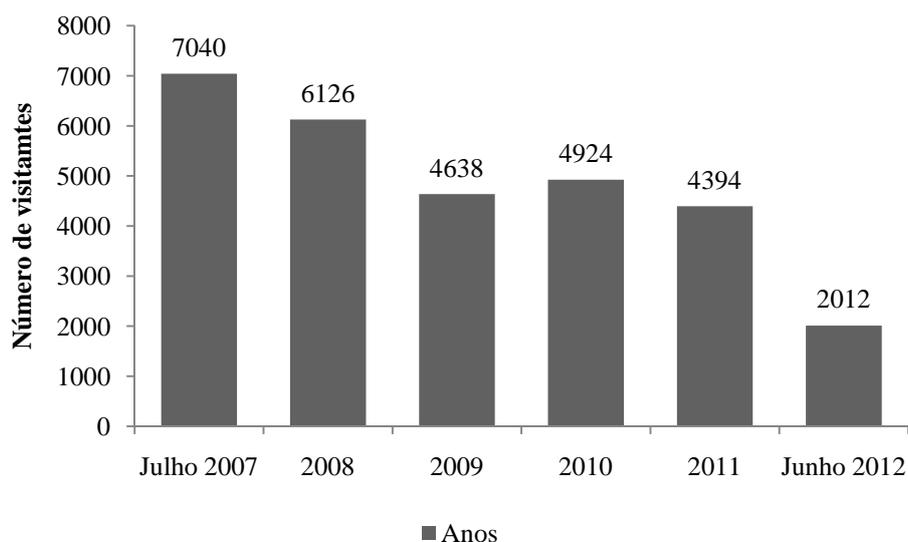
Com recurso a esta informação sobre a organização dos públicos que visitam o MACE, apraz-nos evocar um conceito de museu atual (sobre o qual já nos debruçamos no capítulo 1), que sofreu uma (re)adaptação a um público-alvo cada vez mais variado,

o que por sua vez traduz uma nova preocupação dos museus sobretudo em adequar as suas funções e a sua oferta ao público que pretende alcançar.

Neste sentido, segue-se uma análise mais detalhada que se torna perceptível através do número total de visitantes/ano contabilizado pelo sistema de gestão da bilheteira inserido na receção deste espaço cultural, o qual foi criado com o intuito de contabilizar as entradas no museu e contabilizando também indicadores como a faixa etária dos indivíduos que visitam o museu.

De modo a que consigamos compreender um pouco melhor a realidade dos públicos que têm escolhido o Museu de Arte Contemporânea de Elvas para visitar, observemos a Figura 12 que reporta indicadores sobre o número total de visitantes manifesto ao longo dos anos, o qual revela desde a sua abertura em 2007 uma oscilação de público.

Figura 12 – Número total de visitantes do MACE (2007-2012)



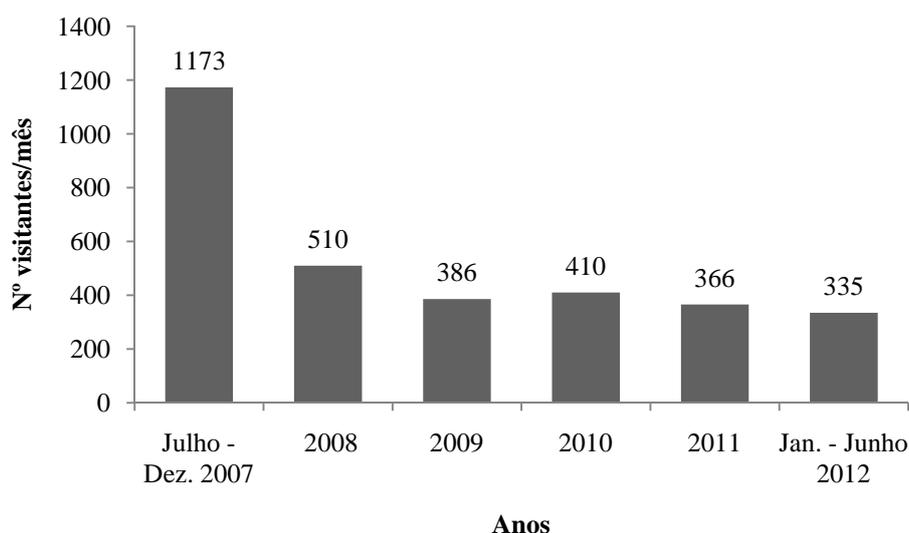
Fonte: Autora, com base nos dados recolhidos no sistema de gestão de bilheteira do MACE

Através dos valores apresentados, é visível que o ano de abertura do museu (embora não referente a 12 meses) contabilizou os valores mais altos até então, o que pode ter acontecido devido à curiosidade dos visitantes em conhecer um novo espaço da museologia contemporânea. No ano seguinte os valores diminuem de forma muito considerável (até porque estes valores já se reportam a um período temporal de 12 meses), com uma variação de cerca de 914 visitantes. Entre 2008 e os anos seguintes há uma certa tendência de estabilização dos valores quer anuais (acima de 4500 visitantes),

quer de média mensal (a rondar os 400 visitantes), oscilando de forma menos significativa entre si, como podemos verificar mais em detalhe na Figura 13 (Média mensal de visitantes do MACE entre 2007-2012). Quanto ao ano de 2012, este expressa indicadores referentes aos primeiros seis meses do ano, que indicam uma tendência de diminuição do número de visitantes (menos cerca de 30 visitantes mensais), podendo o ano terminar com valores inferiores aos dos outros anos.

Este tipo de estatística é bastante frutífera para quem gere este espaço museológico, uma vez que lhe permite analisar mais em detalhe os públicos que visitam o museu ano após ano e consequentemente verificar ou até repensar estratégias que consigam angariar mais visitantes ao museu.

Figura 13 – Média mensal de visitantes do MACE (2007-2012)



Fonte: Autora, com base nos dados recolhidos no sistema de gestão de bilheteira do MACE

8.2.2. Utilizadores do serviço educativo

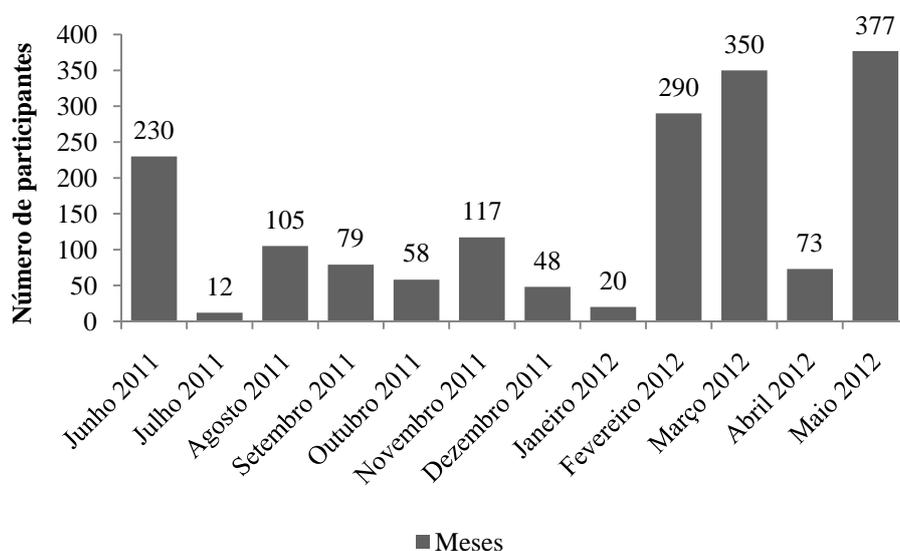
Dado que nos estamos a debruçar sobre os públicos afetos ao MACE, teremos que nos reportar aos frequentadores do Serviço Educativo como parte importante deste museu conforme as palavras da técnica responsável pelo museu (durante a entrevista que lhe foi realizada)¹³, manifestando que “o serviço educativo é a ponte entre o museu e os seus potenciais públicos”. Além disso, reforçando o que se disse anteriormente (no

¹³ Vide Anexo II a entrevista à direção do MACE.

capítulo 3), este serviço contava inicialmente com um âmbito de atuação muito direcionado para a comunidade escolar, no entanto com a evolução da própria sociedade a par da evolução do museu houve um alargamento dos públicos, que se tornam mais heterogéneos e diversificados. Posto isto, a evolução dos participantes que aderiram à oferta educativa no museu ao longo dos anos (2007-2012) já realizada no capítulo anterior, registou um aumento entre o primeiro e o segundo ano, um decréscimo no ano seguinte e a partir de 2009 os valores tendem a seguir uma tendência estabilização com oscilações pouco expressivas, sendo que 2012 (embora se reporte apenas aos primeiros 6 meses do ano) tende a seguir uma tendência de diminuição do número de visitantes, podendo terminar o ano com valores inferiores ao dos outros anos.

No entanto, como o foco de estudo neste trabalho é o Serviço Educativo e uma vez que o trabalho de investigação foi realizado através da execução de um estágio (o qual coincidiu com o estágio profissional da aluna), importa destacar os valores relativos ao período temporal em que decorreu o estágio (entre junho de 2011 e maio de 2012), contabilizados de igual forma através sistema de gestão da bilheteira da receção do museu, o qual contém um indicador específico designado de ‘visitas de grupo/estudo’. Esta opção irá registar o número de indivíduos que através de marcação prévia usufruíram de uma visita guiada ou de atividades disponíveis no programa educativo do MACE.

Figura 14 - Número mensal de participantes no Serviço Educativo durante o período de estágio (junho de 2011 e maio de 2012)



Fonte: Autora, com base nos dados recolhidos no sistema de gestão de bilheteira do MACE

É com recurso à Figura 14 que expressa valores designadamente entre os meses de junho de 2011 a junho de 2012, que iremos conhecer a evolução do número de visitantes sentida ao longo deste período no Serviço Educativo. Para tal, podemos verificar primeiramente a elevada oscilação que os valores manifestam entre si ao longo do ano, havendo uma notável discrepância de valores de mês para mês. Seguidamente ressalta à vista os meses de julho de 2011 e janeiro de 2012 registando os valores mais baixos, podendo associar-se ao facto de nestes períodos (apesar de não abranger o mês inteiro) o museu se encontrar encerrado ao público devido a mudanças de exposição, motivo que condiciona o registo de entradas no MACE e consequentemente no Serviço Educativo.

No que respeita aos meses de agosto e setembro de 2011 (época de férias de verão), os valores expressos devem-se sobretudo a contactos com os ATL's e outros grupos pré-estabelecidos que mantêm uma ligação regular com o espaço educativo do museu. Seguidamente destaque-se o mês de dezembro, o qual regista uma queda nos valores em relação a novembro, associando-se este acontecimento, por lado, devido ao tempo que nesta altura se faz sentir e que consequentemente obriga à requisição de transporte (condicionando a deslocação dos indivíduos ao museu), e por outro lado à época festiva associada a um período de férias natalícias, época de união familiar. Por sua vez, são sobretudo os últimos meses em análise que evidenciam valores mais elevados relativamente à participação no serviço educativo. Estes meses coincidem com a melhoria do tempo (permitindo a deslocação dos indivíduos ao museu sem a dependência do transporte) e com a intenção dos docentes em realizar visitas de estudo ou aulas no exterior, escolhendo esta instituição para tal.

De facto, podemos apontar esta diferença sazonal como um fator que manifesta uma forte influência nas visitas ao Serviço Educativo, uma vez que as instituições escolares e de outro cariz revelam a necessidade de requisitar transporte (normalmente cedido pela autarquia local ou transporte próprio) para se deslocarem até ao museu, quando o tempo não permite a deslocação sem utilizar transporte. O pessoal afeto ao Serviço Educativo tenta assim colmatar esta necessidade, procurando rentabilizar as visitas e estabelecendo um acordo entre o transporte (da autarquia) e as escolas, dado que este tipo de público-alvo (escolar) constitui grande parte dos frequentadores deste espaço.

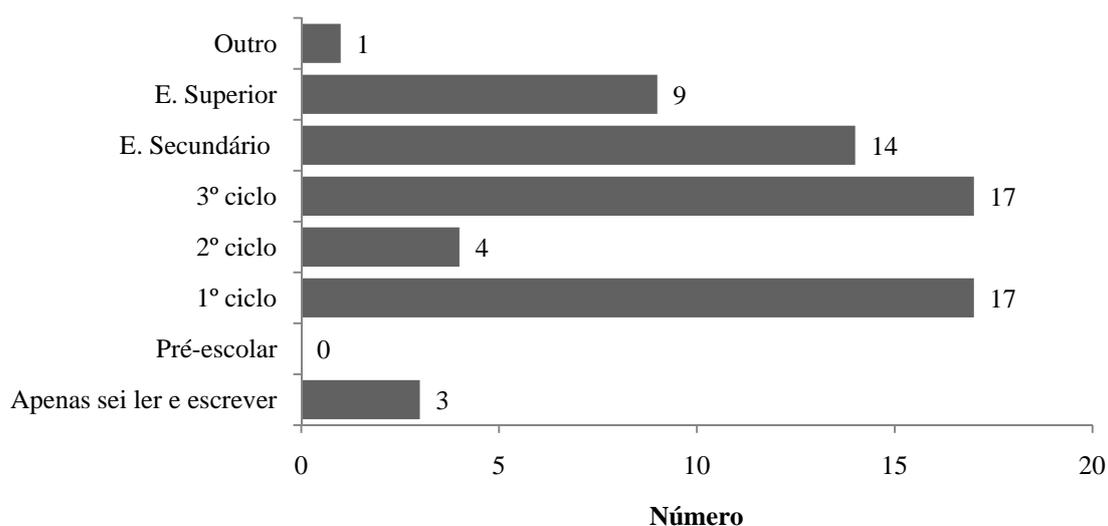
No sentido de enriquecermos esta análise sobre a realidade de públicos que visitam o MACE, torna-se proveitoso incluir informações relacionadas com os

questionários aplicados aos utilizadores do Serviço Educativo deste museu e os quais foram aplicados aleatoriamente no final das atividades educativas, independentemente da sua condição etária ou escolar. Assim, através da aplicação deste questionário foi possível retirar algumas conclusões a propósito dos públicos que usufruem da oferta educativa, assim como a propósito do funcionamento deste espaço.

Primeiramente interessa caracterizar os inquiridos, considerando que dos 65 inquiridos na totalidade, 40 são do sexo feminino e 25 do sexo masculino. Além disso, a grande maioria (52) reside no concelho elvense, o que por si só indica que a maior parte dos frequentadores deste espaço educativo pertence à região de Elvas, o que por sua vez traduz a reduzida adesão ao espaço educativo por parte de indivíduos que residam fora do concelho elvense, ou a dificuldade do MACE em atingir públicos exteriores ao concelho de Elvas e turistas. As palavras da técnica responsável pelo museu durante a entrevista que lhe foi realizada, nomeadamente quando questionada sobre a eventual existência de razões específicas para a escolha de públicos, expressam bem que “o público local e o da Extremadura são uma prioridade”, facto que pode relacionar-se com a alínea b) dos objetivos definidos para o serviço educativo anteriormente referidos, o qual expressa a intenção de “sensibilizar a comunidade local para as artes plásticas e despertar o interesse e a curiosidade pela arte contemporânea”.

Quanto ao seu nível de escolaridade, é perceptível através da Figura 15 que a maioria dos inquiridos possui apenas o ensino básico, seguindo-se o ensino secundário e o ensino superior. Estes valores poderão indicar, por um lado, que a maioria dos participantes pertence a faixas etárias mais baixas, o que pode associar-se ao facto de serem sobretudo as vistas de estudo/grupo que compõem os indicadores deste espaço e, por outro lado, que a população do concelho elvense possui um nível de escolaridade inferior ao ensino secundário. Este facto, tendo sido já referenciado anteriormente aquando da caracterização do meio envolvente ao MACE, pode constituir um fator explicativo para a cada vez menor participação da população neste tipo de oferta cultural.

Figura 15 – Nível de escolaridade dos utilizadores do serviço educativo



Fonte: Autora, com base na análise dos inquéritos aos utilizadores do MACE

Com base no que foi referido relativamente aqueles que frequentam o Serviço Educativo do museu, é perceptível a heterogeneidade de públicos participantes, pois através dos valores de escolaridade apurados, ressalta que atualmente não só os mais novos usufruem deste tipo de atividades, assim como aqueles que frequentam vertentes de ensino especializadas (incluindo o ensino secundário e superior). Estes dados expressam a sua importância sobretudo ao se relacionarem com a alínea e) dos objetivos estabelecidos pelo serviço educativo, o qual se propõe a “criar o gosto pela frequência do museu promovendo a aprendizagem ao longo da vida”. De facto, é incentivando a comunidade estudantil a frequentar este tipo de oferta cultural, estimulando cada vez mais cedo a sua curiosidade e interesse em adquirir novas aprendizagens que novos hábitos se criam.

8.2.3. A oferta educativa desenvolvida

A oferta educativa atual apoia a sua intervenção em diferentes estratégias de intervenção, designadamente práticas compostas por visitas guiadas à exposição; visitas jogo/visitas temáticas; ateliers e workshops; um programa educativo genérico com recurso a atividades relacionadas com o tema central da exposição e ainda pontualmente um programa específico ajustado a datas comemorativas (natal, carnaval, verão, ...). Esta oferta educativa visa principalmente dinamizar o museu considerando um leque de

características inerentes ao meio onde se insere. Ao mesmo tempo, visa sensibilizar a comunidade local para as artes, despertando o interesse e a curiosidade dos indivíduos pela arte contemporânea.

As visitas guiadas integrais proporcionam ao usuário uma visita por todas as salas do museu onde se encontrem expostas obras de arte, sob o acompanhamento de um guia que conduz a visita, explicando ao mesmo tempo a funcionalidade e a pertinência do que está exposto. Este guia faz parte da equipa técnica do museu (podendo ser um técnico superior ou um técnico operacional) e o qual é escalado em função da visita requerida, isto é, a pessoa que orienta a visita fá-lo-á dependendo da sua formação, conhecimentos e capacidades.

Além deste tipo de visitas, existe também como oferta as visitas jogo/visitas temáticas, as quais se desenvolvem em apenas uma ou duas salas, não chegando a finalizar uma visita completa pela exposição. Este tipo de visitas contempla uma vertente mais lúdica e dinâmica, proporcionando ao visitante uma maior interação com as obras de arte e obrigando-os a desempenhar um papel ativo com o espaço e com as obras de arte. Este tipo de visitas são muito aceites pela comunidade estudantil, que frequentam de bom agrado este tipo de atividades sob uma vertente mais dinâmica, pois além de ser realizada uma visita à exposição, existe sempre associada uma atividade dentro do contexto da exposição.

Quanto aos ateliers e workshops, estes acontecem em consequência da exposição que se encontre em vigor, proporcionando assim (quer à equipa técnica quer ao público em geral que manifeste interesse em participar) o contacto com diferentes materiais e técnicas das artes plásticas, com artistas convidados ou outro tipo de atos culturais que estabelecem elos com a comunidade.

Não poderíamos deixar de contemplar uma parte importante da oferta educativa e qual constitui a programação educativa incluindo diversas atividades com destino aos diferentes públicos. Estas atividades surgem sempre associadas ao tema central abordado pela exposição, focando essencialmente a interação do visitante com as obras de arte. Quando são pensadas, estas visam ter presente um fator inovador, isto é, tentando não repetir o seu leque de atividades de exposição para exposição. Esta intenção de manter uma oferta educativa sempre atualizada e que vá de encontro às expectativas de quem neles participa é um cuidado a ter por parte de quem elabora e executa a programação educativa.

No sentido de melhor compreendermos as práticas que aconteceram ao longo das exposições que passaram pelo MACE durante o período em que decorreu o estágio, consideremos as diferentes programações educativas colocadas ao dispor da comunidade, as quais podemos observar resumidamente nas Figuras 6 a 11 e também através dos cartazes utilizados para a divulgação das mesmas e os quais se encontram em anexo. Assim, a primeira exposição que surgiu durante o estágio foi “*Staging The Archive*” em parceria com a Fundação Serralves (que incluiu obras da coleção de Serralves e da coleção António Cachola) e que esteve exposta entre 17 de julho e 31 de dezembro de 2011. Após uma pesquisa sobre os elementos expostos, sobre os artistas, os materiais e técnicas utilizadas nas obras, o tema, etc., os técnicos afetos ao Serviço Educativo elaboraram uma programação¹⁴ com recurso a títulos e sinopses apelativas no sentido de suscitar o interesse e a curiosidade da comunidade.

De modo a reforçar a programação geral alusiva à exposição “*Staging The Archive*” (dado que esta inaugurou em pleno Verão), pensou-se em destacar esta época de férias e incluir novas atividades na oferta educativa, no sentido de diversificar um pouco a oferta já existente, conjugando a temática em voga e o público potencial. À semelhança do que foi realizado durante o período das férias do Verão, também o mês de Dezembro mereceu destaque, em particular por se tratar de uma época natalícia que inclui um período de férias escolares. Assim, o Serviço Educativo procedeu à elaboração de novas atividades educativas, com o intuito uma vez mais de reforçar a programação geral¹⁵:

Uma vez terminada a exposição “*Staging the Archive*”, uma nova exposição foi inaugurada no MACE, designada de “*Génesis*”, com início a 28 de janeiro de 2012 e com o fim previsto a 02 de setembro do mesmo ano. Esta exposição inclui apenas obras do colecionador, o Dr. António Cachola o que nos facilitou a pesquisa sobre os artistas, as obras, os materiais e as técnicas utilizadas, etc. Esta nova exposição trouxe consigo uma nova programação educativa, renovada e com algumas alterações¹⁶. Ainda assim, as datas comemorativas do carnaval e da Páscoa foram assinaladas respetivamente com uma atividade para o efeito.

Como pudemos constatar até então, o leque de atividades que compõe a oferta educativa do MACE tem sido bastante diversificado, tentando sempre inovar e “chegar”

¹⁴ Vide Anexo III o cartaz do Programa Educativo inerente à exposição “*Staging The Archive*”.

¹⁵ Vide Anexo IV o cartaz alusivo à programação de Natal

¹⁶ Vide Anexo V o cartaz com o Programa do Serviço Educativo referente à exposição “*Génesis*”

aos diferentes públicos, com recurso a iniciativas que visem a interação com o espaço museológico e com as próprias obras de arte. É sobretudo com intenção de produzir um trabalho mais ativo e dinâmico, onde o interesse maior se prende com a aquisição de conhecimentos por parte de quem visita, que este espaço visa proporcionando uma maior e melhor autonomia durante o contacto com as obras de arte.

8.2.4. Razões para visitar o MACE

De facto, como vimos no capítulo 4 (Estratégias e práticas educativas), a interatividade que o museu proporciona no decorrer da visita, não se limita ao contacto com o objeto, havendo para tal um estímulo e um ambiente propício que conduzem os públicos a fazer as suas próprias interpretações, experiências educativas e capacidade crítica.

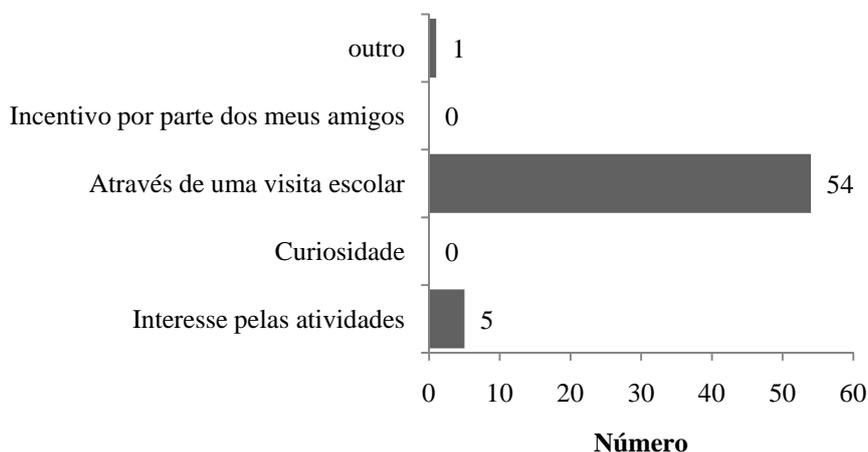
As estratégias utilizadas pelo museu, incluindo as do Serviço Educativo, são de extrema importância para a captação de públicos, apoiando-se sobretudo no *“desenvolvimento de atividades para diferentes tipos de público, tendo em conta a faixa etária, interesses e motivações. A componente lúdica integra as atividades propostas como forma de atrair a atenção dos potenciais públicos”*¹⁷. Na verdade, esta componente lúdica constitui um estímulo à captação de públicos, contrariando a ideia preconcebida de que a visita a um museu é algo chato, aborrecido e sem interação com o que está exposto.

Complementando as práticas educativas expostas e que foram criadas no sentido de aproximar o museu e a comunidade, interessa conhecer a perspetiva dos indivíduos que usufruem desta oferta que este espaço coloca do seu dispor. Para tal, a análise dos inquéritos efetuados aos utilizadores do MACE permitiu-nos apurar que dos 65 inquiridos, 57 manifestaram já ter participado nas atividades do Serviço Educativo e 6 revelaram não o ter feito. Já quando confrontados com os motivos que os levaram a participar nas atividades educativas do museu, é visível através da leitura da Figura 16 que a maioria (54) o fazia durante as visitas escolares ao museu, o que revela a falta de iniciativa própria para frequentar este tipo de oferta cultural, havendo a necessidade de ser estimulados pelos professores. Este elo entre o museu e os docentes traduz um vínculo bastante importante, pois como veremos mais à frente, o contacto estabelecido

¹⁷ Com base na entrevista realizada à técnica responsável pelo museu (questão B4), Anexo II

com os professores, com recurso à divulgação da oferta existente, constitui um forte veículo para a visita da comunidade escolar ao MACE.

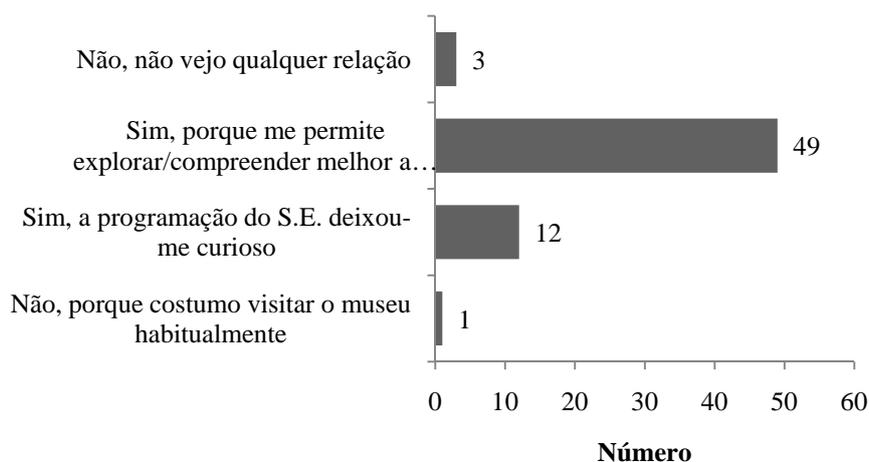
Figura 16 - Motivos que levam os inquiridos a participar nas atividades do serviço educativo



Fonte: Autora, com base na análise dos inquéritos aos utilizadores do MACE

Quando questionados sobre a sua opinião relativamente à sua participação nas atividades oferecidas pelo Serviço Educativo, apenas 1 inquirido revelou “gostar pouco” das atividades, 24 consideraram “interessantes” e 40 manifestaram “gostar muito” das atividades, o que nos remete para uma conclusão positiva relativamente à prática das atividades desenvolvidas, isto é, na generalidade os frequentadores do Serviço Educativo sentem-se satisfeitos com as atividades desenvolvidas, podendo constituir motivo da sua visita novamente.

Figura 17 – Influência do serviço educativo na ida ao MACE



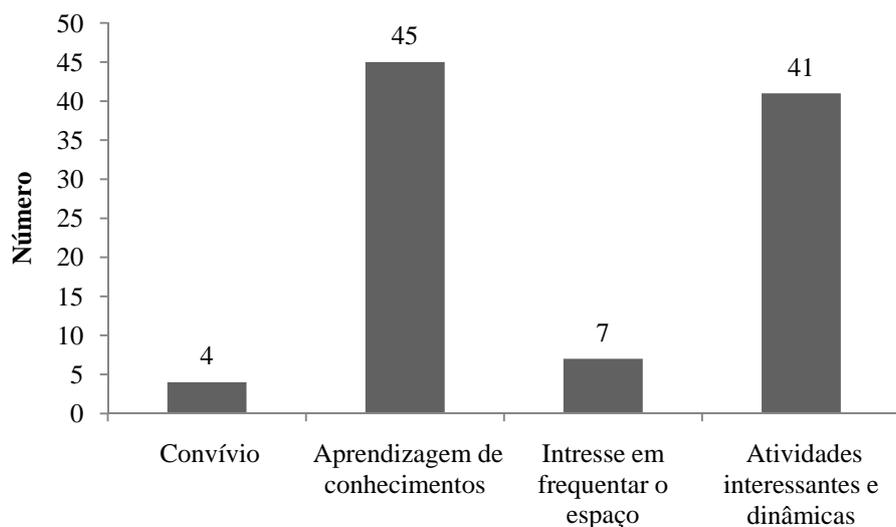
Fonte: Autora, com base na análise dos inquéritos aos utilizadores do MACE

A Figura 17 remete-nos para a influência que as atividades disponíveis no espaço educativo revelam nas visitas dos inquiridos ao museu, permitindo-nos compreender se na ótica dos inquiridos a oferta do Serviço Educativo influencia a deslocação destes ao museu. Na verdade, 49 dos inquiridos afirmaram através das suas respostas que este serviço influenciava de facto a sua ida ao MACE, sobretudo por lhes permitir explorar e compreender melhor e exposição em vigor. Por sua vez 12 dos inquiridos confirmaram esta influência devido à curiosidade pela programação educativa e os restantes inquiridos responderam não ver qualquer relação ou frequentarem habitualmente o museu, não existindo essa influência por parte do Serviço Educativo.

8.2.5. Aspetos positivos e negativos do serviço educativo

No sentido de apurar a opinião dos inquiridos relativamente aos aspetos positivos e negativos deste espaço, formulou-se uma questão nesse sentido. Assim, pode-se constatar através da Figura 18 quanto aos aspetos positivos que a maioria considera a aquisição de conhecimentos e as atividades interessantes e dinâmicas como os fatores mais proveitosos do Serviço Educativo.

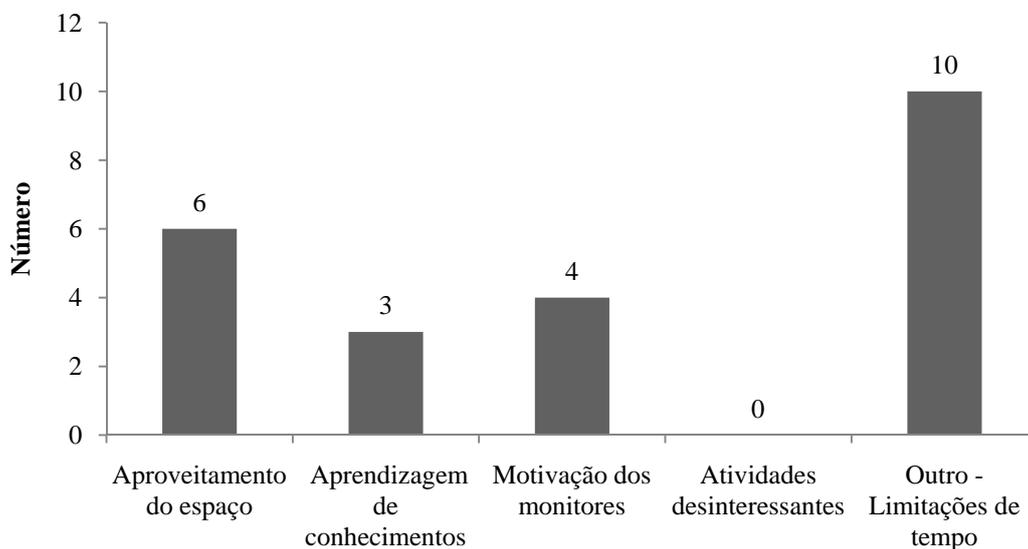
Figura 18 – Aspectos positivos do serviço educativo



Fonte: Autora, com base na análise dos inquéritos aos utilizadores do MACE

Já quanto aos aspetos negativos observemos através da Figura 19 que este espaço tende a demonstrar, os inquiridos revelaram que são sobretudo as limitações de tempo e o aproveitamento do espaço os aspetos que menos lhes agradaram.

Figura 19 – Aspectos positivos do serviço educativo



Fonte: Autora, com base na análise dos inquéritos aos utilizadores do MACE

Continuando uma abordagem às práticas desenvolvidas, saliente-se que estas foram alvo de uma observação direta, o que permitiu uma investigação mais profunda e real, sobretudo no decorrer das atividades educativas. Assim, segundo o que se

conseguiu apurar durante o período de estágio, na generalidade os participantes do Serviço Educativo manifestaram-se interessados em explorar as atividades, questionando sobre a sua pertinência e execução e expressando a sua opinião sobre as mesmas. Na sua maioria, seguiam as indicações proferidas *a priori* pelo monitor, levando-os se necessário a aplicar conhecimentos prévios durante a execução da atividade, no sentido de atingir a sua resolução eficazmente.

Por conseguinte, no que respeita ao interesse e motivação em participar nas atividades propostas, esteve quase sempre presente o esforço em concretizar as tarefas propostas, havendo um claro entusiasmo e satisfação por experimentar este tipo de ofertas educativas. No entanto, em alguns momentos sobressaíram alguns comentários e intervenções menos produtivas com o intuito de destabilizar as atividades e os quais foram abordados correta e eficazmente. Não obstante, em momentos de interação grupal fez-se notar uma boa coesão e entreajuda entre os elementos das equipa, sobretudo em atividades de competição, cujo interesse principal era vencer.

Quanto à relação dos participantes com os monitores, esta revelou-se quase sempre eficaz no decorrer das atividades, isto é, na generalidade os participantes ouviam com atenção as explicações fornecidas, salvo exceções em momentos de destabilização e falta de atenção por parte de alguns indivíduos, os quais pertenciam na maioria das vezes ao 3º ciclo ou ao ensino secundário. Ainda quando necessário solicitavam a colaboração do monitor, questionando-o em caso de dúvida quer relacionada com a atividade em si ou até com obras expostas.

Em suma, fazendo uma síntese sobre as práticas educativas desenvolvidas no MACE, apraz-nos evidenciar a oferta diversificada que o Serviço Educativo disponibiliza à comunidade, a qual é encarada como parte fundamental para a relação entre o museu e os públicos. Durante este período de investigação, houve sempre uma preocupação em tentar melhorar a qualidade da oferta educativa de exposição para exposição, no sentido de manter os públicos que mantêm já o hábito de frequentar este espaço e por outro lado atrair novos públicos. Cada vez mais estas práticas surgem tendo presente a heterogeneidade dos públicos, facto que o museu tenta acompanhar e consequentemente ajustar de modo a satisfazer os seus visitantes.

8.2.6. Estratégias de comunicação

Com o avançar dos anos tem-se vindo a evidenciar o papel da comunicação, estabelecendo-se como parte importante nas instituições culturais, particularmente em museus. Neste sentido, um conjunto de estratégias e práticas educativas bem planeadas, definidas e aplicadas conduzem a um estreitar de laços com os públicos e consequentemente contribuem para a aproximação destes ao museu. Estas estratégias de comunicação são parte importante para atrair novos visitantes ao museu, pois através de uma divulgação bem efetuada consegue-se captar a atenção de curiosos, levando-os a explorar este espaço.

Considerando que o público do MACE se constitui na sua maioria escolar, a comunicação e divulgação da oferta educativa dirige-se sobretudo a este tipo de público. Assim, esta tarefa é realizada sobretudo através de um contacto prévio com todos os agrupamentos escolares do concelho e diretamente com os professores, assim como com agrupamentos escolares dos concelhos limítrofes e instituições de outro cariz (APPACDM; Universidade Sénior, Associações Culturais, entre outras). Ou seja, quando emerge um novo programa educativo (quer seja associado a uma nova exposição ou associado a momentos de pausa letiva), existe uma divulgação deste através de um contacto direto às instituições por parte do museu, de modo a que estas tenham conhecimento da oferta educativa que o museu coloca ao seu dispor e posteriormente aderirem. Esta divulgação é realizada com base numa “mailing list”, uma base de dados onde se encontram reunidos todos os contactos das instituições (telefónicos, morada e e-mail) e a qual tem vindo a aumentar nos últimos anos.

Esta divulgação é realizada de diferentes formas, sendo a primeira abordagem feita através do envio de uma mensagem por correio eletrónico, o qual contém o cartaz referente ao programa educativo que contém a descrição da oferta disponível e os públicos aos quais se destinam. No sentido de reforçar esta primeira abordagem, é feito com contacto telefónico às instituições previamente selecionadas (sobretudo escolares não só do concelho). Além disso, não só às escolas mas também a outras entidades que costumam manter interesse em participar nas atividades do Serviço Educativo, é efetuada também uma visita ao local a fim de sensibilizar os professores, educadores, auxiliares, encarregados de educação, entre outros para a oferta disponível no museu. É deixado ainda um cartaz já impresso na instituição em causa, para que esta o possa afixar e dar a conhecer toda a oferta à comunidade. Nos mesmos moldes é solicitada a

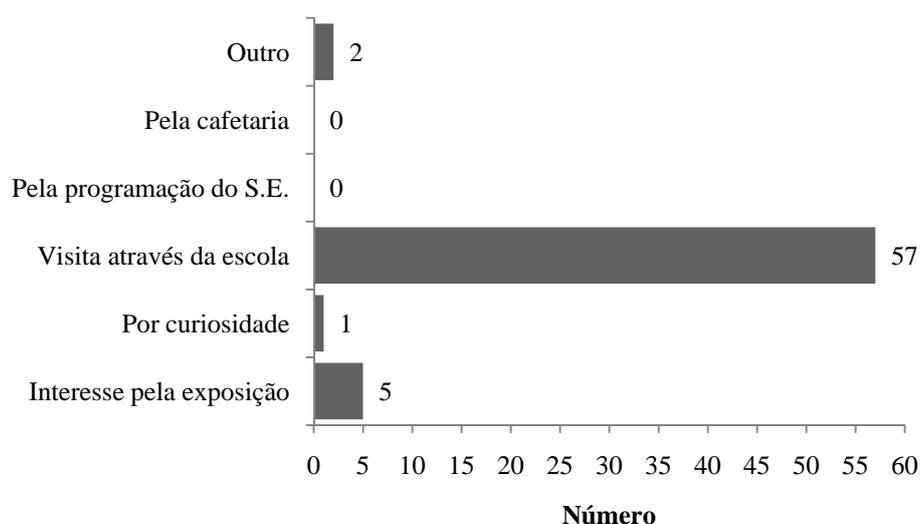
colaboração dos profissionais de ensino aquando da existência de férias escolares, divulgando junto dos seus alunos o programa de férias em destaque.

Além desta divulgação, existem também outros recursos utilizados com o intuito de se efetuar uma melhor comunicação e desta forma permitir que a comunidade esteja a par das atividades que o MACE desenvolve. Estes recursos passam pelo site da Câmara Municipal de Elvas, que mantém a sua página inicial com a programação atual das várias entidades que gere e passam também pela Agenda Municipal, a qual engloba informações sobre as atividades que acontecem no concelho trimestralmente.

Por conseguinte, com recurso ao inquérito aplicado aos utilizadores do MACE tentou-se perceber de que forma a informação sobre o Serviço Educativo chega à comunidade. Assim, os inquiridos quando questionados sobre se se tratava da primeira visita ao MACE manifestaram maioritariamente uma resposta afirmativa (48), o que nos indica que estes indivíduos não mantêm o hábito de frequentar este espaço museológico. Por sua vez, quando confrontados com algumas sugestões relacionadas com os motivos que os levaram a visitar o MACE, é visível através da Figura 20 que os inquiridos na sua maioria indicaram que o faziam sobretudo através das visitas com a sua escola, seguindo-se o interesse pela exposição e aparentemente a programação do Serviço Educativo não revela ser um motivo para a visita dos inquiridos a este espaço.

Neste sentido, estes dados podem remeter-nos para um conjunto de conclusões que podem emergir da análise efetuada, isto é, para uma ideia de que os frequentadores deste serviço não frequentam o MACE por iniciativa própria, mas sim deslocando-se em visitas de estudo pré-definidas com os professores, sendo sobretudo a comunidade estudantil que usufrui deste espaço. Além disso, podemos concluir através da ausência de respostas a esta opção, que a programação do Serviço Educativo não se constitui um motivo para a ida dos indivíduos ao museu, o que pode indicar a falta de interesse por parte por indivíduos em relação à oferta educativa. Por outro lado, podemos questionar-nos sobre a pertinência e eficácia da oferta que o espaço educativo do MACE, ou seja, talvez a programação efetuada não seja suficientemente atrativa, não influenciando a deslocação dos indivíduos a esta instituição. Desta forma, os responsáveis pelo Serviço Educativo devem ponderar fazer alterações às suas estratégias, quer referentes à oferta educativa (criando novas formas de atrair público) quer referentes ao processo de comunicação.

Figura 20 – Motivos que levaram os inquiridos a visitar o MACE



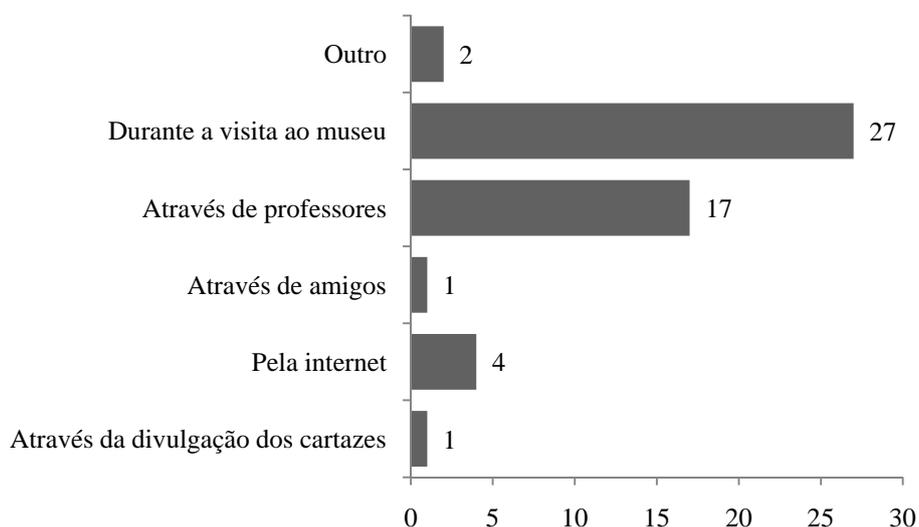
Fonte: Autora, com base na análise dos inquéritos aos utilizadores do MACE

Este tipo de informação permite-nos ponderar algumas implicações que podem influenciar as estratégias utilizadas pelo museu aquando da sua intervenção através do leque de atividades oferecidas aos frequentadores, as quais se podem adaptar ao tipo de público que usufrui consecutivamente deste espaço, ou se pelo contrário se deve apostar em outro tipo de atividades que atraiam indivíduos que não tenham tanta facilidade de acesso a este tipo de cultura. Pode igualmente influenciar o tipo de comunicação utilizado para divulgar as práticas educativas, ou seja, este pode ser (re)pensado e ajustado em função de quem se pretende atrair. Ainda neste âmbito, ao analisarmos o objetivo principal do MACE verificamos que este pretende ser “um pólo dinamizador de uma nova centralidade do interior alentejano...”, o que por sua vez implica um investimento mais intensivo por parte do museu, de forma a expandir a sua oferta cultural.

Ao analisarmos concretamente a opinião dos inquiridos sobre o Serviço Educativo e o seu funcionamento, começou por ser perguntado se já conheciam este serviço do MACE, revelando-se a maioria das respostas (48) afirmativa. De seguida, perguntou-se sobre a forma como tiveram conhecimento deste espaço educativo e as respostas, conforme podemos observar na Figura 21, foram sobretudo durante a visita ao museu, seguindo-se a opção através de professores. Estas respostas manifestam que é no MACE que a maioria dos frequentadores do Serviço Educativo tem conhecimento do mesmo,

facto que nos remete para uma eventual falha na divulgação destes serviços, ou de meios mais eficazes para o fazer.

Figura 21 – Forma como os inquiridos souberam da existência do serviço educativo



Fonte: Autora, com base na análise dos inquéritos aos utilizadores do MACE

Ainda no inquérito aos utilizadores do MACE, procurou-se aferir sobre a participação dos inquiridos nas atividades do Serviço Educativo, apurando-se desta forma que 48 dos inquiridos pronunciaram-se afirmativamente quanto à frequência nestas atividades e os restantes 17 manifestaram não tê-lo feito. Neste sentido, interessou ainda apurar o motivo que os levou a experimentar as atividades, e mais uma vez o motivo aparente esteve associado à participação de visitas escolares. Este facto remete-nos uma vez mais para uma perspetiva de que a maioria dos participantes nas atividades deste espaço não o faz por iniciativa própria, mas sobretudo durante visitas escolares previamente definidas pelos professores. Ainda assim, podemos concluir que a população elvense na sua generalidade não mantém hábitos em frequentar este tipo de espaços de cultura. Além do mais, a oferta educativa que o museu tem ao dispor da população pode não ser suficientemente apelativa, não suscitando o interesse dos indivíduos. Por outro lado, poder-se-á colocar também a hipótese de que a oferta educativa seja divulgada incorretamente pelo MACE, facto que se apurou através de uma questão onde os inquiridos indicam não participarem nas atividades devido principalmente ao “desconhecimento” sobre a existência deste serviço. Através desta informação, não só o trabalho efetuado através de uma divulgação externa ao museu,

mas também a comunicação que é realizada internamente, possibilita ao visitante obter um conhecimento do espaço educativo durante o decorrer da visita o museu.

Fazendo uma retrospectiva do que foi referido neste subcapítulo, importa destacar a importância da divulgação. É sobretudo com recurso a uma boa comunicação que o museu e em concreto o Serviço Educativo consegue dar a conhecer o seu trabalho e a sua oferta educativa. É estabelecendo uma ligação sólida com a comunidade que este vai conseguir construir uma imagem atrativa e de confiança, o que irá atrair cada vez mais novos públicos ao MACE.

8.3. Visão de pontos fortes e pontos fracos

Após uma análise aos dados recolhidos através da aplicação dos diferentes instrumentos metodológicos durante o período em que decorreu o estágio, os quais foram abordados anteriormente neste capítulo, surge uma análise SWOT¹⁸ para estruturar e organizar esquematicamente a informação recolhida, permitindo uma melhor e mais fácil reflexão sobre a mesma. Esta figura evidencia então as forças (pontos fortes), as fraquezas (pontos fracos), as oportunidades e as ameaças relacionadas com o Serviço Educativo do MACE. Este tipo de análise com recurso a uma grelha em esquema, permite-nos uma visão mais genérica acerca do que se tem desenvolvido e conseqüentemente traçar métodos de ação, repensar estratégias e tomar decisões no sentido de melhorar este serviço.

Figura 22 – Análise SWOT do serviço educativo

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> - Espaço físico bem estruturado e moderno; - Variedade de práticas educativas; - Abordagem ao património artístico contemporâneo; - Proporciona novos conhecimentos e aprendizagens; 	<ul style="list-style-type: none"> - Ineficiente divulgação da oferta educativa; - Inexistência de uma equipa responsável exclusivamente pelo Serviço Educativo; - Ausência prática e métodos de avaliação no Serviço Educativo; - Pouco rigor na duração das atividades;

¹⁸ A Análise SWOT é uma ferramenta de gestão muito utilizada para um diagnóstico estratégico. O termo SWOT é composto pelas iniciais das palavras *Strengths* (Pontos Fortes), *Weaknesses* (Pontos Fracos), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças) (www.iapmei.pt).

- Oferta educativa ajustada às exposições.	- Fraca adesão do público mais novo por iniciativa própria; - Fraca adesão de público sénior;
Oportunidades	Ameaças
-Comunidade mais próxima da arte contemporânea; -Localização geográfica numa zona transfronteiriça; -Interesse em criar parcerias com o museu; -Aposta numa divulgação diversificada; -Incentivo à exploração da arte contemporânea; -Possível interação com o museu devido à proximidade com Badajoz (MEIAC); -Classificação da cidade elvense a Património Mundial pela UNESCO pode dar mais visibilidade ao MACE.	-Ausência de uma política pública sólida para este tipo de instituições; -Desinteresse e desmotivação dos públicos em relação à oferta educativa; -Características da população elvense; -Dependência financeira do reduzido orçamento da autarquia; -Eventual deslocalização da coleção António Cachola (dado que o MACE não possui coleção própria); - Elevadas distrações concorrenciais; - Falta de disponibilidade das instituições ex. Univ. Sénior, escolas e associações/ coletividades para colaborar com o MACE.

Fonte: Autora

Estrategicamente esta análise identifica os pontos fortes e fracos mais relevantes no Serviço Educativo, destacando-se como pontos fortes a variedade de práticas educativas como elemento inovador e dinâmico, assim como a facilidade em adquirir novos conhecimentos e aprendizagens e por outro lado como pontos fracos a ineficiente divulgação da oferta e a ausência de uma equipa responsável pelo espaço educativo. Também as oportunidades podem revelar-se fulcrais para repensar e redefinir estratégias de intervenção, como sendo a aproximação da comunidade à arte contemporânea, assim como a localização geográfica numa zona transfronteiriça, podendo suscitar motivos de parceria com instituições desta natureza ou outro tipo organismos como o MEIAC de Badajoz e também a classificação da cidade de Elvas a Património Mundial da Humanidade pela UNESCO, pode atrair mais turismo cultural e conseqüentemente dar mais visibilidade ao MACE. Ainda assim, as ameaças que neste serviço possam existir, devem ser tidas em consideração, nomeadamente no que respeita à falta de adesão e até desmotivação da comunidade, a crescente e feroz oferta ocupacional como concorrentes

à oferta educativa do MACE e até as próprias características da população elvense, onde algumas tradições, hábitos e costumes tendem a fazer-se sentir em determinadas franjas da sociedade. Ainda assim, o facto de o MACE não possuir uma coleção (e sim do colecionador António Cachola) pode eventualmente significar que a coleção existente se desloque para outro local, e por conseguinte uma ameaça evidente. Neste sentido, assumindo que o museu atual desenvolve uma preocupação em adequar as suas funções e a sua oferta às necessidades e desejos dos públicos, importa que este espaço tenha presente as suas fragilidades e potencialidades, de modo a poder melhorar e redefinir a sua ação. Desta forma, a realização de uma análise SWOT (como vimos na Figura 21) deve ser realizada pelos responsáveis do Serviço Educativo, para que haja uma análise estratégica sobre os elementos onde se deveria investir no sentido de colmatar as fraquezas existentes e fortalecer a sua intervenção.

Para que haja funcionamento mais eficaz, o Serviço Educativo não deve impor a sua oferta, assim como os públicos não devem impor as suas escolhas. Quer isto dizer que deverá existir um ajuste entre as duas partes, tornando-se essencial uma recolha de opiniões por parte daqueles que usufruem diretamente do espaço museu e Serviço Educativo, com o intuito de melhor se intervir futuramente através de uma reflexão e redefinição das suas práticas e políticas de ação.

8.4. Síntese

O processo de investigação levado a cabo durante o período de estágio foi essencial para podermos compreender a realidade e o funcionamento do Serviço Educativo do MACE. Assim, foram vários os elementos considerados fundamentais para o funcionamento deste serviço, como abordar a realidade dos públicos que usufruem deste museu e dos seus serviços, analisando o número de visitantes desta instituição e do espaço educativo e analisando também opinião destes relativamente à oferta do museu e ao seu funcionamento.

Também importante, foram as práticas desenvolvidas apoiadas em diferentes estratégias de intervenção com o intuito de dinamizar o museu e proporcionar momentos de aprendizagem e de aquisição de conhecimentos aos seus intervenientes e por outro lado, os métodos utilizados para a comunicação e divulgação da oferta, dando a conhecer as práticas educativas disponíveis.

Capítulo 9

Repensar práticas e estratégias

Depois do caminho percorrido ao longo de todo este trabalho de investigação, a informação, os dados recolhidos e o conhecimento apreendido permitem desenvolver uma reflexão sobre os principais indicadores resultantes desta iniciativa, atendendo aos objetivos estabelecidos inicialmente neste estudo. Assim, este capítulo pretende tentar avaliar um conjunto de possíveis estratégias de melhoramento que se foram evidenciando ao longo deste percurso, no sentido de aperfeiçoar as práticas, as estratégias e o funcionamento desta instituição.

Essencialmente este capítulo não se pretende crítico, pretende-se sim sugestivo de modo a que sejam repensados alguns aspetos que possivelmente estejam a ser encarados de forma menos frutífera e conseqüentemente não permitam um funcionamento melhorado e mais ativo. São, pois, sugestões práticas tendentes a melhorar a forma como a instituição atinge os seus objetivos decorrentes do conhecimento obtido durante a realização do estágio. Neste sentido, será feita uma retrospectiva de toda a informação recolhida através dos instrumentos metodológicos previamente selecionados, de modo a se conseguir confrontar ideias e refletir sobre as mesmas.

Posto isto, todo este processo de análise permitirá repensar e apresentar sugestões de melhoria ajustada à comunicação interna e externa realizada pela instituição no sentido de utilizar uma comunicação que consiga fazer chegar à comunidade o leque de ofertas disponíveis, ajustada também à criação de uma equipa permanente que inclua o Serviço Educativo e desenvolva este serviço de forma eficaz, assim como ao programa educativo que deve emergir conjugando os elementos fulcrais de interesse para os públicos-alvo e ainda a avaliação das atividades que por parte dos próprios participantes quer por parte da própria equipa, no sentido de se alcançar um serviço mais dinâmico, ativo e mais produtivo no futuro.

9.1. Comunicação externa

Como vimos, a oferta educativa existente no Serviço Educativo é exposta e divulgada através do envio de um cartaz/folheto por correio eletrónico às escolas (do concelho e concelhos limítrofes) e a outras instituições que incluem a “*mailing list*” do

museu. Além disso, é feito também um contacto telefónico e uma visita presencial às instituições (do concelho) com o intuito de sensibilizar a comunidade (maioritariamente estudantil) a usufruir do leque de ofertas educativas. Este cartaz/folheto contém o nome das atividades, uma pequena descrição e o público-alvo a que se destina.

Embora a política de comunicação do Serviço Educativo se tenha mantido quase inalterável (seguindo as ações desenvolvidas até então) durante o período em que decorreu o estágio, houve algumas alterações no sentido de reforçar e divulgar as práticas educativas do MACE. Foi então que se apostou num cartaz mais apelativo e dinâmico, colocando-se a informação sobre as atividades de modo apelativo, utilizando cores atrativas e elementos caracterizadores que suscitasse o interesse e a curiosidade da comunidade. Além disso, apostou-se ainda em sinopses criativas e sobretudo em atividades interessantes, com o intuito de atrair mais visitantes. A título de exemplo podemos apontar o museu de Serralves (visível na sua página online) que espelha bem a diversidade de atividades existentes, com recurso a uma brochura ilustrada e adaptada ao público que pretende captar.

Como forma de reforçar o envio dos *emails*, apontou-se na ida às instituições como um método mais produtivo e eficaz, que sensibilizaria os utentes para as práticas disponíveis no museu. No decorrer destas visitas, pretendeu-se também afixar um ou mais cartazes cujo programa educativo era destacado, assim como a distribuição de folhetos em locais estratégicos (de convívio, biblioteca...) de modo a que toda a comunidade pudesse contemplar a oferta existente.

Posto isto, torna-se importante referir que a política de comunicação é realmente um recurso no qual esta instituição museológica deve apostar e claro repensar as estratégias. Torna-se de igual modo importante que este museu compreenda que ao investir numa boa comunicação, conseguirá alcançar melhores resultados, isto é, conseguirá fazer “chegar” à comunidade aquilo que tem para oferecer e consequentemente permitirá que esta conheça o que existe e sobretudo que mantenha o interesse e curiosidade em visitar e frequentar as ofertas exibidas.

Nos dias de hoje, com as tecnologias de informação e comunicação tão desenvolvidas, é proveitoso que saibamos retirar partido delas e que consigamos fazer chegar a mensagem aos seus utilizadores. Quer seja mediante uma apresentação interativa, um vídeo expositivo e até o uso da internet e das redes sociais, podem constituir um veículo bastante vantajoso para o museu, no sentido de dar a conhecer o seu “produto” à comunidade. De facto, a própria direção do MACE reconhece que deve

apostar nas redes sociais, como pudemos apurar através da entrevista realizada à responsável técnica pelo museu, apontando que um dos fatores que esta instituição museológica pretende melhorar é a “divulgação/promoção das atividades, começando por utilizar as redes sociais, como o facebook e o twitter”.

Outro método de comunicação bastante usual nos dias de hoje, é a utilização de uma página *online*, cujo interesse maior é a descrição dos serviços oferecidos pelas instituições e o “produto” que pretende “vender”, assim como as ações desenvolvidas, o seu funcionamento, missão e objetivos. Na verdade, o Museu de Arte Contemporânea de Elvas possui uma página *online* que está integrada no *site* da Câmara Municipal de Elvas¹⁹. Ou seja, sendo esta instituição museológica um organismo camarário cuja gestão é efetuada através deste município, a sua página *online* faz parte da oferta cultural oferecida pelo município desta cidade. Ao explorarmos o conteúdo deste espaço, deparamo-nos com informação relacionada com a instituição, a sua história, entre outras coisas. No entanto, o que nos interessa aqui ressaltar é a informação que respeita ao Serviço Educativo, e de facto este serviço é contemplado através de uma abordagem ao seu funcionamento, à sua missão e objetivos, destinando um *pdf* para o programa educativo, onde se encontram expostas as práticas educativas oferecidas. Não obstante, este programa durante o período em que o estágio decorreu não foi atualizado, estando disponível um programa bastante antigo e desatualizado.

Fazendo uma pesquisa genérica a *sites* de outros museus de arte contemporânea ou de outro tipo de arte²⁰, podemos encontrar páginas muito apelativas que tentam captar a atenção e a curiosidade de quem explora, permitindo à comunidade perceber as atividades já realizadas (com recurso a ilustrações através de vídeos, fotografias ou mesmo os objetos que advêm das atividades), as atividades existentes e claro toda a oferta disponível. Neste âmbito, reformular a página *online* do Serviço Educativo do MACE aponta-se como uma sugestão pertinente a considerar futuramente pela gestão do museu, de modo a conseguir usufruir de mais um instrumento de comunicação e divulgação dos seus serviços.

¹⁹ www.cm-elvas.pt

²⁰ Como por exemplo o *site* da Fundação de Serralves: www.serralves.pt ou do Museu Nacional de Arqueologia: www.mnarqueologia-ipmuseus.pt.

9.2. Equipa do serviço educativo

Ao longo do estágio apurou-se também a inexistência de uma equipa permanente e qualificada que se dedicasse inteiramente ao Serviço Educativo. Este facto remete-nos para um conjunto de questões, nomeadamente para a pertinência das práticas desenvolvidas neste serviço, assim como a qualidade do serviço oferecido. Se nos apoiarmos nos objetivos do Serviço Educativo definidos pelo museu, verificamos que estes “exigem” o desenrolar de programas educativos tendo em conta o meio geográfico, antropológico e sociocultural. Quer isto dizer que deverá haver um trabalho de “campo”, de recolha de informação que proporcione a emergência de práticas educativas enquadradas com as necessidades e aspirações que o público que se pretende fidelizar manifesta. Por outro lado, o profissional que desenvolve funções no espaço educativo do museu terá de realizar também um trabalho prévio de pesquisa acerca dos artistas, das obras e do tema da exposição em vigor, no sentido de originar um programa de qualidade, cuja interação com as obras esteja patente.

Para que haja um serviço de qualidade, é importante que se saiba investir em estratégias bem definidas, é importante conseguir conhecer a população com a qual se pretende trabalhar, é importante recolher informação sobre o que se pretende explorar, é importante criar práticas educativas que proporcionem momentos de aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos aos visitantes. Neste sentido, ter um profissional de educação a desenvolver um trabalho desta índole, reflete o desenrolar de práticas mais produtivas.

9.3. Programa educativo

Relativamente à construção do programa educativo, é importante ter em atenção não só os objetivos, como os conteúdos que se pretende assinalar e também as faixas etárias a que se destinam as ações educativas. Para que o público já fidelizado continue a manter o interesse em frequentar este espaço, deverá haver uma preocupação em planificar, estruturar e inovar as visitas e as atividades eficazmente. Esta preocupação em manter um serviço atualizado e dinâmico deverá atentar numa perspetiva de que o visitante é ativo e conseqüentemente interativo, podendo levantar questões que estimulem o raciocínio e o pensamento crítico na aquisição de conhecimentos. Por isso, é importante que este serviço continue a apostar em visitas/jogo ou visitas temáticas,

onde a abordagem aos conteúdos expostos seja mais interativa e dinâmica, cativando assim a atenção e a curiosidade dos participantes.

9.4. Públicos do serviço educativo

Importante também seria o facto de os responsáveis pelo Serviço Educativo repensarem as estratégias de captação de público e investirem em algo mais diversificado. De facto, como pudemos constatar anteriormente, a maioria dos frequentadores deste espaço educativo fazem parte da comunidade escolar e visitam o museu através de visitas escolares. De modo a diversificar o tipo de utilizadores que usufrui da oferta existente, o Serviço Educativo poderia apostar em práticas que captassem a atenção de diferentes públicos, como equipas de trabalho, famílias, grupos de amigos, universidades, entre outros. Para tal, poderia apostar-se em festas de aniversário com atividades permanentes e ajustáveis ao que o visitante pretende ou até atividades cujo intuito seja reunir várias gerações como avós e netos.

Na verdade, uma vez que o público escolar que integra as escolas do concelho usufrui regularmente deste serviço, este último deveria criar estratégias no sentido de captar outro tipo de utilizadores (como referido anteriormente). Para tal, deveria haver um trabalho de investigação que culminasse com o conhecimento sobre o público-alvo, de forma a se criar iniciativas que levem os diferentes utilizadores a frequentar regularmente esta instituição. A título de exemplo, o serviço educativo a fim de obter um conhecimento sobre o público que pretende alcançar, deveria realizar um inquérito ou até deslocar-se até estes no seio do seu quotidiano (universidade, local de trabalho, centros de convívio, ...) estabelecer um contacto informal que permitisse aferir sobre as potencialidades, necessidades e desejos desses indivíduos de modo a que posteriormente fossem criadas ou ajustadas iniciativas direcionadas para esses públicos específicos.

9.5. Avaliação das atividades

Outro aspeto que esteve bastante evidente durante todo o processo de investigação foi o facto de não se verificar a existência de um método de avaliação referente apenas ao Serviço Educativo, o qual é essencial nos dias de hoje, perante a exigência dos públicos e a concorrência existente sob forma de diferentes motivos de distração (quer seja a internet, a televisão, os jogos de computador, consolas, entre outros). Ou seja,

considerando que “todos os projetos contêm necessariamente um “Plano de Avaliação” que se estrutura em função do desenvolvimento do projeto e é acompanhado de mecanismos de auto-controlo que permitem, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e os efeitos da intervenção e corrigir as estratégias caso estas sejam indesejáveis.” (Guerra, 2002:175). Posto isto, apraz-nos referir que a aplicação do método da avaliação é fundamental para cada uma das atividades desenvolvidas, de modo a se conseguir apurar o *feedback* dos participantes. Não só para se fazer uma avaliação relativamente aquilo que se colocou em prática, mas sobretudo para se corrigir estratégias e ações, no sentido de “aprender fazendo” e melhorar futuramente as práticas de intervenção. Na verdade, pudemos verificar este facto através da aplicação dos questionários aos utilizadores do serviço educativo no decorrer deste trabalho de investigação, uma vez que os inquiridos revelaram por exemplo, que a duração das atividades poderia ser um aspeto a ser melhorado futuramente, ou seja que a duração das atividades deveria ser aumentada de modo a permitir a realização das atividades na íntegra. É uma informação importante que os responsáveis devem considerar futuramente aquando da planificação das atividades e ações por forma a adequar e melhorar práticas vindouras deste serviço.

Existem diversas maneiras de se conseguir extrair a opinião dos participantes, quanto às ações levadas a cabo pelo espaço educativo do museu, quer seja de uma forma mais usual (com recurso a um inquérito de opinião), de uma forma mais dinâmica (utilizando sorrisos numa escala com o grau de satisfação) ou até através do diálogo e focando pontos fortes e fracos. A realização deste tipo avaliação permite que os públicos que frequentam o Serviço Educativo sejam ativos na escolha das práticas educativas, nomeadamente demonstrando a sua análise crítica (positiva ou negativa) quanto às atividades que experimentaram. Posteriormente, estas informações serão analisadas pela equipa responsável por este serviço (de modo a se compreender o que esteve menos bem no decorrer das atividades) e conseqüentemente serão alteradas no sentido de se aperfeiçoar e melhorar o que tem vindo a ser realizado.

Deve ser considerada não só a avaliação efetuada pelos participantes do Serviço Educativo (avaliação externa), mas deve também ser realizada uma avaliação pelos próprios técnicos do museu e em concreto deste serviço (avaliação interna), através da realização de encontros entre a equipa, antes e após a execução das práticas. É importante que além da visão que os participantes têm deste serviço, haja também uma perceção do que se faz internamente, no sentido de se elevar cada vez mais a qualidade

dos serviços prestados à comunidade e por consequência existir uma prática avaliativa efetiva.

Por conseguinte, ao serem aplicados os inquéritos aos utilizadores do Serviço Educativo, apurou-se quanto aos aspetos menos positivos deste espaço, que as debilidades mais evidentes são sobretudo a duração das atividades, por considerarem pouco tempo para a execução das mesmas e o aproveitamento do espaço. De facto, relativamente às limitações de tempo no decorrer das atividades, existe um fator externo à instituição museológica que se prende com o transporte, isto é, para que as escolas do concelho consigam usufruir deste espaço necessitam de se deslocar ao museu com transporte, que normalmente é cedido pela Câmara Municipal. Estes, por sua vez efetuam outros transportes, o que condiciona o horário das visitas. Não obstante, seria proveitoso para o museu encontrar uma solução para esta fraqueza. Já quanto ao aproveitamento do espaço, este aspeto deveria ser tido em conta também pela equipa e pelo próprio museu, de modo a que se consiga tirar um maior partido dos recursos existentes.

Capítulo 10

Conclusão

Os museus, para além da tradicional função de conservar e expor, têm também adjacente a função educativa, pretendendo em simultâneo construir e transmitir conhecimento. Este facto remete-nos para um Serviço Educativo essencialmente mediador entre o museu e os públicos, que estabelece uma ponte e uma ligação entre os objetos e aqueles que os observam e interagem com eles e o qual integra os museus de modo geral seja qual for o seu âmbito (arqueológico, etnográfico, contemporâneo, etc).

Por conseguinte, considerando as mutações ocorridas nos museus ao longo das últimas década, acompanhando as mudanças sociais a vários níveis (organizacional, político, sociológico, etc.) e (re)adaptando as suas funções não só de recolha, conservação e exibição de objetos, mas também de transmissão e produção de conhecimentos. É neste âmbito que o espaço educativo emerge como um serviço que aproxima e estabelece uma relação entre o museu e o visitante. Neste sentido, o propósito principal deste estudo pretendeu compreender até que ponto a emergência do Serviço Educativo se constituiu um elemento inovador para o Museu de Arte Contemporânea de Elvas, permitindo uma aproximação dos públicos a este espaço museológico. A investigação foi realizada com recurso a um estágio que coincidiu com um estágio profissional, que permitiu uma intervenção “*in loco*” e que possibilitou também implementar mudanças neste serviço tentando melhorá-lo e torná-lo mais eficiente e com mais qualidade.

Os vários meses de estágio no MACE tiveram associados vários objetivos, entre os quais identificar as estratégias utilizadas pelo Serviço Educativo que permitem a aproximação da comunidade ao museu; compreender os interesses e as motivações que os visitantes manifestam durante as práticas educativas; averiguar a forma como o espaço educativo é encarado pela gestão do museu e ainda avaliar as práticas educativas desenvolvidas e conseqüentemente sugerir formas de alteração/melhoramento das mesmas. No entanto, o objetivo principal deste estudo pretendeu uma investigação exaustiva que permitisse responder à questão de partida “*O Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Elvas constitui-se como um elemento estratégico inovador de mediação entre o museu e os públicos?*”. Na verdade, todo o processo de recolha e análise de informação inerentes ao objeto em estudo permitiram aferir sobre a realidade

desta instituição e sobre os serviços a ela associados. E de facto, o museu tendo que se adaptar às alterações ocorridas ao seu conceito, às suas funções e necessidades teve que se adaptar criando uma atitude dinâmica e inovadora, o que conduziu à introdução do Serviço Educativo no museu, o qual se traduziu como uma inovação organizacional, cujo objetivo pretende aproximar o museu à comunidade com recurso a diferentes estratégias, como a criação de uma oferta educativa que se deseja apelativa e interessante de modo a atrair visitantes. Neste sentido, além desta inovação (organizacional), o museu alberga um conjunto de outras inovações quando inaugura uma nova exposição, com novos elementos, novos artistas, etc. (inovação de produto); quando utiliza novos métodos para produzir a sua oferta (inovação de processo) e até quando desenvolve o processo de comunicação, dando a conhecer a sua oferta e tentando “chegar” à comunidade (inovação de marketing).

Para uma melhor investigação foi necessário conhecer para agir, isto é, para que a intervenção fosse mais eficaz foi fundamental realizar um trabalho de campo com recurso a visitas guiadas, visitas/jogo, à execução das atividades, à elaboração e planificação dos programas educativos e também através da recolha de testemunhos internos e externos. Todo o trabalho prático desenvolvido possibilitou um contacto com o público, permitindo conhecer as suas motivações e interesses, assim como as suas limitações e dificuldades no decorrer das práticas educativas. No entanto, esta investigação não assumiu apenas contornos práticos, mas também teóricos, os quais compõem a Parte I deste estudo. Houve ainda uma pesquisa realizada acerca do museu, da sua história e funcionamento, dos seus objetivos, práticas e políticas. O presente documento é fruto de todo este trabalho teórico e prático.

Este trabalho de investigação permitiu ainda aferir sobre a gestão levada a cabo pela direção do museu e sobre o funcionamento do espaço educativo do MACE, o qual evidenciou a existência de algumas lacunas no seio do seu funcionamento. Na verdade, estas carências foram analisadas e emergiram novas estratégias para as colmatar, contactando-se instituições escolares e associativas, apostando-se na diversificação de públicos com diferentes características, investido numa programação mais apelativa e interessante que cativasse a atenção dos utentes, elaborando cartazes atrativos que despertassem a curiosidade dos públicos e investindo em diferentes formas de comunicação, fazendo “chegar” à comunidade a oferta existente no museu. Não obstante, importa ter presente a realidade dos recursos existentes no museu (quer materiais, quer humanos, financeiros ou logísticos). Estes apontavam-se muitas vezes

como limitados, não havendo muita margem para apostar em algo muito diferente, sobretudo para divulgação da oferta existente, ou para a dinamização de novas ações mais abrangentes (como workshops e formações).

Ao longo do estágio foram realizadas diversas iniciativas educativas (já referidas ao longo deste estudo, nomeadamente no capítulo 8), as quais foram desenvolvidas considerando as competências do Serviço Educativo. Tentou-se apostar num serviço de qualidade, melhorando práticas, reforçando estratégias e criando novas ações. As ações desenvolvidas expressam o resultado de um processo de investigação que visa enriquecer e diversificar a oferta educativa e estreitar laços com a comunidade local. Os próprios objetivos deste serviço estiveram sempre presentes neste processo, nomeadamente dinamizar o museu, sensibilizar a comunidade local, integrar a produção artística nas problemáticas da sociedade contemporânea, facilitar a familiaridade com os objetos artísticos, criar o gosto pela frequência do museu e fidelizar públicos, através de experiências educativas e ativas que estimulem o pensamento crítico e proporcionem novas aprendizagens ao visitante.

Todo o trabalho desenvolvido no local em contacto com a realidade em estudo possibilitou uma análise no sentido de se repensar e apresentar sugestões de melhoria ajustada às práticas levadas a cabo por este serviço. Assim, foram sobretudo questões relacionadas com o processo de comunicação efetuado pela instituição no sentido de fazer chegar ao público a sua oferta que poderá eventualmente ser ajustado; com a criação de uma equipa que se dedique apenas a este serviço tornando-o mais eficaz; com a emergência de um programa educativo que inclua e conjugue os elementos fulcrais para o seu sucesso; com a aposta num público mais diversificado e com um método de avaliação das atividades que permita refletir sobre as práticas desenvolvidas. Refira-se ainda que as sugestões apresentadas pretendem apenas realçar aspetos que podem ser melhorados futuramente, com o intuito de se garantir um melhor trabalho.

A título pessoal, as aprendizagens e os benefícios deste estudo foram bastante produtivos. Na verdade a aquisição de conhecimentos acerca do funcionamento do museu, dos públicos, da educação, da utilidade do serviço educativo e da própria ligação do museu à comunidade, enriqueceram os conhecimentos prévios a nível pessoal e profissional. Ainda assim, competências como a autonomia, a gestão de recursos, o contacto com diversos profissionais, o contacto com a comunidade, a programação e a própria intervenção social foram desenvolvidas ao longo deste processo, e foram sem dúvida fundamentais para o crescimento pessoal, académico e profissional. Por outro

lado, também a instituição beneficiou com este trabalho de investigação, refletindo-se este facto nas alterações das práticas educativas e no funcionamento do Serviço Educativo.

Todo este percurso possibilitou uma recolha de informação associada à prática desenvolvida pelo Serviço Educativo do MACE, pretendendo-se sobretudo averiguar se na realidade a emergência deste serviço se traduz numa inovação estratégica, que permite uma aproximação com os públicos, assumindo um papel de mediador e facilitador desta relação entre o museu e a comunidade. E de facto, este serviço por si só constitui um veículo de aproximação de públicos ao museu, apoiando-se em várias estratégias de intervenção, estas sim inovadoras. Na verdade, este processo de investigação contou com algumas limitações, as quais correspondem a questões de natureza mais prática, como a disponibilidade dos utilizadores para responder ao inquérito utilizado para este estudo ou restrições para os recursos disponíveis para a realização das atividades.

Este tipo de investigações são bastante frutíferas, uma vez que nos permitem compreender melhor o funcionamento deste tipo de instituições, assim como a sua importância no seio da sociedade. Estes estudos constituem-se um desafio bastante aliciante, possibilitando-nos a aquisição de novos conhecimentos.

Bibliografia

ALMEIDA, J. A. R. (2009); Museu de Arte Contemporânea de Elvas, um destino cultural; In: *Coleção António Cachola. Museu de Arte Contemporânea de Elvas*; Câmara Municipal de Elvas.

ANDERSON, G. (2004); *Reinventing the Museum: historical and contemporary perspectives on the paradigm shift*; Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.

BARRIAGA, S.; SILVA, S. G. (2007); *Serviços Educativos na Cultura*; Porto: Setepés.

BARROS, A. B. (2008); *De Corpo e Alma: narrativas dos profissionais de educação em museus da cidade do Porto*; Dissertação de Mestrado em Museologia; Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BOLAÑOS, M. (2002); *La Memória del Mundo – cien años de museologia 1990-2000*; Cijón: Editores Trea.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. (1985); *L'amour de l'art*; Paris: Les Editions de Minuit.

CAMACHO, C. F. (2007); Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e Perspetivas; In: *Serviços Educativos na Cultura*; Porto: Setepés.

COELHO, M.C.P. (1996); *Da origem dos Museus, do seu conteúdo, arquitetura e livre acesso*; Brotéria: Cultura e Informação.

CLASE (2005); *Diagnóstico Social do Concelho de Elvas*; Câmara Municipal de Elvas.

COSTA, M. M. G. F. C (1996); *Museus e Educação - contributo para a história e para a reflexão sobre a função educativa dos museus em Portugal*; Universidade de Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

DAMANPOUR, F. (1987); The Adoption of Technological, Administrative, and Ancillary Innovations: Impact of Organizational Factors. *Journal of Management*, 13, pp. 675-688.

DAVALLON, J. (1997); O Papel e a missão de um centro de estudos sobre os utilizadores de museus e a interpretação do Património Cultural; In: *Cadernos Encontro O Museu, a Escola e a Comunidade*; CESC e IEC-UM; pp. 21-30.

DUARTE, A.; VITOR, I. (1996); Os Serviços Educativos e as Atividades de extensão cultural nos museus. O Caso dos Museus Municipais de Setúbal; In: *Cadernos de Sociomuseologia n.º8*.

FARIA, M. L. (2001); A Função Social dos Museus; In: Domingues, Álvaro; *A Cultura em ação: impactos sociais e território*; Porto: Afrontamento.

FELGUEIRAS, M. L. (2000); O Museu da Escola Primária no Porto; In: *Educação em Revista n.º 31*; Belo Horizonte.

FORTUNA, T. R.; *O museu em jogo*; [acesso a 07/04/2012]; Disponível em: <http://www.museu.ufrgs.br/admin/artigos/arquivos/artigotaniafortuna.pdf>

GAMA, R. (s/d); *Sistema de Inovação, Indústria e Território: reflexões tendo por base os Centros Tecnológicos*; [Acesso em 27/05/2012]; Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/ieg/ieg/pdfs/CG17.pdf>

GUERRA, I.; (2002); *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção*; Estoril; Edições Principia.

GONÇALVES, R. M.; FRÓIS, J. P.; MARQUES, E. (2002); *Primeiro olhar*; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HOMS, M. I. P. (2007); *Pedagogía museística. Nuevas perspectivas y tendencias culturales*; Barcelona; Ariel Patrimonio.

HOOPER-GREENHILL, E. (1998); *Los museus y sus visitantes*; Madrid; Ediciones Trea.

LEMOS, C. (1999); Inovação na era do conhecimento; In: LASTRES, H.; ALBAGLI, S. (Orgs.); *Informação e Globalização na era no conhecimento*; Rio de Janeiro, Campus. [Acesso a 27/05/2012]; Disponível em <http://www.autenticaeditora.com.br/download/capitulo/20111109120638.pdf>.

MANTAS, H. A. S. (s/d); *Brincar e Aprender*; Serviço Educativo Museu de S. Roque [acesso em 22/09/2011]; Disponível em http://ww3.scml.pt/media/revista/rev_15/Serv_Educativo.pdf

MOREIRA, J. M. M. (1989); *Museus e Monumentos em Portugal 1772-1979*; Lisboa: Coleção Temas de Cultura Portuguesa nº 14; Universidade Aberta.

MUCHACHO, R. (s/d); *Museus virtuais: A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico*; Livro de Actas – 4º SOPCOM; [acesso em 07/02/2012]; Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/muchacho-rute-museus-virtuais-importancia-usabilidade-mediacao.pdf>.

NABAIS, A. J. C. e CARVALHO, J. M. C. (1993); O discurso expositivo; In: *Iniciação à museologia*; Lisboa: Universidade Aberta.

PEREIRA, F. A. B. (1995); Serviços Educativos dos museus portugueses: Que perspectivas? Que carreiras? Que técnicas?; In: *Atas do 1º Encontro Nacional sobre Museologia e Educação*; Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal/ MINOM (Movimento para uma Nova Museologia).

PINHARANDA, J. L. (2007); Uma Coleção em Progresso – da necessidade da Coleção António Cachola; In: *Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Coleção António Cachola. Um Roteiro*; Câmara Municipal de Elvas.

Idem (2009); Primeiro balanço de um novo Museu, In: *Coleção António Cachola. Museu de Arte Contemporânea de Elvas*; Câmara Municipal de Elvas.

OECD (2005); *Oslo Manual – Guidelines For Collecting And Interpreting Innovation Data*; 3rd edition; OECD; Paris.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. (1998); *Manual de Investigação em Ciências Sociais*; Gradiva; Lisboa.

ROQUE, M. I. R. (1990); *A Comunicação no Museu*; Dissertação Final do Curso de Pós Graduação em Museologia e Património Artístico; Universidade Lusíada de Lisboa.

SILVA, R. H. (2002); *Os museus: história e perspectiva*; In: Peres, F; Panorama da cultura portuguesa no séc. XX; Arte(s) e Letras II; Porto: Edições Afrontamento e Fundação Serralves.

SILVA, S. G. (2007); Enquadramento teórico para uma política educativa nos Museus, In *Serviços Educativos na Cultura*; Porto: Setepés.

Legislação Consultada

Decreto-Lei nº 20.985 de 7 de Março de 1932

Decreto-Lei nº 55/2001 de 15 de Fevereiro

Decreto nº 46758 do Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia de 20 de dezembro de 1965

Lei 45/80 de 20 de Maio

Lei 47/2004 de 19 de Agosto

Lei 55/2001 de 15 de Fevereiro

Regulamento Interno do Museu de Arte Contemporânea de Elvas

Sites consultados

www.cm-elvas.pt [acesso em 05 junho 2012]

www.serralves.pt [acesso em 23 julho 2012]

www.mnarqueologia-ipmuseus.pt [acesso em 23 julho 2012]

www.museudaimprensa.pt [acesso em 23 julho 2012]

www.museuberado.pt [acesso em 23 julho 2012]

www.museu-caramulo.pt [acesso em 23 julho 2012]

www.iapmei.pt [acesso em 10 agosto 2012]

www.ufrgs.br/faced/extensao/brincar [acesso em 27 maio 2012]

<http://www.museu.ufrgs.br/admin/artigos/arquivos/artigotaniafortuna.pdf> [acesso a 07 abril 2012]

<http://www1.ci.uc.pt/ieg/ieg/pdfs/CG17.pdf> [acesso em 27 maio 2012]

<http://www.autenticaeditora.com.br/download/capitulo/20111109120638.pdf> [acesso em 27 maio 2012]

http://ww3.scml.pt/media/revista/rev_15/Serv_Educativo.pdf [acesso em 22 setembro 2011]

<http://bocc.ubi.pt/pag/muchacho-rute-museus-virtuais-importancia-usabilidade-mediacao.pdf> [acesso em 07 fevereiro 2012];

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/283/192> [acesso em 22 setembro 2011]

<http://www.educacao-artistica.gov.pt/interven%C3%A7%C3%B5es/raquelribeirosantos.pdf> [acesso em 22 setembro 2011]

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/312/221> [acesso em 04 fevereiro 2012]

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8192.pdf> [acesso em 30 agosto 2012]

<http://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/proj/arte/museus/museus-educacao.pdf> [acesso em 25 outubro 2011]

Anexos

Anexo I

Questionário aplicado aos utilizadores do MACE

Inquérito aos utilizadores do MACE

Este inquérito foi elaborado no âmbito de um trabalho de investigação sobre o **Serviço Educativo no Museu de Arte Contemporânea de Elvas (MACE)**, por uma aluna de mestrado da Universidade de Évora. O inquérito é anónimo e confidencial.

Muito obrigado pela sua participação!

1. **Sexo** 1. Masculino 2. Feminino

2. **Idade** (anos)

3. **Localidade de residência** _____ **ou Código Postal**

4. **Nível de escolaridade:**

- | | | | |
|----------------------------------------------|--------------------------|---------------------------------------|--------------------------|
| 1. Apenas sei ler e escrever | <input type="checkbox"/> | 3. 3º Ciclo do Ensino Básico (9º Ano) | <input type="checkbox"/> |
| 2. Pré-escolar | <input type="checkbox"/> | 4. Ensino Secundário (12º Ano) | <input type="checkbox"/> |
| 3. 1º Ciclo do Ensino Básico (4ª classe/ano) | <input type="checkbox"/> | 5. Ensino Superior | <input type="checkbox"/> |
| 4. 2º Ciclo do Ensino Básico (6º Ano) | <input type="checkbox"/> | 6. Outro _____ | |

5. **É a primeira vez que visita o MACE?**

1. Sim 2. Não

6. **O que o levou a visitar o MACE? (Assinalar apenas uma opção)**

- | | | | |
|-----------------------------|--------------------------|------------------------------------------|--------------------------|
| 1. Interesse pela exposição | <input type="checkbox"/> | 4. Pela programação do serviço educativo | <input type="checkbox"/> |
| 2. Por curiosidade | <input type="checkbox"/> | 5. Pela cafetaria | <input type="checkbox"/> |
| 3. Visita através da escola | <input type="checkbox"/> | 6. Outro _____ | |

7. **Conhece o Serviço Educativo do MACE?**

1. Sim 2. Não

7.1. **Se a sua resposta foi sim, como teve conhecimento deste espaço?**

- | | | | |
|---------------------------------|--------------------------|------------------------------|--------------------------|
| 1. Pela divulgação dos cartazes | <input type="checkbox"/> | 4. Através de professores | <input type="checkbox"/> |
| 2. Pela internet | <input type="checkbox"/> | 5. Durante a visita ao museu | <input type="checkbox"/> |
| 3. Através de amigos | <input type="checkbox"/> | 6. Outro _____ | |

8. **Já participou nas atividades do Serviço Educativo?**

1. Sim 2. Não

8.1. **Se a sua resposta foi sim, o que o levou a participar? (Assinalar apenas uma opção)**

1. Interesse pelas atividades
2. Apenas curiosidade
3. Participei através de uma visita escolar
4. Incentivo por parte dos meus pais/amigos
5. Outro _____

8.2. Se a sua resposta foi não, porque não o fez? (Assinalar apenas uma opção)

1. Falta de interesse pelas atividades
2. Não tenho curiosidade
3. Não tenho conhecimento
4. Não considero importante

9. E o que achou das atividades do Serviço Educativo?

1. Não entendi para que serviam
2. Gostei pouco
3. Interessantes
4. Gostei muito

10. As atividades do Serviço Educativo influenciam a sua ida ao MACE?

1. Não, porque costumo visitar o museu habitualmente
2. Sim, a programação do Serviço Educativo deixou-me curioso
3. Sim, porque me permite explorar/compreender melhor a exposição
4. Não, não vejo qualquer relação

11. Indique aspetos positivos do Serviço Educativo do MACE:

1. Convívio
2. Aprendizagem de novos conhecimentos
3. Interesse em frequentar este espaço futuramente
4. Atividades interessantes e dinâmicas
5. Outro _____

12. Indique aspetos negativos do Serviço Educativo do MACE:

1. Aproveitamento do espaço
2. Aprendizagem de novos conhecimentos
3. Motivação por parte dos monitores
4. Atividades desinteressantes
5. Outro _____

Obrigado pela colaboração!

Anexo II

Guião de entrevista realizada à direção do MACE

<u>Blocos</u>	<u>Objetivos</u>	<u>Questões</u>
Enquadramento do estudo	- Caracterizar o Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Elvas.	- Como estudante do 2º ano do Mestrado de Políticas Públicas e Projetos da Universidade de Évora e a estagiar neste museu, pretendo averiguar algumas especificidades, assim como o funcionamento desta instituição, para que possa desempenhar um trabalho mais completo. Agradeço a sua disponibilidade em responder a estas questões, garantindo a sua confidencialidade.
<u>Bloco A</u> Relação do entrevistado com a Instituição	-Caracterizar a diretora do MACE e a sua relação com a instituição;	A1 – Quais as suas habilitações académicas e a sua área de especialização? A2 – Há quanto tempo exerce este cargo? A3 - Que funções desempenhava anteriormente? A4 – Que funções específicas desempenha no MACE? A5 – Desde que deu início à sua atividade, como analisa a evolução do MACE?
<u>Bloco B</u> Funcionamento do Serviço Educativo do MACE	- Conhecer as funções do Serviço Educativo; -Práticas educativas; - Competências do educador;	B1 – No seu entender o museu é ou não um espaço de educação e de aprendizagem? B2 – De que forma? B3 – Considera fundamental a existência do S.E. para a relação entre o museu e os públicos? Porque? B4 - Que estratégias são utilizadas pelo S.E. para que haja uma maior aproximação com o público e consequente fidelização dos mesmos? B5 – Relativamente às práticas educativas que têm vindo a ser desenvolvidas no Serviço Educativo, acha que têm correspondido às expectativas? Porquê? B6 – Portanto, acha que as atividades do S.E. influenciam a ida dos visitantes ao Mace? B7 – No que respeita aos públicos afetos ao S.E. existem razões específicas que influenciem a sua escolha? (razões financeiras/estratégicas) B8 - Considera este serviço, como um serviço inovador para o museu? Porque? B9 - Comparando o S.E. do MACE com outros S.E. de museus idênticos (como Culturgest, Serralves) o que tem a dizer? B10 - O que acha que poderia melhorar?

Anexo III

Cartaz do programa educativo referente à exposição “*Staging the Archive*”

Programa Serviço Educativo

MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE ELVAS



COLEÇÃO
ANTÓNIO
CACHOLA

Exposição "Staging the Archive"

OBRAS À SOLTA

Em equipa vamos olhar, investigar, explorar e até desvendar obras de arte.
Público-alvo: 3º Ciclo e Ensino Secundário, com marcação prévia

A MAGIA DAS PALAVRAS

Todas as palavras são mágicas sempre que transportam a simplicidade do nosso ser. Através da obra 'Lista de Verbos' de João Leonardo vamos ter a oportunidade de usar a nossa criatividade jogando com as palavras.
Público-Alvo: Universidade Sénior, com marcação prévia



SOMBRAS E CHOCOLATES

Pode o mundo ser feito de sombras e chocolates?
Pode ser feito de contrastes?
E o teu mundo? Que cores tem? Quem lá habita? O que guarda?
Vem mostrar-nos os teus segredos!
Público-alvo: Pré-escolar e 1º ciclo, com marcação prévia

FOTOGRAFIA NA PONTA DOS DEDOS

Revela o fotógrafo que há em ti registando a tua passagem pelo MACE, construindo uma fotografia personalizada, onde poderás usar a tua criatividade e tornar-te um artista de verdade!
Público-Alvo: 2º e 3º ciclo, com marcação prévia

E TU JÁ COMUNICASTE HOJE?

Comunicar faz parte de nós, é tao natural como comer ou dormir.
Estamos sempre em comunicação seja através do nosso corpo,
das nossas acções, expressões, linguagem ou até gestos...
Vem daí e comunica connosco!
Público-alvo: 2º Ciclo, com marcação prévia

PEGADAS FOTOGRÁFICAS

Seguindo as pegadas da fotografia iremos construir uma máquina
fotográfica artesanal, que irá assinalar este momento...
Público-Alvo: Público em geral, com marcação prévia



MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE ELVAS



Mecenias



BPI



Contactos:

e.: museu.arte.contemporanea@cm-elvas.pt

Tel.: 268637150

Anexo IV

Cartaz do programa educativo referente às férias de natal

PROGRAMAÇÃO SERVIÇO EDUCATIVO

FÉRIAS DE NATAL

MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE ELVAS 

Horário:

20 e 27 Dezembro às 15H

21, 22, 28 e 29 Dezembro às 11H e às 15H

Árvore dos desejos...

O MACE tem uma árvore de natal mágica à tua espera!
Vem ajudar-nos a decorá-la com os teus desejos.
Público-Alvo: dos 6 aos 14 anos, com marcação prévia

Aleg(o)ria de Natal...

O Natal não é todos os dias, é uma época especial onde hábitos e tradições se repetem todos os anos. Por isso, vem contar-nos o que associas ao teu Natal vestindo a pele de um verdadeiro artista.
Público-Alvo: Público em geral, com marcação prévia

O Postal dos teus sonhos...

Já cheira a Natal... e nem sempre podemos estar com quem mais gostamos nesta quadra. Mas podemos deixar a nossa marca...
Público-Alvo: Pré-escolar, com marcação prévia

Atenção! O Natal está a chegar...

Vamos noticiar a chegada do natal usando a nossa imaginação e espalhando a boa nova por toda a parte!
Estás preparado para este desafio?
Público-Alvo: dos 6 aos 14 anos, com marcação prévia



Mecenas:



Contactos:

Tel.: 268 637 150

e.: museu.arte.contemporanea@cm-elvas.pt

Anexo V

Cartaz do programa educativo referente à exposição “*Génesis*”

Programação Serviço Educativo

Exposição "Génesis"- Coleção António Cachola

MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE ELVAS



COLEÇÃO
ANTÓNIO
CACHOLA

VISITAS GUIADAS

Visite a exposição "Génesis" a partir da coleção António Cachola, com início a 28 de Janeiro até 2 de Setembro de 2012

Horário:
11:00h às 12:00h e das
15:30h às 17:00h

Público-Alvo:
Público em geral (mínimo 5 pessoas)

VISITAS TEMÁTICAS

Quanto tempo o tempo tem?

Achas que o tempo é mágico? O que será isso do tempo que toda a gente fala mas ninguém conhece? Junta-te a nós e conta-nos o que é para ti o tempo.

Público-Alvo: Público Geral, com marcação prévia

Ideias Trocadas

Palavras...Ideias...Arte...Simbolismo...e criatividade são os ingredientes necessários para uma receita ideal, cheia de emoção.

Público-Alvo: Público Geral, com marcação prévia

OFICINAS

Retrat'Arte

Seguindo a arte de Bruno Pacheco, vamos criar a nossa obra de arte, tendo como suporte a fotografia. Mas atenção, esta fotografia é especial, onde tu e os teus amigos vão ser os protagonistas.

Público-Alvo: 1º, 2º e 3º ciclo, Ens. Sec., Famílias com marcação prévia

Com as mãos na massa...
Com base na obra de Manuel Rosa, convidamos-te a por as "mãos na massa" para que possas criar e personalizar a tua própria obra de arte, onde o barro será o teu aliado. Estás preparado para entrar nesta aventura?

Público-Alvo: Pré-escolar, com marcação prévia

Caixinha de Paisagens

Será uma floresta? Uma cidade com prédios altos? Uma praia com palmeiras? ou um campo florido? Com base nas obras de alguns artistas, tais como Pedro Calapez, Nuno Cera, entre outros, vem dar asas à tua imaginação construindo uma paisagem na tua caixinha surpresa.

Público-Alvo: 2º e 3º ciclo, com marcação prévia

Nem tudo o que parece é!

Achas que as obras de arte se mexem sozinhas? Ou será a nossa imaginação a funcionar? Às vezes olhamos para a arte e parece-nos uma coisa...mas na realidade...pode ser outra... Vem ter connosco e diz-nos o que vês!

Público-Alvo: 1º, 2º e 3º ciclo, com marcação prévia

VISITA/JOGO

Uma Aventura no MACE
Em equipa vamos explorar e desvendar obras de arte numa alucinante e divertida viagem pelo MACE.

Público-Alvo: Ens. Secundário e Ens. Superior, com marcação prévia

Em Busca da Arte Perdida

Ups, o MACE precisa de ti! Vem ajudar-nos a encontrar as obras de arte que se encontram perdidas no museu.

Público-Alvo: 3º ciclo, com marcação prévia

Contactos:

e.: museu.arte.contemporanea@cm-elvas.pt

Tel.: 268 637 150

CÂMARA
MUNICIPAL DE
elvas

Mecenas:



Anexo V

Cartaz do programa educativo referente às férias da páscoa

Programação Serviço Educativo

22 DE FEVEREIRO 2012

FÉRIAS DE CARNAVAL!

MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE ELVAS



COLECCAO
ANTONIO
CACHOLA

Magia... **A**ventura... **C**arnaval... **E**ntre!

É carnaval e como ninguém leva a mal...
vem à cafetaria do MACE e cria a tua personagem!
Público-Alvo: Público em geral



Mecenas:



Contactos:

Tel: 268 637 150

e.: museu.arte.contemporanea@cm-elvas.pt